

**UNIÃO NACIONAL DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS
UNAT-BRASIL**



**CADERNO DE RESUMOS DO XXV CONBRAT
CONGRESSO BRASILEIRO DE ANÁLISE TRANSACIONAL**

**DIALOGOS CONTRUTIVOS:
PONTES ENTRE O SIMPLES E O COMPLEXO**

**CURITIBA – PARANÁ
27 a 29 de agosto de 2015**

Elaborado por: Sônia Magalhães
Bibliotecária CRB 9/1191

C749 2015	<p>Congresso Brasileiro de Análise Transacional (25 : 2015 ago. 27-29 Curitiba, PR) Caderno de resumos do CONBRAT 25º Congresso Brasileiro de Análise Transacional : diálogos construtivos : pontes entre o simples e o complexo / União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil. – Curitiba : UNAT, 2015 119 p. ; 21 cm</p> <p>Inclui bibliografias ISBN 978-85-64809-02-4</p> <p>1. Análise transacional - Congressos. 2. Psicologia. 3. Aprendizagem 4. Organização. I. União Nacional de Analistas Transacionais (Brasil). II. Título.</p> <p>CDD 20. ed. – 616.89145063</p>
--------------	---

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-64809-02-4



9 788564 809024

COORDENAÇÃO GERAL

Jeffersonn Moraes

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alberto Jorge Close

Ana Paula Simões

Andréia Luisa B. Cechin

Andréa Figueiredo

Carolina Feltrin

Ercilia Silva

Ivana Zanini

Kerley Fistarol

Laucemir Silveira

Maria Helena de Souza

Maria Inês Corso

Renata A. Gava

Therezinha M. Jorge

Viviane C. Wazlawick

COLABORADORAS

Carmem Maria Sant'Anna Rossetti

Daniela Piaggio

Objetivo

O objetivo do CONBRAT proporcionar pontes entre pessoas interessadas em dialogar, com o suporte da teoria da Análise Transacional, sobre o desafio diário de conviver com demandas diversas, às vezes paradoxais, que nos colocam diante do simples e da complexidade da teia relacional humana, nas diversas áreas da vida.

A quem se destina

Profissionais das áreas organizacional (gestores, empresários, equipes, profissionais de RH e consultoria, administradores), de saúde (psicólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais e terapeutas em geral), educadores, universitários das áreas de comunicação, administração, pedagogia, psicologia e serviço social e demais interessados, de todo o Brasil e países vizinhos são o público do congresso.

Eixos Temáticos

1. O ponto de encontro entre simplicidade e complexidade: gerando opções simples diante de ambientes complexos.

Que conceitos da Análise Transacional podem contribuir para compreender, operacionalizar e intervir em questões complexas?

Nas redes relacionais, como gerar diálogos simples e construtivos?

Quais os pontos de convergência entre a Análise Transacional e a teoria da complexidade, para as transformações sociais?

2. Contrato transacional como força propulsora das interações OK/OK/OK.

Como o contrato entre partes pode impactar terceiros?

Que aspectos do contrato transacional fomentam relações cooperativas?

3. Experiências vividas e influências culturais e biológicas como fontes de recursos empoderadores e aplicáveis no aqui-e-agora.

Como tais experiências podem se transformar em recursos empoderadores?

Como os Scripts individuais, organizacionais e grupais se entrelaçam afetando o aqui-e-agora?

Como a AT favorece a capacidade de auto-organização e recriação do indivíduo?

Agenda

Pré Congresso:

27/08/2015, das 09h às 17h30 - cursos com abordagem específica para as áreas Clínica, Educacional e Organizacional.

27/08/2015, das 14:00 às 17:30 – Curso sobre Conceitos Essenciais da Análise Transacional

Congresso:

27/08/2015, das 18h30 às 21h30 - abertura oficial, palestra e coquetel de boas vindas.

28/08/2015, das 08h30 às 18h30 - palestras, seminários e oficinas.

29/08/2015, das 08h30 às 18h30 - assembleia da UNAT-BRASIL, palestra, seminários, apresentação de artigos científicos, atividades de encerramento.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PROGRAMAÇÃO	10
PRÉ-CONGRESSO	20
CURSOS	20
O QUE AS TEORIAS DA ANÁLISE TRANSACIONAL SIGNIFICAM PARA MINHA PRÁTICA PSICOTERAPEUTICA?	21
James R. Allen.....	21
O SIMPLES E COMPLEXO: AT E O COACHING EXECUTIVO EMPRESARIAL	23
Rosa Krausz	23
QUAIS SÃO SUAS QUESTÕES SOBRE A AT E SOBRE APRENDIZAGEM?	28
Rosemary Napper.....	28
CONCEITOS ESSENCIAIS DA ANÁLISE TRANSACIONAL	28
Ivana Zanini	28
CONGRESSO	29
PALESTRA	30
DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS: PONTES ENTRE O SIMPLES E O COMPLEXO	31
James R. Allen.....	31
DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS – O INDIVÍDUO E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS	32
Maila Flesch.....	32
DIÁLOGOS	37
A VISÃO DO SER HUMANO E SUAS INTERAÇÕES À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE	38
Jane Maria P. Costa	38
O OLHAR DA COMPLEXIDADE	39
Káritas de Toledo Ribas.....	39
SEMINÁRIO.....	44
A COLABORAÇÃO NAS EQUIPES DE TRABALHO	45
Ercília Silva	45
PONTOS CONVERGENTES ENTRE A ANÁLISE TRANSACIONAL E A TEORIA DA COMPLEXIDADE, PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA	47
Profª. Ms. Carmem Maria Sant´Anna.....	47
MITOS DA ÁREA PSI REVISTOS À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL (AT)	55
Antonio Pedreira	55
ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO PROFISSIONAL	60
Laucemir Silveira	60
SIMPLICIDADE DA CONDUTA HUMANA - SCRIPT E CONTAMINAÇÃO DUPLA.....	66
Jorge Close.....	66

APLICAÇÃO DA ANÁLISE TRANSACIONAL EM SAÚDE PÚBLICA COM BASE NO PENSAMENTO COMPLEXO	68
Roy Abrahamian	68
COACHING EXECUTIVO E EMPRESARIAL, ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE: UM ESTUDO DE CASO.....	73
Meriete Mendes Pontoja Cardoso	73
MODELOS E ARMADILHAS MENTAIS COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E GRUPAL.....	79
Jussara Ramos.....	79
OFICINAS.....	83
CONFLITOS E CONTOS DE FADAS: MANEJO CRIATIVO DE SITUAÇÕES COMPLEXAS.	84
Maku de Almeida Molmann e Sonia Nogueira.....	84
TRANSFERÊNCIA E CONTRA TRANSFERÊNCIA E SEUS EFEITOS NA PSICOTERAPIA	87
Regina Berard e Renata Tannus	87
ANÁLISE TRANSACIONAL APLICADA NA CONDUÇÃO DE GRUPOS.....	90
Luiz Tiradentes	90
ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	93
PROJETO DE PESQUISA-AÇÃO COM O OBJETIVO DE AMPLIAR A CONSCIÊNCIA SOCIAL ENTRE MULHERES PARTICIPANTES DE GRUPOS DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA TRANSACIONAL NO BRASIL	94
Jane Maria Pancinha Costa.....	94
VOLUNTARIADO: UM OLHAR A PARTIR DA ANÁLISE TRANSACIONAL	97
Andréa Lindner	97
GRUPOS DISFUNCIONAIS E A INTERFERÊNCIA DOS JOGOS PSICOLÓGICOS EM SUA DINÂMICA.....	101
Andreia Cechin, Fernando Arruda, Luciana Nalon, Vera Mattos	101
A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DA ANÁLISE TRANSACIONAL.....	106
Camila Ramos Emerim	106
É POSSÍVEL CONCILIAR OS LIMITES E AS CARÍCIAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS?	112
Beatriz Galatto Nesi.....	112
CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORES PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS	115
Rosa Cristina Ferreira de Souza.....	115
GLOSSÁRIO.....	121

APRESENTAÇÃO

Aos participantes do 25º CONBRAT



É com imenso prazer que a UNAT-BRASIL mais uma vez reúne seus associados e simpatizantes da Análise Transacional nas mais diversas áreas de atuação, para desfrutar do principal evento promovido por esta associação: o Congresso Brasileiro de Análise Transacional.

Esta hospitaleira cidade de Curitiba, que já sediou outros eventos da UNAT-BRASIL, recebe-nos calorosamente para este encontro científico que soma a ele a alegria do reencontro presencial pelos vínculos que fizemos ao longo dos anos, nesta trajetória de conhecer e aprofundar os ensinamentos de Eric Berne.

A DIRETORIA DA UNAT-BRASIL agradece a todos os envolvidos na organização deste evento, especialmente ao seu Coordenador, Analista Transacional Jeffersonn Moraes, pelo trabalho e tempo dedicados.

Almejamos que todos os participantes do 25º CONBRAT possam atualizar seus conhecimentos em AT e possam desenvolver relacionamentos OK inesquecíveis, fortalecendo cada vez mais a Análise Transacional no Brasil.

Kátia Vianna Ricardi Camargo de Abreu
Presidente da UNAT-BRASIL 2014-2017

Estimados estudiosos de AT,

É com grande satisfação que a Comissão Organizadora apresenta o Caderno de Resumos do XXV CONBRAT realizado em agosto de 2015 em Curitiba.

O tema Diálogos Construtivos: pontes entre o simples e o complexo convida-nos a refletir sobre a necessidade de estabelecer a abertura necessária para reflexões profundas no contexto de mudanças e complexidade em que vivemos.

Nos mais variados ambientes sociais, desde o familiar até o coletivo mais amplo, podemos perceber a busca por mecanismos e processos cada vez mais elaborados para lidar com os desafios diários, seja na área do trabalho, da educação ou da saúde. Ao mesmo tempo, um olhar mais atento poderá perceber que soluções baseadas na Oqueidade, defendida pela AT, são simples e potentes o suficiente para que nos sintamos empoderados a gerar Opções ganha-ganha e produtivas para estes desafios.

Desejamos a você que a leitura destes trabalhos seja inspiradora e mobilizadora!



Jeffersonn Moraes

Coordenador da Comissão Organizadora do XXV CONBRAT

PROGRAMAÇÃO

27/08/2015 QUINTA-FEIRA | PRÉ-CONGRESSO E ABERTURA DO CONGRESSO

CREDENCIAMENTO E ENTREGA DE MATERIAIS

08:30 | 9:00

CURSOS PRÉ-CONGRESSO

09:00 | 17:30

Curso 1: O que as teorias da Análise Transacional significam para minha prática psicoterapêutica?

Este workshop é direcionado a ajudar os profissionais de AT a desenvolver os seus próprios quadros de referência para gerar opções terapêuticas, incluindo a opção de não intervir ativamente de nenhuma forma bem como maneiras de utilizar experiências e recursos do passado. Engloba conceitos de auto-organização e autogeração conosco mesmos, com nosso trabalho e com a própria teoria da AT.

Este curso tem como pré-requisito ser Membro Certificado ou possuir especialização *latu sensu* em AT.

James R. Allen (EUA)

Curso 2: O simples e o complexo: AT e Coaching Executivo Empresarial

A complexidade crescente das organizações tem desafiado os profissionais de RH a criarem metodologias que preparem pessoas para atuar construtivamente no mundo turbulento e imprevisível do trabalho. O ingresso de novas gerações e o choque de valores que provocam, as mudanças sem precedentes na própria natureza do trabalho, as incertezas sobre o futuro, o isolamento ocasionada pela paulatina substituição do contato entre humanos pelo contato via máquina tem provocado a inadequação dos tradicionais treinamentos e demandado novas alternativas cuja dinâmica seja compatível com as necessidades emergentes. Transfere-se o foco do ensino para o aprendizado, da informação para a formação, do hard para o soft, em busca do uso ótimo do potencial humano nos seus aspectos afetivos, comportamentais, cognitivos e relacionais.

Este curso tem como pré-requisito ter concluído o AT101.

Rosa Krausz

Curso 3: Quais são suas questões sobre a AT e sobre aprendizagem?

O que você pensa sobre como você aprende na perspectiva da AT? Como esta consciência pode ajudá-lo em sua aprendizagem? Qual Estado de Ego está aprendendo? E como ele o faz? Qual é o impacto do grupo na sua aprendizagem? Como acontece e como gera mudança? Qual é o seu Script sobre aprendizagem? E o que é aprendizagem com Autonomia? Qual é o seu papel como aprendiz de AT? Facilitadores de AT aprendem também? Qual é o seu papel como facilitador em AT? Como você pode apoiar da melhor forma outros estudantes de AT, individualmente ou em grupos?

Este curso tem como pré-requisito ser Membro Certificado.

Rosemary Napper (ENG)

14:00 | 17:30

Curso 4: Conceitos Essenciais da Análise Transacional

Opção para os inscritos que desejam conhecer ou rever os conceitos que fundamentam a teoria da Análise Transacional. OBS: Valor já incluso na inscrição para o Congresso.

Ivana Zanini

ABERTURA DO CONGRESSO

17:30 | 18:30

Credenciamento e entrega de materiais

19:00 | 19:45

Abertura Oficial

Abertura oficial do CONBRAT 2015

Katia Ricardi de Abreu – Presidente da UNAT-Brasil

Jeffersonn Moraes – Coordenador Geral do 25º CONBRAT

Alberto Jorge Close – Diretor Científico

James R Allen – Palestrante internacional convidado

19:45 | 21:00

Palestra Magna - Diálogos construtivos: pontes entre o simples e o complexo.

A Análise Transacional enfatiza a compreensão e a melhoria das interações e dos diálogos. Não importa se nós nos definimos como educadores, conselheiros, consultores organizacionais ou terapeutas, iniciantes ou experientes, todos nós procuramos efetividade em situações complexas. O objetivo desta Palestra é examinar alguns conceitos básicos de Análise Transacional tais como OK/OK/OK, Estados de Ego, Transações, Contratos e as interações nos níveis individual, organizacional, grupal e cultural, à luz da Teoria da Complexidade . Vamos considerar tanto os laços cérebro-mente-cultura quanto os indivíduo-sociedade-espécies para cocriação de um espaço para experiências singulares e empoderadoras.

James R. Allen (EUA)

21:00 | 22:30

Coquetel de Abertura

08:30 | 13:00

Diálogos - parte 1 - Auditório

Horário: 8h30 às 10h00 Mesa Interativa: A visão do ser humano e suas interações à luz da Análise Transacional e Teoria da Complexidade

Jane Maria P. Costa e Káritas Ribas

A complexidade é um fato que fica cada vez mais perceptível quando lidamos com sistemas de múltiplas camadas e múltiplas relações como são os sistemas humanos. Compreender seus princípios e repensar nossa linguagem tem sido necessário para convivermos nesse ambiente em que pontes precisam ser construídas ligando paradigmas clássicos à novas maneiras de pensar. A linguagem torna-se nossa importante aliada nesse momento em que precisamos discutir e atuar para o esclarecimento e conscientização de que nossa linguagem colabora com a conservação da cultura que vivemos.

A compreensão de que nascemos com capacidade para desenvolver nossos potenciais para sermos autônomos, tornando-nos conscientes do que se passa em nosso interior quando nos encontramos com o meio externo, espontâneos em nossas ações e decisões e com possibilidade de sermos íntimos, transparentes e amorosos em nossos relacionamentos, princípios éticos fundamentais propostos por Eric Berne, constitui o propósito e o desafio ao lermos o momento individual e relacional no qual nos encontramos enquanto humanidade.

Nas palavras de Eric Berne, “por ser cada pessoa o produto de um milhão de momentos diferentes, de mil estados de espírito, de cem aventuras e, em geral, de dois progenitores diversos, uma investigação minuciosa de sua posição revelará muita complexidade e contradições aparentes.” (Berne, 1988, p.83)

Com este sentido, entendemos Estados de Ego como redes neurais específicas nas quais sensações, emoções, sentimentos, comportamentos e pensamentos relacionados são co-construídos interpessoalmente na evolução humana. Ao definir Análise Transacional como uma teoria da personalidade e de ação social e um método clínico de psicoterapia, Berne contempla a possibilidade de caminharmos do fisiológico ao relacional, do individual ao social para a compreensão do humano em sua multiplicidade.

Horário: 10h às 10h30

Intervalo

Horário: 10h30 às 13h00

Rodadas de Conversa: Conexão entre a Análise Transacional e a Teoria da Complexidade

Diálogos para expansão e compreensão dos temas:

- Mudança

Objetivo: dialogar sobre o processo de mudança, seus aspectos subjetivos, padrões que se repetem e a possibilidade de estar OK/OK em situações de mudança.

Facilitação: Ana Paula Simões, Mary Melazzo

- Conflito e Cooperação

Objetivo: dialogar sobre a correlação entre Conflito, Cooperação, Jogos Psicológicos, Jogos de Poder, de Omissão - e a possibilidade de estar OK/OK em situações conflituosas.

Facilitação: Andreia Ceschin, Tânia E. C. Alves

- Relacionamento Interpessoal e Acordos

Objetivo: dialogar sobre relacionamento interpessoal e Acordos OK-OK, com ênfase na interferência das Fomes, Toques, Posição Existencial, Contratos Psicológicos, Transações e Simbiose.

Facilitação: Maria Ines Corso Silveira, Laucemir Silveira

- Gestão da Autonomia

Objetivo: dialogar sobre Autonomia e Okeidade a partir dos conceitos de Miniscript, Desqualificação, Emoções e Posições Existenciais.

Facilitação: Ercilia Silva, Flávia Testa Bernardi

ALMOÇO

13:00 | 14:30

Horário de Almoço

Possibilidade de almoço no próprio hotel ou na praça de alimentação do Shopping Estação, que fica ao lado do hotel.

SEMINÁRIOS

14:30 | 16:30

Seminário 1 - A colaboração nas equipes de trabalho

Este **seminário** enfoca o processo da colaboração nas equipes de trabalho, com base em alguns conceitos da Análise Transacional e da Teoria da Complexidade. Aborda aspectos das Posições Existenciais Básicas correlacionando com padrões de comportamento e com o pensamento complexo, no contexto de trabalhos colaborativos, com ênfase na interação entre as pessoas.

Ercilia Silva

Seminário 2 - Pontos convergentes entre a Análise Transacional e a Teoria da Complexidade, para uma educação transformadora

Abordar os fundamentos e princípios da complexidade e sua contribuição para a educação, bem como suas contribuições para a reforma do pensamento, aliando a alguns conceitos da Análise Transacional para compreender e operacionalizar ações educativas no contexto contemporâneo de aprendizagem.

Carmem Sant'Anna

OFICINAS

14:30 | 16:30

Oficina 1 - Conflitos e contos de fadas: manejo criativo de situações complexas

O conflito, em si, não é danoso ou patológico, é uma constante da dinâmica interpessoal e revela o nível energético do sistema, com consequências: positivas, negativas, destrutivas, construtivas, pelo grau de aprofundamento, intensidade, duração, contexto, oportunidade e modo como ele é enfrentado e administrado. Como fonte de ideias novas, pode abrir diálogos que permitam a expressão e a exploração de diferentes pontos de vista, interesses e valores. Assim, é necessária a compreensão do fenômeno e suas variáveis. Dentre outras, são relevantes os papéis exercidos pelos

indivíduos nos diversos cenários conflituosos e nos eventos que antecedem a eclosão da discórdia. Pode catalisar mudanças pessoais e grupais. Visa-se nesta oficina, propor teoria e prática que permitam o manejo criativo destas situações complexas nas organizações.

Maku Molmann

Sonia Nogueira

Oficina 2 - Transferência e contra-transferência e seus efeitos na psicoterapia

Nos diálogos construídos na psicoterapia existe o encontro entre o simples e o complexo. Uma dança da psicologia humana caracterizada pela Transferência e pela Contra Transferência. Percebida em diferentes contextos de relacionamento, inclusive em relação ao psicoterapeuta, a Transferência ocorre sempre que existem emoções ou reações que originalmente são oriundas de experiências passadas e fundamentam a relação presente. As diferentes categorias de transferência do cliente podem convidar o terapeuta a agir dentro das expectativas de Script do cliente. A atitude do terapeuta ao cliente pode representar uma dinâmica de transferência de material do seu passado para o cliente. A isto chamamos de Contra Transferência que em suas diversas categorias pode ser construtivo e ser utilizado a serviço da terapia.

Regina Berard

Renata Tannus

INTERVALO

16:30 | 17:00

Intervalo da tarde

SEMINÁRIOS

17:00 | 18:30

Seminário 3 - Mitos da área psi revistos à luz da Análise Transacional

O autor pretende com este tema inédito estabelecer um espaço para reflexão com a plateia, acerca de algumas das principais falácias ou mitos, que ainda ocorrem dentro da psicologia, induzidos por influência midiática. Serão debatidos conceitos propalados no mundo *psi*, aceitos como verdades e que hoje são comprovados como parcial ou totalmente errôneos. Apoiado em resultados baseados na experiência prática em psicoterapia do autor, por 33 anos, usando AT como referencial teórico-prático, e em verificações científicas atuais e rigorosas, ensejará uma ampla discussão acerca de pseudoverdades que fazem parte do universo da Psicomitologia, e que servirão de estímulo para revê-las e obter informações úteis e fidedignas para a adoção de decisões importantes em sua vida prática e em sua práxis profissional.

Antonio Pedreira

Seminário 4 - Acompanhamento e feedback para desempenho profissional

Este estudo analisa a prática do acompanhamento e avaliação de desempenho do trabalhador nas organizações a partir de conceitos da Análise Transacional e da Teoria da Complexidade. Aborda as ações de acompanhamento, feedback, validação e redirecionamento do desempenho promovidas pelo gestor em relação ao desempenho do colaborador. Conclui que o conceito de Estados do Ego pode contribuir com o gestor para que conduza o processo de forma coerente e produtiva.

Laucemir Silveira

Seminário 5 - Simplicidade na conduta humana - Script e contaminação dupla

Neste Seminário veremos que o comportamento - segue um processo simples, analisável e previsível; é situacional e busca atender uma necessidade latente (homeostase psicológica); o Script o orienta e lhe dá significado; como a contaminação dupla pode torná-lo "ilógico" para o observado. Revisaremos a Teoria Cibernética do cérebro que indica a existência de uma estrutura básica inata e outra adquirida (Script). A adquirida pode ser múltipla e está representada pelas influências ambientais, aprendizagem, educação, imitação, adaptação, treinamento, condicionamento, etc. do indivíduo. Terminado o seminário o participante terá adquirido um instrumento prático e simples para formular estratégias e táticas de compreensão e ajuste de comportamentos.

Jorge Close

OFICINAS

17:00 | 18:30

Oficina 3 - Análise Transacional aplicada na condução de grupos

Pretende-se nesta oficina, discutir e analisar, como os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial, Reconhecimentos, Estruturação Social do Tempo e Imago Grupal podem auxiliar profissionais que atuam na coordenação de grupos a diagnosticarem como estão as relações entre seus membros, bem como suas consequências na obtenção de resultados.

Luiz Tiradentes

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

20:30 | 24:00

Jantar de confraternização

Jantar de confraternização para os participantes do congresso por Adesão.

29/08/2015 SÁBADO | CONGRESSO ASSEMBLEIA DA UNAT-BRASIL

08:30 | 09:30

Assembleia Geral

Atividade interna para associados.

PALESTRA

08:30 | 09:30

Palestra – Diálogos construtivos – O indivíduo e suas relações sociais

DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS – O INDIVÍDUO E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS

A proposta desta palestra é olhar para o indivíduo e seus diálogos internos, bem como, para o indivíduo nas relações sociais: que condições propiciam os diálogos construtivos, nos quais os

participantes ouvem e falam com abertura para se permitirem ser influenciados e influenciar, e juntos, construir algo novo, complexo, não linear, interativo

Maila Flesch

ATIVIDADE PONTE

09:30 | 10:00

Bom dia Atento / alinhamento para o dia.

ARTIGOS CIENTÍFICOS

10:00 | 10:30

Artigo Científico 1 - Projeto de pesquisa-ação com o objetivo de ampliar a consciência social entre mulheres participantes de grupos de psicoterapia analítica transacional no Brasil

A necessidade de ampliação da consciência sobre o poder de uma ação embasada em contato cooperativo permanece presente na atual realidade brasileira. Com base na bibliografia de Gramsci (1978, 1982) sobre a Hegemonia, de Freire (1979, 1979a), sobre Contato Cooperativo, e de Steiner (1975) sobre Psiquiatria Radical, a metodologia de pesquisa-ação foi utilizada com o propósito de ampliar a consciência social sobre a opressão culturalmente enraizada, vivenciada pela mulher, particularmente em relação ao trabalho e para facilitar o reconhecimento sobre a importância do contato cooperativo quando se pretende libertar da opressão. Desta problematização foi concebido um modelo contendo seis Níveis de Consciência da Opressão.

Jane Maria P. Costa

Artigo Científico 2 - Voluntariado: um olhar a partir da Análise Transacional

O artigo aborda o voluntariado à luz da Análise Transacional. Desenvolveu-se a partir de pesquisa bibliográfica e prática da autora no voluntariado, com o intuito de esclarecer sobre o tema e fomentar a ação voluntária de excelência. Fornece uma perspectiva histórica, buscando demonstrar a trajetória desta prática, do assistencialismo ao empreendedorismo social. Aborda as três premissas básicas da AT e seus fundamentos: 1. Fé na natureza humana, 2. Contratos e Comunicação e 3. Curabilidade. Traça a partir destas um paralelo com o voluntariado, indicando relação direta entre Posição Existencial OK/OK, consciência social e ação voluntária. Aborda a consciência social a partir do conceito de Desqualificação, indicando ser a qualificação e a vivência da PE OK/OK vias de inspiração e incremento da cultura do voluntariado.

Andrea Lindner

Artigo Científico 3 - Grupos disfuncionais e a interferência dos Jogos Psicológicos em sua dinâmica

Este trabalho é um convite ao coordenador de grupos, para que observe-os em busca de papéis específicos, mensagens ulteriores, padrões repetitivos de interações. Possui informações que podem auxiliar na compreensão do comportamento grupal em suas fases, na leitura eficaz da dinâmica de grupos disfuncionais e a partir disto, elencar opções de estímulos úteis para ajudar o grupo a avançar em seus objetivos. Faz-se necessário considerar a complexidade de elementos que envolvem um grupo, sua teia relacional e como os aspectos intra e inter-relacionais produzem ordem, desordem e reorganização.

Andreia Cechin, Fernando Arruda, Luciana Nalon e Vera Mattos.

Artigo Científico 4 - A dificuldade de aprendizagem sob a ótica da Análise Transacional

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que discute os fatores que permeiam as dificuldades de aprendizagem e os relaciona com a teoria psicológica da Análise Transacional. Para isso, foram abordados os conceitos de Carícias e Posição Existencial. Conclui que o vínculo afetivo e os padrões de Carícias da família podem fomentar ou bloquear a aprendizagem da criança, assim como sua Posição Existencial, a qual irá interferir em todos os aspectos da vida, incluindo a escola. Conclui ainda que crianças com dificuldade de aprendizagem apresentam, em geral, Posição Existencial depressiva (Não Ok/Ok) ou Niilista (Não Ok/Não Ok).

Camila Ramos Emerim

INTERVALO

10:30 | 11:00

Intervalo da manhã

SEMINÁRIOS

11:00 | 12:30

Seminário 1 - Aplicação da Análise Transacional em Saúde da Família

Neste seminário será abordada a experiência desenvolvida em saúde pública com um grupo de Saúde Mental, baseado nos princípios e técnicas da Análise Transacional, demonstrando o impacto desta intervenção na melhoria da qualidade de vida da população atendida. O trabalho foi desenvolvido em uma unidade do SUS (Sistema Único de Saúde), pertencente à Estratégia Saúde da Família, do município de São Paulo. Utilizando conceitos simples e objetivos da Análise Transacional, os usuários aprendem a trabalhar seus sentimentos e relacionamentos, o que se reflete em uma melhora de sua saúde e autoestima. Seguindo o Pensamento Complexo, a Análise Transacional permite o acolhimento e o tratamento dos usuários de maneira ética, valorizando suas vivências e trabalhando suas dimensões física, mental e social, a partir de uma abordagem integrativa.

Roy Abrahamian

Seminário 2 - Seis estágios do coaching executivo e empresarial, Análise Transacional e Teoria da Complexidade: um estudo de caso

O presente trabalho apresenta a leitura de um processo de Coaching Executivo e Empresarial sob a ótica da teoria da Análise Transacional e Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Por meio das seis fases do Coaching Executivo propostas por Krausz (2007), o texto traça um paralelo entre as fases, a abordagem da Análise Transacional e a Teoria da Complexidade, articulando as três intervenções entre si, objetivando compreensão ampliada e maior probabilidade de efetividade do processo de Coaching.

Meriete Mendes Pontoja Cardoso

Seminário 3 - Modelos e armadilhas mentais como ferramentas de transformação pessoal e grupal

O presente trabalho focaliza a relação entre conceitos associados a padrões automáticos de funcionamento cognitivo disfuncionais e a aprendizagem individual. O tema será analisado a partir de dois conceitos: circuitos de aprendizagem e Armadilhas Mentais – e associá-los a conceitos Análise Transacional. O objetivo é explorar esta relação dos modelos e Armadilhas Mentais com a aprendizagem dentro do contexto organizacional - a fim de compreender como estes conhecimentos podem ser conectados a intervenções organizacionais.

Jussara Ramos

ARTIGOS CIENTÍFICOS

11:00 | 12:30

Artigo Científico 5 - É possível conciliar os limites e as Carícias no desenvolvimento da criança?

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância dos limites e das Carícias para o desenvolvimento infantil, enfatizando as fases de desenvolvimento e o que cada uma necessita. Os limites possibilitam à criança segurança e noções do que ela poderá fazer, e as Carícias trazem benefícios importantes para o bem estar, além de reconhecimento e valorização da pessoa. O texto ressalta o papel dos pais nesse processo, principalmente na forma com que eles se relacionam com os filhos, em especial, a partir do Estado de Ego condizente com o comportamento apresentado.

Beatriz Galatto Nesi

Artigo Científico 6 - Carícias no contexto da educação infantil: como professores podem contribuir para o desenvolvimento emocional das crianças

Este artigo tem o objetivo de problematizar aspectos da interação entre professoras e crianças da educação infantil (na faixa de 2-3 anos), a partir do conceito de Carícias – Análise Transacional. O material de análise consiste em um recorte do corpus que constitui pesquisa de doutorado da autora (SOUZA, 2014) e consiste na descrição de um acontecimento rotineiro no contexto da escola estudada envolvendo duas crianças em conflito e a intervenção da professora. A análise aponta para a necessidade de instrumentalização das professoras para que promovam maior qualidade no desenvolvimento emocional infantil.

Rosa Cristina Ferreira de Souza

ALMOÇO

12:30 | 14:00

DIÁLOGOS

14:00 | 18:00

Diálogos - parte 2 - Auditório

Horário: 14h00 – 16h00

Transformando sonhos, desejos e propósitos em práticas e resultados

Sensibilização para construir em subgrupos as práticas, opções e ações tendo como base os temas do Diálogos - parte 01.

Horário: 16h00 – 18h00

Conexão entre a Análise Transacional e a Teoria da Complexidade

Diálogos que gerem opções e ações para transformar relacionamentos e práticas nas dimensões:

a) Aprendizagem

Dialogar sobre a aprendizagem como dínamo e oportunidade de recriação da vida, em que a curiosidade e o exercício da autonomia são fundamentais. Nessa abordagem serão considerados a complexidade do ambiente, a teia das interações e o aprendiz como sujeito. Para que? Gerar opções que promovam e sustentem movimentos conscientes, para transformação mútua do indivíduo e seu meio.

b) Trabalho e ambiente produtivo

Dialogar sobre as variáveis presentes na relação pessoas-ambientes, que impactam no processo produtivo, sua efetividade, no bem estar dos envolvidos e seus resultados. Para que? Para gerar ações e soluções significativas à pessoa e aos propósitos coletivos.

c) Saúde integral

Dialogar sobre saúde e bem estar do indivíduo considerando sua relação com seu corpo, suas capacidades cognitivas e emocionais e seu contexto – familiar, de trabalho, de relações. Para que? Para posicionar-se produtivamente na convivência, solucionar questões cotidianas e construir sua longevidade sustentável.

Equipe de facilitadores

Ana Paula Simões, Andreia Cechin, Ercilia Silva, Katia Ricardi de Abreu, Laucemir Silveira, Maria Ines Corso, Roy Abrahamian, Tânia E. C. Alves

ENCERRAMENTO

18:00 | 18:30

Encerramento do CONBRAT2015

PRÉ-CONGRESSO CURSOS



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Curitiba-PR

O QUE AS TEORIAS DA ANÁLISE TRANSACIONAL SIGNIFICAM PARA MINHA PRÁTICA PSICOTERAPEUTICA?James R. Allen¹

Este workshop é direcionado a ajudar os profissionais de AT a desenvolver os seus próprios quadros de referência para gerar opções terapêuticas, incluindo a opção de não intervir ativamente de nenhuma forma bem como maneiras de utilizar experiências e recursos do passado. Engloba conceitos de auto-organização e auto-geração conosco mesmos, com nosso trabalho e com a própria teoria da AT.



Palavras chave: Auto-organização. Auto-geração.

Opções terapêuticas

Um dos aspectos atraentes da Análise Transacional, hoje em dia, é que ela abarca um grande número de teorias e práticas, de forma que os profissionais de qualquer uma das quatro áreas podem escolher o que eles acreditam que será mais útil para seu cliente específico num determinado momento. Contudo, esta riqueza traz consigo várias questões. Como escolher uma teoria ou intervenção ao invés de outra? Como criar uma ponte que ligue nosso próprio estágio pessoal e profissional anterior e nossas abordagens anteriores com esta?

Este workshop convida os participantes a olharem para si mesmos, nossas organizações, e teorias como uma coleção de estruturas, estratégias e funções, cada elemento sendo influenciado pelos outros, co-evoluindo com o tempo e às vezes produzindo algo novo. Este processo talvez seja mais óbvio quando examinamos práticas políticas ou grupos terroristas, mas achamos mudanças

¹Médico Psiquiatra (Universidade de Toronto, McGill e Harvard). Iniciou sua formação em Análise Transacional com Eric Berne, David Kupfer e os Gouldings em 1967. Prêmio Eric Berne. Atua com psiquiatria comunitária, planejamento em saúde mental, prática clínica e supervisão em psicoterapia com base em AT. Publicações sobre a formação de Script. Foi presidente da ITAA e professor da Universidade de Oklahoma.

similares nas nossas psíquicas individuais bem como na evolução da própria Análise Transacional.

A ITAA – Associação Internacional de Análise Transacional recentemente solicitou aos seus membros para ratificarem mudanças nos artigos estatutários da instituição. Estes definem o objetivo e identificam a organização. O documento de 1960 descrevia o objetivo como “o estudo da doença mental e desordens psiquiátricas e emocionais”. O novo objetivo proposto é bem mais abrangente – em grande parte graças ao trabalho do Membro Latino Americano Bill Holloway: “promover consciência e compreensão da Análise Transacional, uma psicologia do comportamento humano, comunicação e solução de problemas projetada para aprimorar a vida de indivíduos, grupos e comunidades.”.

Neste workshop eu convido os participantes a olharem para as mudanças da teoria e prática da AT, e como estas mudanças influenciaram umas às outras. Isto inclui mudanças como:

1. O papel dos processos inconscientes

Berne conceitualizou a AT como lidando quase que exclusivamente com processos conscientes e usou o modelo de um médico removendo um espinho – uma forma de tratamento muito consciente seguindo um contrato muito claro.

Contudo, com o passar dos anos houve uma crescente aceitação de abordagens direcionadas a processos inconscientes, e não apenas processos inconscientes como manifestações do reprimido e temido, mas também processos inconscientes como recursos. Como estas mudanças influenciam seu entendimento e trabalho com Contratos, Jogos e Scripts?

2. O papel da crescente compreensão de processos neurofisiológicos subjacentes ao nosso trabalho. Isto inclui questões como:

a. O papel da memória implícita das experiências remotas frente-a-frente com memória explícita posterior e o processo terapêutico de transformar fragmentos da memória mais antiga em palavras e memórias explícitas e conscientes. Como estas ideias mudam a maneira como você trabalha com os determinantes precoces de Script?

b. O papel dos circuitos neurais “padrão” em relaxamento, devaneio e meditação. Como estas ideias ajudam você a encontrar alguns de seus próprios recursos e pode ajudar seus clientes a encontrar os deles?

c. O papel das experiências de vínculos precoces na memória implícita e o “smart vagus” nos nossos relacionamentos e presença, incluindo nossas intervenções terapêuticas. Como estes poderiam mudar o seu trabalho com clientes – e também como você se relaciona com as pessoas na sua vida?

Os participantes também terão a oportunidade de explorar a diferenciação, a conexão ou integração de vários aspectos ou subfunções deles mesmos bem como de seus clientes. Isto se relaciona à nossa escolha do modelo dos três Estados de Ego ou ao modelo do Adulto Integrado dos Estados de Ego. Isto também se relaciona à frequente observação de que quando um subsistema muda, mudanças significativas podem ocorrer no sistema mais amplo ou em outros sistemas – o assim chamado “efeito borboleta”. Pense no que acontece após uma bem sucedida redecisão ou trabalho de regressão de Estado de Ego ou outra mudança brusca.

Dependendo do tamanho e das necessidades declaradas pelos participantes, o workshop será um mix de palestra, exercícios experienciais individuais e de grupo e discussão.

O SIMPLES E COMPLEXO: AT E O COACHING EXECUTIVO EMPRESARIAL

Rosa Krausz¹



A complexidade crescente das organizações tem desafiado os profissionais de RH a criarem metodologias que preparem pessoas para atuar construtivamente no mundo turbulento e imprevisível do trabalho. O ingresso de novas gerações e o choque de valores que provocam, as mudanças sem precedentes na própria natureza do trabalho, as incertezas sobre o futuro, o isolamento ocasionada pela paulatina substituição do contato entre humanos pelo contato via máquina tem provocado a inadequação dos tradicionais treinamentos e demandado novas alternativas cuja dinâmica seja compatível com as necessidades

¹ Socióloga. Doutora em Saúde Pública, Mestre em Ciências Sociais. Analista Transacional Membro Didata -Área Organizacional e Educacional pela UNAT-Brasil. Full Member da Worldwide Association of Business Coaches. Recebeu o Prêmio Eric Berne 2012, por sua contribuição ao desenvolvimento da AT nas organizações. Autora de artigos e livros entre os quais “Trabalhabilidade” e “Poder nas Organizações”.

emergentes. Transfere-se o foco do ensino para o aprendizado, da informação para a formação, do hard para o soft, em busca do uso ótimo do potencial humano nos seus aspectos afetivos, comportamentais, cognitivos e relacionais.

Palavras-chave: Análise Transacional. Coaching. Trabalho.

I Introdução: O Mundo do Trabalho em Transformação

Segundo levantamento realizado pela Deloitte sobre Tendências do Capital Humano 2015 as áreas soft vem assumindo importância crescente nas duas últimas décadas. Foram identificados os seguintes desafios enfrentados atualmente pelas empresas:

- Cultura e Comprometimento
- Liderança
- Aprendizagem e desenvolvimento
- Reinvenção do RH
- Capacitação da força de trabalho
- Gestão do desempenho
- Analytics/Dados sobre pessoas e RH
- Simplificação do Trabalho

Os dois primeiros itens, Cultura, Comprometimento e Liderança foram considerados os mais importantes, pois 40% dos participantes consideraram que suas empresas não se encontram preparadas para trabalhar estas questões.

Os dados levantados sobre o item Aprendizagem e Desenvolvimento indicam a necessidade de acelerar a aprendizagem corporativa.

No caso da Reinvenção do RH, da Capacitação da Força de Trabalho e da Gestão do Desempenho, o que se observou foi que nenhuma delas tem suprido adequadamente a demanda das empresas.

Outro ponto crítico diz respeito ao item Analytics/Dados sobre pessoas e RH que, embora tenha sido considerado prioritário, apenas 25% das empresas entrevistadas dispõem.

No item Simplificação do Trabalho, apenas 10% dos entrevistados consideram que existem alguns programas significativos em funcionamento.

As condições de trabalho emergentes, quando comparadas com os modelos tradicionais, encontram-se em fase de rápida transição e indicam algumas tendências que não necessariamente favorecem a produtividade, nem a qualidade de vida do trabalhador.

Exemplos disso são a falta de comprometimento com o resultado do trabalho, a falta de lealdade da E com o trabalhador e do trabalhador com a E, rotatividade crescente para citar apenas alguns.

Nossa abordagem das questões relacionadas ao trabalho terá como quadro de referência teórico/prático por um lado a Análise Transacional e por outro o processo de Coaching Executivo e Empresarial, uma vez que a convergência entre ambos proporciona condições que favorecem a eficácia das intervenções.

II AT e Coaching Executivo e Empresarial: Conceitos

Para Berne,(1988:32) “ a Análise Transacional é uma teoria da personalidade, da ação social e um método clínico de psicoterapia baseada na análise de todas as possíveis transações entre duas ou mais pessoas, com base em estados de ego especificamente definidos, num número finito de tipos estabelecidos.A teoria dos Estados de Ego é um instrumental básico para empreender a expansão do auto conhecimento, do olhar para dentro de si e do aprender com o que vê.

Coaching Executivo e Empresarial, uma área do conhecimento que emergiu na segunda metade do século XX através da combinação de conhecimentos de inúmeras disciplinas teve sua demanda estimulada pela necessidade das empresas encontrarem respostas adequadas para a busca de otimização do aproveitamento do capital humano.

O cenário empresarial atual exige intervenções diversificadas, estrategicamente desenhadas para atuarem em cenários em rápida transformação que exigem rapidez de respostas e iniciativa /autonomia das pessoas.

Entendemos por Coaching Executivo e Empresarial (Krausz , 2009 p.66) “ Uma parceria entre um Coach Executivo e um gestor que se propõe a elevar, de forma sustentável, sua performance, a da sua equipe e da organização para a qual trabalha”.

III Afinidades e Convergências entre AT Aplicada às Organizações e Coaching Executivo e Empresarial.

A. Visão humanística do indivíduo e do seu potencial de desenvolvimento

Para a AT esta visão se destaca com clareza no princípio da Oqueidade e na busca da autonomia em Coaching Executivo e Empresarial identificamos duas ideias centrais :Autonomia e Desenvolvimento do Potencial Humano.

B.Relacionamento Contratual

Tanto AT quanto Coaching Executivo e Empresarial são intervenções de caráter essencialmente contratual, pois ambos são relacionamentos de natureza profissional entre iguais.

C. Confiança Mútua

O processo de Coaching Executivo e Empresarial assenta-se no sigilo profissional, no respeito mútuo, numa aliança de trabalho, numa relação OK/OK entre parceiros.

D. Permissão e Proteção para Pensar, Agir, Sentir e Ser Bem Sucedido.

Como lembra Berne (1988, p. 299), “Permissão é uma licença para abandonar comportamentos que o EE Adulto deseja abandonar ou a liberação de um comportamento negativo”

No processo de Coaching Ex. e Empresarial é permissão é uma intervenção potente, pois estimula o Coachee a sentir-se protegido e seguro através de um relacionamento confiável, uma condição que nem sempre prevalece no mundo corporativo.

E. Confidencialidade

Intimamente relacionada com confiança mútua e sigilo e um princípio que rege a relação Coach /Coachee.

F. Não Diretividade

Tal como a AT, Coaching Exec. E Empres. É essencialmente não diretivo e partilha com a AT a característica de um processo de mudança auto dirigido.

G. Relação Coach/Coachee

A qualidade da relação Coach/Coachee é um dos principais fatores de sucesso da intervenção. A teoria da Posição Existencial é um meio para acompanhar o clima que se instala entre ambos.

H. Orientada para a Ação e Resultados

Ambos AT e Coaching Exec.E Empres. estão centrados em resultados, daí sua ênfase na previsibilidade, observabilidade e sustentabilidade presente em todas as intervenções.

I. Auto Monitoramento do Processo de Mudança

Ao utilizar os princípios da teoria da desqualificação desenvolvida por Jacqui Schiff e seus discípulos o Coach poderá monitorar de forma sutil os avanços do Coachee na conquista de sua autonomia.

Como podemos verificar, Análise Transacional e Coaching Executivo e Empresarial apresentam não só afinidades e complementaridade na sua abordagem do ser humano e dos processos de mudança como reforçam mutuamente os princípios que orientam sua prática. Ambos contribuem para estimular o Coachee a assumir a iniciativa, a autoria e a responsabilidade pela conquista da sua autonomia.

Desta forma o resultado desta combinação auto reforçadora beneficia a todos: Coach, Coachee, Organização e os respectivos Stakeholders.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Berne, E. (1988). O que você diz depois de dizer Olá? São Paulo: Nobel, p. 32 e 299

OBRAS CONSULTADAS

Delloite Tendências do Capital Humano/2015

<http://www.com/global/em/pages/human-capital/articles>

Krausz, R. R. (2007). Coaching Executivo: A conquista da liderança. São Paulo: Nobel. p.66

QUAIS SÃO SUAS QUESTÕES SOBRE A AT E SOBRE APRENDIZAGEM?Rosemary Napper¹

O que você pensa sobre como você aprende na perspectiva da AT? Como esta consciência pode ajudá-lo em sua aprendizagem? Qual Estado de Ego está aprendendo? E como ele o faz? Qual é o impacto do grupo na sua aprendizagem? Como acontece e como gera mudança? Qual é o seu Script sobre aprendizagem? E o que é aprendizagem com Autonomia? Qual é o seu papel como aprendiz de AT? Facilitadores de AT aprendem também? Qual é o seu papel como facilitador em AT? Como você pode apoiar da melhor forma outros estudantes de AT, individualmente ou em grupos?

Palavras-chave: Análise Transacional. Aprendizagem. Grupos

CONCEITOS ESSENCIAIS DA ANÁLISE TRANSACIONALIvana Zanini²

Opção para os inscritos que desejam conhecer ou rever os conceitos que fundamentam a teoria da Análise Transacional. OBS: Valor já incluso na inscrição para o Congresso

Palavras-chave: Análise Transacional. Estados de Ego. Transações.

¹ Mestre em Educação, Analista Transacional Didata e Supervisora (TSTA) - Áreas Organizacional, Educacional e Aconselhamento. Membro da Association of Coaching, Chartered Institute of Personnel, EATA, ITAA, Certificada pela British Association of Counselling and Psychotherapy. Experiência em liderar setores públicos e organizações do terceiro setor. Executive Coach, Consultora, Conselheira e Facilitadora.

² Economista formada pela Universidade Estadual de Maringá, pós graduada em Marketing e Propaganda pela FAE; Especialista em Dinâmica dos Grupos pela SBDG/FATO, Analista Transacional Membro Certificado – Área Organizacional pela UNAT-Brasil, Coach Executiva Empresarial e Didata em formação de Coaches Executivos e Empresariais pela ABRACEM. Atua como Consultora Consultora e sócia da ALGI CONSULTORIA EMPRESARIAL em processos de Gestão de Pessoas e de desenvolvimento de Líderes e Equipes e como Coach.

CONGRESSO



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Curitiba-PR

PALESTRA



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Curitiba-PR

DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS: PONTES ENTRE O SIMPLES E O COMPLEXOJamesR. Allen¹

A Análise Transacional enfatiza a compreensão e a melhoria das interações e dos diálogos. Não importa se nós nos definimos como educadores, conselheiros, consultores organizacionais ou terapeutas, iniciantes ou experientes, todos nós procuramos efetividade em situações complexas. O objetivo desta Palestra é examinar alguns conceitos básicos de Análise Transacional tais como OK/OK/OK, Estados de Ego, Transações, Contratos e as interações nos níveis individual, organizacional, grupal e cultural, à luz da Teoria da Complexidade . Vamos considerar tanto os laços cérebro-mente-cultura quanto os indivíduo-sociedade-espécies para cocriação de um espaço para experiências singulares e empoderadoras.

Palavras-chave: Análise Transacional. Teoria da Complexidade. Diálogos.

¹Médico Psiquiatra (Universidade de Toronto, McGill e Harvard). Iniciou sua formação em Análise Transacional com Eric Berne, David Kupfer e os Gouldings em 1967. Prêmio Eric Berne. Atua com psiquiatria comunitária, planejamento em saúde mental, prática clínica e supervisão em psicoterapia com base em AT. Publicações sobre a formação de Script. Foi presidente da ITAA e professor da Universidade de Oklahoma.

DIÁLOGOS CONSTRUTIVOS – O INDIVÍDUO E SUAS RELAÇÕES SOCIAISMaila Flesch¹

O texto traz algumas reflexões sobre o que é um diálogo construtivo e como se pode favorecê-lo. Para um diálogo construtivo é importante que se esteja consciente dos diálogos internos, emoções, Posição Existencial, paradigmas e preconceitos. Bem como, é importante a pessoa estar disponível para conhecer o seu interlocutor, sua história, sua experiência e percepção, suas ideias e também estar aberto para ser impactado por tudo isto, gerando mudança em si mesmo.

Palavras-Chave: Diálogo Construtivo; Análise Transacional; Diversidade.

Diálogo é “a capacidade de se dirigir e de responder ao outro, como igual, estabelecendo assim uma relação, e o comunicar com o outro através da linguagem permite o acesso ao pensamento e à representação. O diálogo é a troca de ideias e é também onde se formam algumas ideias. O diálogo pressupõe a reciprocidade existencial e esta pressupõe a diferença e a semelhança, já que é devido à diferença que se pode enriquecer a comunicação.”²

Esta definição de diálogo traz elementos para a nossa reflexão do porquê alguns diálogos são construtivos e outros não. Para um diálogo construtivo é importante que a pessoa esteja consciente dos próprios diálogos internos, emoções, Posição Existencial, paradigmas e preconceitos. E ao mesmo tempo é importante que ela esteja disponível para realmente conhecer o seu interlocutor, sua história, sua experiência e percepção, suas ideias e também estar aberto para ser impactado por tudo isto, gerando mudança em si mesmo. Estes conceitos da Análise Transacional serão utilizados para aprofundar esta reflexão.

¹ Psicóloga clínica (FMU-SP), CRP 06/47481-0, formada em Fonoaudiologia (UNIFESP), Analista Transacional Clínica certificada pela UNAT-Brasil, Especialista em Análise Transacional pela FATEP. Sócia Diretora da Novos Rumos Desenvolvimento Pessoal, atua com atendimento de adolescentes, adultos e casais. Membro da International Transactional Analysis Association

²*1 In Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$diálogo-\(filosofia\)](http://www.infopedia.pt/$diálogo-(filosofia))

a. Diálogos internos

Um diálogo que ocorre entre os Estados de Ego Pai, Criança e/ou Adulto Contaminado, sem participação do Ego Adulto. A pessoa conversa mentalmente consigo mesma ou com um terceiro não-presente. Este diálogo interno geralmente acontece de forma automatizada, não consciente, enquanto a pessoa está no piloto automático realizando outras atividades. O diálogo interno afeta principalmente a própria pessoa, seus sentimentos, crenças e saúde, mas também afeta a qualidade das suas relações.

b. Emoções

As emoções nos movem, nos orientam, nos estimulam, mas às vezes as emoções nos sequestram, nos delatam, nos bloqueiam. Quanto mais a pessoa entende e escuta as próprias emoções, mais ela consegue expressá-las e resolver as questões conforme forem aparecendo. Quando a pessoa evita as emoções, quer ignorá-las ou resolver depois, mais frequente são as somatizações e as agressões, sejam elas discretas, disfarçadas ou explosivas. Estas levam a papéis ou de Vítima ou de Perseguidor e fica difícil ter um diálogo construtivo neste cenário.

c. Quadro de referência, paradigmas e preconceitos

Cada um de nós tem uma história de vida, uma vivência e, portanto, uma percepção da realidade que faz sentido para nós, de tal forma que fica quase difícil admitir ou perceber que este recorte não é a realidade de fato. Esta ideia já foi muito difundida, nós falamos sobre isto, mas nem sempre agimos assim ou lembramos dela quando estamos conversando com os outros. Se já estivéssemos neste estágio, de realmente viver esta ideia, discutiríamos menos. Falaríamos menos nos nossos diálogos e faríamos mais perguntas para ter um diálogo construtivo.

d. Posição Existencial

Este é um conceito que pode ajudar durante o diálogo se você conseguir manter a consciência da sua Posição Existencial e perceber quando está saindo da Posição OK/OK. E se por acaso, você não estiver nesta Posição antes do diálogo começar, adie a conversa, converse primeiro com você mesmo para rever seus paradigmas, suas emoções, seus diálogos internos. Se você não estiver OK/OK, ainda assim,

poderá dizer o que pensa, conseguir o que quer, forçar uma decisão, alcançar seu objetivo, é verdade, mas não será um diálogo construtivo.

e. Manter o foco no objetivo maior.

Algumas vezes num diálogo o objetivo maior, como conseguir que um projeto se realize ou encorajar o filho a fazer algo, se perde no calor da discussão por que o outro ofereceu alguma forma de resistência, seja no prazo, ou porque não concorda com a forma de executar aquela tarefa ou plano ou tem uma proposta bem diferente.

E isto é o suficiente para uma sequência de diálogos não construtivos onde se inicia uma disputa de convencimento (OK/não-OK), ou mesmo de poder (hierarquia ou financeira). Neste momento, o objetivo maior se perdeu e surgem as questões pessoais (às vezes grupais quando a negociação é entre dois grupos).

Manter o foco no objetivo maior, e de preferência que seja estabelecido conjuntamente entre as partes, faz com que ambos fiquem mais dispostos a negociar algo que fique bom ou suficientemente, bom para os dois.

f. Jogo e Transações Ulteriores

Mais um conceito de AT que pode ajudar a manter os diálogos construtivos é o conceito de Jogos Psicológicos.

A questão aqui é estar atento às Transações Ulteriores, aquelas que têm duas mensagens, uma verbalizada e a outra ulterior/subliminar. Geralmente este tipo de fala é um convite para um Jogo Psicológico que resulta em mal estar entre as partes, com cada parte confirmando suas crenças negativas sobre os outros.

Nesta situação, o bom ouvinte, percebe a mensagem ulterior e tem pelo menos duas opções: ignorá-la totalmente e manter a sua resposta para o que foi verbalizado, ou então expor a ulterior sem responder a ela. Ex: “Você quer dizer mais alguma coisa?”, “Você quer me pedir algo?” ou “Você está incomodado com algo?”.

Estes são alguns pontos que podem nos orientar para a prática de diálogos construtivos, principalmente se cultivarmos uma postura de abrir mão do controle, de implementar o que é a sua crença e se abrir para experimentar, aprender, entender e co-criar e ainda assim atingir os resultados necessários. Estes resultados podem ser financeiros, processuais, afetivos, cognitivos, etc, dependendo do objetivo maior.

g. Unidade, Diversidade e Relacionamento

Richard Erskine, um teórico da Análise Transacional, contribui muito para este tema com o seu artigo Unidade, Diversidade e Relacionamento (Erskine, 1999). E a primeira pergunta que ele nos coloca é como posso estar OK/OK com o outro se ele é tão diferente de mim? Fala diferente, se comporta diferente, tem outros valores e verdades. Será que ainda assim posso estar OK com ele e OK comigo mesmo?

Trago três trechos deste texto para nossa reflexão. Erskine afirma que “A diversidade é perturbadora e que pessoas diferentes podem parecer inconsistentes, não confiáveis. O modo estranho dessa pessoa pode ser interpretado por nós como preguiçoso, louco, tolo, mau ou errado. Essas percepções distorcidas ocorrem devido a percepções incompletas. Por não conhecermos a experiência da pessoa completamos a Gestalt com alguns aspectos da nossa própria experiência passada; completamos como o entendemos com o nosso próprio medo; interpretamos o seu comportamento com nossa própria projeção inconsciente. A essas percepções incompletas e mal-formadas sempre falta empatia.”

E continua: “Portanto, preciso conhecê-lo por meio do questionamento: quem é você, o que você valoriza, como você entende o que está acontecendo, o que você sente. Se eu não perguntar, eu não sei nada além da minha interpretação de você.”

“Um interesse genuíno na diversidade requer uma disposição para tolerar ansiedade, ser perturbado, ser impactado pelo outro, ser tocado emocionalmente e talvez ser mudado. Quando estamos abertos para a diversidade e valorizando a singularidade do outro, mesmo as Transações breves podem ter efeito e gerar crescimento. “

Somos únicos, somos diversos e somos parte de um todo que é vivo e dinâmico e a cada movimento se transforma e nos transforma.

OBRAS CONSULTADAS

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer Olá. UNAT, 1988, p.81.

ERNST, Franklin H. O Curral OK um diagrama para seguir junto. Prêmios Eric Berne, Vol.1

ERSKINE, Richard and ZALCMAN, Marylin J, Sistema de Disfarce. Prêmios Eric Berne, Vol.1

ESKINE, Richard DIVERSITY, UNITY AND RELATIONSHIP: INTERPERSONAL DYNAMICS OF SOCIAL PSYCHOLOGY - ITA News, Nº 54, 1999, pp. 17-18.

Disponível em <http://www.integrativetherapy.com/en/articles.php>

GOULDING, Robert e Mary, Ajuda-te pela Análise Transacional. Editora IBRASA, 1979.

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida. Editora ARTENOVA, 1976, p.15, 76 e.150.

DIÁLOGOS



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Curitiba-PR

A VISÃO DO SER HUMANO E SUAS INTERAÇÕES À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE

O OLHAR DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Jane Maria P. Costa¹



A complexidade é um fato que fica cada vez mais perceptível quando lidamos com sistemas de múltiplas camadas e múltiplas relações como são os sistemas humanos. Compreender seus princípios e repensar nossa linguagem tem sido necessário para convivemos nesse ambiente em que pontes precisam ser construídas ligando paradigmas clássicos à novas maneiras de pensar. A linguagem torna-se nossa importante aliada nesse momento em que precisamos discutir e atuar para o esclarecimento e conscientização de que nossa linguagem colabora com a conservação da cultura que vivemos.

A compreensão de que nascemos com capacidade para desenvolver nossos potenciais para sermos autônomos, tornando-nos conscientes do que se passa em nosso interior quando nos encontramos com o meio externo, espontâneos em nossas ações e decisões e com possibilidade de sermos íntimos, transparentes e amorosos em nossos relacionamentos, princípios éticos fundamentais propostos por Eric Berne, constitui o propósito e o desafio ao lermos o momento individual e relacional no qual nos encontramos enquanto humanidade.

Nas palavras de Eric Berne, “por ser cada pessoa o produto de um milhão de momentos diferentes, de mil estados de espírito, de cem aventuras e, em geral, de dois progenitores diversos, uma investigação minuciosa de sua posição revelará muita complexidade e contradições aparentes.” (Berne, 1988, p.83)

Com este sentido, entendemos Estados de Ego como redes neurais específicas nas quais sensações, emoções, sentimentos, comportamentos e pensamentos

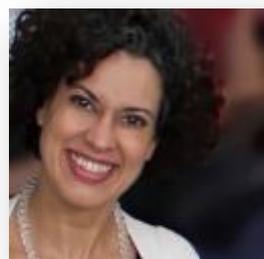
¹ Médica, psicoterapeuta e sanitarista. Mestre em Educação, Especialista em Medicina Social. Analista Transacional Membro Certificado - Área Clínica pela ITAA e Membro Didata - Área Clínica pela UNAT-Brasil. Integrante da Academia Brasileira de Educação Emocional e autora de livros. Diretora da Síntese: psicoterapia, formação e pesquisa. Facilitadora credenciada do Jogo da Transformação

relacionados são co-construídos interpessoalmente na evolução humana. Ao definir Análise Transacional como uma teoria da personalidade e de ação social e um método clínico de psicoterapia, Berne contempla a possibilidade de caminharmos do fisiológico ao relacional, do individual ao social para a compreensão do humano em sua multiplicidade..

Palavras-chave: Consciência social. Psicoterapia de grupo. Pesquisa-ação.

O OLHAR DA COMPLEXIDADE

Káritas de Toledo Ribas¹



Nosso desafio se principia pela própria pergunta pela complexidade. Do que falamos quando falamos de complexidade? Os ângulos que escolho abordar certamente têm, e só podem ter, a ver comigo, com minha formação e com meus estudos. Vou portanto pelos caminhos da filosofia e da biologia-cultural de Humberto Maturana, biólogo, pesquisador e renomado cientista chileno, com quem estudei durante três anos em meu mestrado.

Humberto Maturana em conjunto com Francisco Varela cunhou na década de 70, a autopoiese, termo cujo surgimento está descrito no prefácio (escrito 20 anos depois do lançamento da primeira edição, em 1974) do livro *De Máquinas e Seres Vivos – Autopoiese: A Organização do Vivo*. Nos conta Maturana que o termo utilizado para referir-se à organização do vivo era “organização circular”, trazendo inquietações ao pesquisador que buscava uma palavra mais evocadora do que caracterizaria o vivente. Após uma visita a um amigo filósofo que lhe contou sobre o dilema do cavaleiro Quejana – posteriormente nomeado Dom Quixote de La Mancha – “na dúvida de seguir no caminho das armas, isto é, o caminho da práxis, ou o caminho

¹ Mestre em Biologia-Cultural com Prof. Dr. Humberto Maturana, Filósofa, Psicanalista e Coach com Formação Ontológica; Consultora Especialista no trabalho com grupos. Professora, escritora e palestrante com mais de 20 anos de experiência na Formação de Lideranças Transformadoras. Facilitadora de grupos de Diálogos e eticista entusiasmada. Idealizadora e fundadora do Instituto Appana

das letras, isto é, o caminho da poieses” (Maturana e Varela, 1997, p.17), Maturana concebeu o termo autopoiese por entender que este nomeava adequadamente à “produção de si mesmos” que caracterizava todo ser vivo.

O termo tem sido amplamente utilizado, apesar de sua transposição para outras disciplinas e outros domínios não ser uma questão tão simples como grande parte de acadêmicos, autores e proponentes dessa transposição têm feito. Cabe aqui a crítica à apropriação indevida e massificada do conceito que temos visto de forma amplamente divulgada, inclusive cientificamente.

Como seres humanos, somos seres autopoieticos, “resultado de uma dinâmica não-proposital, cujo sentido da existência está na própria existência e não fora dela” (Maturana e Varela, 1997, p.12). A história de nossa evolução é a história da “associação inerente que há entre diferenças e semelhanças em cada etapa reprodutiva, a conservação da organização e a mudança estrutural” (Maturana e Varela, 2000, p.107), ou seja, a ontogenia, a história de mudanças estruturais, possibilita linhagens ininterruptas porque existem semelhanças em cada etapa reprodutiva e as variações históricas só são possíveis porque há diferenças estruturais. Somos diferentes em nossas semelhanças e semelhantes em nossas diferenças, o que só pode ser compreendido por meio da complexidade.

Em sua obra, Maturana nos conduz pelos caminhos do linguagem como ação inerentemente humana e que está na gênese da comunicação e do viver humanos. Nos dias atuais a comunicação tem sido vista como a grande possibilidade de mobilizar as pessoas para inúmeras causas e em diversas direções. Torna-se um desafio fazermos distinções num mundo onde a sofisticação da linguagem pode encontrar-se diametralmente oposta às intenções de quem se comunica.

Dúvidas sobre o melhor caminho a seguir e de como operacionalizar as decisões - na tentativa de construir um *ethos* coerente - acumulam-se, fazendo com que muitas pessoas sintam-se no limiar tênue da paralisia. Os estudos e pesquisas sobre o que nos faz bem para a saúde ou não, por exemplo, faz com que nos deitemos inimigos dos ovos e acordemos “tendo que” comer seis deles por dia.

É nesse mundo repleto de informações e paradoxos que temos navegado, utilizando bússolas artesanais, pois nossa educação não contempla um modelo de olhar sobre o mundo que dê conta da complexidade deste. Somos ensinados a “resolver

problemas” e não a lidar com paradoxos, a ciência e portanto as instituições de ensino estão fundadas na ordem, na estabilidade, na certeza e no controle.

Os pressupostos presentes na linguagem cotidiana na maioria das vezes estão completamente invisíveis para aqueles que a utilizam. No dia-a-dia nos expressamos de maneira automática, usando palavras e expressões facilmente acessáveis e constantemente repetidas e por isso dificilmente nos damos conta das origens, dos significados, da forma de pensar e principalmente da rede de valores que subjaz à maneira como nos comunicamos, que condicionam e formatam nossa cultura.

Mesmo sem termos consciência desse funcionamento, transmitimos através de nossa linguagem padrões de pensamento e portanto padrões de comportamento que carregam consigo uma história. Existem inúmeros modelos teóricos pelos quais se pode analisar e explicar o mundo e os mecanismos pelos quais o ser humano pode conhecê-lo, sendo que a maioria deles pressupõe observadores isentos e que são capazes de controlar seus objetos de estudo. No viver cotidiano não é diferente, julgamos que somos capazes de controlar nossas vidas e nos surpreendemos quando algo sai do controle.

A ciência clássica tem perdido sua capacidade explicativa e uma ciência novo-paradigmática começa a despontar a partir de disciplinas diversas, como por exemplo nos mostra o fato de que na primeira metade do século XX, o físico Heisenberg formula o “Princípio da Incerteza”, na mecânica quântica, afirmando ser impossível a determinação precisa da posição e velocidade de uma partícula simultaneamente, trazendo consequências no que tange à interação observador-sistema observado. Instabilidade, incerteza, flutuações, não-controlabilidade passam a ser as “ordens do dia”.

Podemos afirmar que os problemas epistemológicos são tantos e de tamanha dimensão que vivemos em um momento em que é inevitável lançarmos mão da epistemologia da complexidade, por meio da qual não se buscam explicações últimas pela impossibilidade de afirmarmos a existência de uma verdade ou ordem estática, concreta e palpável.

Algumas disciplinas das Ciências Humanas têm levado o pressuposto de que o observador é parte do sistema observado em consideração porém, isso não tem acontecido facilmente em todos os campos, o que frequentemente torna a ciência

um campo cujas conversas se parecem com um diálogo de surdos, em que todos falam mas não incapazes de se escutar.

Evidentemente esse modo de pensar tem raízes profundas e o exemplo da ciência apenas contribui para a compreensão das redes de conversações da cultura contemporânea que sustenta valores como a competição, a dominação, a exclusão, o controle, a hierarquia e a autoridade (Mariotti, 2010).

Os valores que regem essa cultura manifestam-se na linguagem prioritariamente através do raciocínio linear e lógico-binário, sendo facilmente defendidos através dos argumentos lógicos, que têm estado à serviço de conceder ao homem alguma sensação de controle, apropriação e domínio do mundo natural. O par dual ou-isso ou-aquilo se enraizou em nossa forma de pensar de tal forma que as múltiplas possibilidades ficam completamente esquecidas.

Uma reflexão consistente e o apoio para àqueles que necessitam de um olhar pormenorizado sobre suas questões específicas, sua emocionalidade e de um espaço de expressão de suas necessidades, seus desejos e seus conflitos, que não necessariamente se manifestam de forma lógica, possibilita a inclusão de um número considerável de pessoas que sentem-se excluídas por receberem rótulos como: estranhas, difíceis, diferentes, complicadas, incompreensíveis, desequilibradas, loucas, porque insistem em não se submeterem ao padrão de linguagem socialmente aceito.

Além disso, nas organizações e instituições, a necessidade da dialógica presente no paradigma da complexidade mostra-se necessária quando observamos as tentativas desesperadas e frustradas de se encontrar soluções rápidas e eficientes para todos os tipos de problema, numa fantasia desgovernada de que em algum momento alguma “solução mágica” poderá substituir a gestão das múltiplas camadas de relações que se apresentam quando lidamos com sistemas humanos (Osorio, 2013). Faz-se necessária a construção de pontes que promovam a conexão e reflexões que repercutam no esclarecimento e na conscientização de que nossa linguagem colabora com a conservação da cultura hegemônica, e portanto quando há intenção ou necessidade de mudanças culturais, elas necessariamente passarão pela linguagem pois ao desenvolvermos uma nova linguagem para desenvolvermos novas formas de pensar.

Morin nos faz refletir ao afirmar

(...) a necessidade de pensarem conjuntos na sua complementaridade, na sua coerência e no seu antagonismo as noções de ordem, de desordem e de organização obriga-nos a respeitar a complexidade física, biológica, humana. Pensar não é servir às ideias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de forma organizadora, e por vezes desorganizadora, para concebermos a realidade (...) A palavra complexidade é palavra que nos empurra para que explorem o estudo e o pensamento complexo é o pensamento que, armado dos princípios de ordem, leis, algoritmos, certezas, ideias claras, patrulha no nevoeiro o incerto, o confuso, o indizível. (Morin, 2000, p.180-181)

Palavras-chave: Teoria da complexidade. Linguagem. Filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARIOTTI, H. Pensamento Complexo: Suas Aplicações À Liderança, À Aprendizagem e ao Desenvolvimento Sustentável. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 203p.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. De Máquinas a Seres Vivos: Autopoiese: A organização do vivo. 3ª Ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.

_____. A Árvore do Conhecimento: As Bases da Compreensão Humana. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MORIN, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

OSORIO, L. C. Como Trabalhar com Sistemas Humanos: Grupos, Casais, Famílias, Empresas. São Paulo: Artmed, 2013.

SEMINÁRIO



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Curitiba-PR

A COLABORAÇÃO NAS EQUIPES DE TRABALHO

Ercilia Silva¹



Este seminário abordará o processo da colaboração nas equipes de trabalho, com base em alguns conceitos da Análise Transacional e da Teoria da Complexidade. Aborda aspectos das Posições Existenciais Básicas correlacionando com padrões de comportamento e com o pensamento complexo, no contexto de trabalhos colaborativos, com ênfase na interação entre as pessoas.

Palavras-chave: Análise Transacional. Colaboração. Teoria da Complexidade.

O ambiente organizacional convive com os impactos da competição global, da crescente conectividade, de novos modelos de negócios, da interação digital e outros fatores que influenciam sua complexidade.

Os avanços tecnológicos trouxeram soluções, softwares e ferramentas de suporte que auxiliam na elaboração de produtos colaborativos; mesmo a quilômetros de distância, uma equipe pode trabalhar em tempo real em torno de um propósito compartilhado.

Com a contínua necessidade das empresas manterem-se sustentáveis em mercados dinâmicos, competitivos, acentua-se a valorização do trabalho em equipe e a colaboração entre pares, como competências essenciais para potencializar resultados organizacionais positivos.

Ao mesmo tempo que se valoriza a colaboração, são comuns práticas reforçadoras de comportamentos competitivos baseadas, historicamente, em modelos de gestão caracterizados por comando e controle, constituindo-se, assim, um paradoxo presente na interação entre as pessoas que trabalham juntas.

¹Psicóloga (CRP 08/1678) Mestre em Criatividade na Espanha. Analista Transacional Membro Didata em Formação – Área Organizacional pela UNAT-Brasil. Especialista em Treinamento e Desenvolvimento. Coordenadora em Dinâmica dos Grupos/ SBDG. Coach Pessoal, Executivo e de Equipes. Facilitadora em programas de desenvolvimento de líderes e equipes. Diretora da Zoeh Desenvolvimento de Pessoas.

Morin, em sua Teoria da Complexidade ressalta que

[...] há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (2011, p. 36).

Portanto, interagir com outros para obter determinado resultado, é lidar com a multiplicidade e a diversidade, próprias do humano e do contexto em que se vive.

A colaboração entre pessoas no ambiente organizacional, que por natureza é um sistema complexo adaptativo, nasce na perspectiva da convivência com as diferenças e opostos, e a capacidade de estabelecer o maior número possível de conexões, com o intuito de fazer algo com o outro, tecer em conjunto, co-laborar.

Assim, potencializa-se as redes relacionais, gerando espaços e oportunidades para a recriação do indivíduo, da equipe, da organização, ativando a conexão empática entre as pessoas.

Nesse processo de tecer junto, interagir e produzir, manifesta-se a dinâmica individual, que pode ser observada através dos comportamentos funcionais OK e disfuncionais Não OK, correspondentes às Posições Existenciais, formadas a partir de convicções arraigadas e que resultam no conceito que o indivíduo tem de si, dos outros e do mundo.

Berne classificou em quatro posições básicas: Eu + Você +, Eu + Você -, Eu - Você +, Eu - Você -, correspondendo o sinal de + a OK e o sinal de - a não OK.

Citando novamente Berne,

Por ser cada pessoa o produto de um milhão de momentos diferentes, de mil estados de espírito, de cem aventuras e, em geral, de dois progenitores diversos, uma investigação minuciosa de sua posição revelará muita complexidade e contradições aparentes. Apesar disso, é possível detectar uma posição básica, sincera ou insincera, inflexível ou insegura, na qual sua vida está ancorada e a partir da qual a pessoa faz seus Jogos e seu Script (1988, p. 83).

Sobre as Posições Existenciais, Krausz (1999) ressalta que como se trata de uma percepção formada nos primeiros anos de vida, considerando a capacidade do ser humano de transformação, a Posição Existencial poderá mudar em função de alterações internas, como variar de acordo com a situação externa.

Quando o indivíduo está na posição OK / OK, considera o outro como um igual, respeita a si e aos demais, disponibiliza seu potencial e valoriza o do outro, possui

recursos para manter diálogos construtivos que são a essência das relações colaborativas.

Conclui-se que a colaboração nas equipes de trabalho é um fenômeno relacionale a Análise Transacional poderá dar suporte para seu entendimento e contribuir para intervenções que fomentem interações OK / OK, qualificando sua complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE, E. O que você diz depois de dizer Olá? São Paulo: Nobel, 1988.

HARGROVE, R. Colaboração criativa. São Paulo: Cultrix, 1998.

KRAUSZ, R. Trabalhabilidade. São Paulo: Nobel, 1999.

MARIOTTI, H. Complexidade e sustentabilidade. São Paulo: Atlas, 2013.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2011.

PONTOS CONVERGENTES ENTRE A ANÁLISE TRANSACIONAL E A TEORIA DA COMPLEXIDADE, PARA UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Prof^a. Ms. Carmem Maria Sant'Anna¹



O texto aborda fundamentos da Teoria da Complexidade indicando um ensino capaz de migrar do modelo de separação das disciplinas para um que promova a capacidade dese relacionarem e se comunicarem em seus diferentes aspectos. A Análise Transacional-AT é apresentada como um fundamento teórico para o educador sustentar sua ação educativa, criando pontes entre o simples e o complexo. A AT é uma Teoria da Personalidade com abordagem sistemática para o crescimento e a mudança. A familiarização com essa teoria, agregada à Teoria da Complexidade, tem potencial para um “fazer” em sala

¹ Mestre em Educação. Didata da SBDG. Analista Transacional Membro Certificada pela UNAT-Brasil. Desenvolve programas de capacitação docente dentro dos pressupostos da Andragogia - Aprendizagem de Adultos aliados aos conceitos da AT. Professora de pós-graduação Diretora da SK Aprendizagem. Autora de artigos acadêmicos publicados em revistas científicas. Palestrante em congresso presenciais e virtuais.

de aula que promova uma educação capaz de fazer ligações não só à realidade humana como também à realidade planetária considerando a comunicação e integração entre as diferentes disciplinas..

Palavras-chave: Teoria da Complexidade . Análise Transacional.

DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Ao pensarmos em alguns dos desafios da docência listados a seguir, pode instigar nosso interesse em examinar fundamentos da Teoria da Complexidade preconizadas por Morin, que possui um forte apelo pela construção de um sistema educacional que tenha a capacidade de educar no sentido de que os alunos aprendam e dar soluções nas várias situações da vida sabendo relacionar e compreender os diferentes aspectos do conhecimento e a interligação das disciplinas.

Desafios tais como preparar indivíduos para uma realidade social imprevisível; Formar pessoas responsáveis pela sobrevivência da humanidade; Criar a consciência da fragilidade do sistema terra, tendo em vista que hoje se dispõem de uma tecnologia com inimaginável potencial destrutivo, não só da humanidade, mas também do meio ambiente; Produzir um ambiente de ensino/aprendizagem que promova a consciência de que o conhecimento tem que ser usado com responsabilidade; Ajudar o indivíduo a aprender a conviver em um ambiente saudável, de respeito mútuo e de compreensão entre os seres humanos e o planeta; Formar pessoas para atuarem de modo efetivo e consciente na construção de um novo tempo e de um novo ser humano, integrado consigo mesmo com os outros, com o contexto local e global bem como com o global e o local;

Segundo Morin (2005), precisamos educar para uma era global, planetária. Como tornar possível realizar este tipo de educação levando em conta o modelo educacional vigente? Significa que devemos questionar um sistema educacional baseado na separação dos conhecimentos. A realidade do Conhecimento fornecido no sistema educacional é fragmentada em disciplinas separadas e não somente separadas, mas que tão pouco se comunicam. Aprendemos a analisar, aprendemos a separar, mas não aprendemos a relacionar a fazer com que as coisas se comuniquem. Compreender o tecido com “que une os diferentes aspectos dos

conhecimentos em cada disciplina,” nos ajuda a enxergar que tudo na composição da realidade está relacionado com tudo, como numa intrincada rede. Segundo Morin (2005), assim, “estão relacionados entre si o todo e as partes, as partes e o todo. As partes entre” si e as relações das partes entre si com o todo.

Uma educação organizada em disciplinas separadas nos torna incapazes de conhecer a complexidade, ou seja, de conhecer as numerosas ligações entre os diferentes aspectos do conhecimento. O momento atual em que vivemos se manifesta através de extrema interação entre toda a sorte de fatores econômicos, religiosos, políticos, étnicos, demográficos, etc. Fica cada vez mais difícil entender esta época em que o local é inseparável do global e o global influi sobre o local.

Cabe aqui entender o sentido da expressão ‘complexidade’ conforme empregada por Morin (2005). O autor emprega-a a partir do sentido da palavra em latim “complexus” entendido como “aquilo que é tecido em conjunto”. Ou seja, o encontro, a união dos contrários. A teoria da Complexidade surgiu da junção das Teorias da Informação, da Cibernética e da Teoria dos Sistemas.

Tomemos como exemplo da aplicação deste termo no ensino da história. Segundo Rodrigues (2012), as ações individuais; os acontecimentos; as transformações sociais, políticas, econômicas, culturais; o tempo e tantos outros fatores intimamente relacionados produzem os fatos históricos no curso do tempo.

No ensino da história, há necessidade de estar em sintonia com o nosso tempo, e não se limitarem somente no campo da história. Tal conhecimento faz parte da área das ciências humanas. Torna-se importante buscar conhecimentos também noutras áreas do saber tais como filosofia, psicologia, antropologia, política, religião para ter uma visão um pouco mais abrangente, mais analítica daquilo que é ensinado, daquilo que é levado para estes alunos do século XXI, nativos digitais.

Há necessidade de ter uma visão mais aprofundada do ensino de história no tempo presente, sem desconsiderar que esta era começou a partir de 1492 com a conquista das Américas e as navegações portuguesas pelo globo no século XVI. É dizer que essa era global começou no século XVI e hoje ela é cada vez mais forte mais intensa. Por isso devemos conhecê-la para saber quem somos para saber para onde vai o mundo, para onde vai a humanidade. O que supõe que nós questionamos sobre a humanidade e a relações entre os humanos e o conhecimento.

A reflexão sobre os subsídios teóricos e práticos aos profissionais da educação em torno dessa teoria agregada a conceitos da Análise Transacional visa apoiar os professores a levar o aluno a aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Entendendo que construir conhecimentos e desenvolver potencialidade ainda não basta para educarmos e termos pessoas melhores e habilitadas a situar as informações que recebem no seu contexto geográfico, cultural, social, histórico. A falta desta aptidão pode ainda gerar “genialidades” voltadas para a corrupção e destruição.

Sendo assim, impõe-se a necessidade de buscar formas alternativas para incrementar os resultados no processo educativo, dando aos professores os recursos emocionais de que precisam para dar conta de seu papel. Para isso, pretendemos apresentar a contribuição da Análise Transacional como uma forma possível para sustentar a ação educacional em Valores Humanos básicos e universais capazes de desenvolver a compreensão, autonomia e comunicação efetiva, entre educador, educando articulando a complementaridade das disciplinas.

O QUE É ANÁLISE TRANSACIONAL¹

Análise Transacional (AT) é uma Teoria da Personalidade com uma abordagem sistemática para o crescimento e a mudança pessoal. Criada pelo Dr. Eric Berne no final da década de 50, ela é também uma filosofia humanista, que fornece base para suas muitas aplicações dentro da psicologia individual e social. Possui um conjunto de estratégias de mudança positiva que possibilita ao indivíduo uma retomada de posição diante da vida, do outro e do mundo.

A AT tem como objetivo último levar o indivíduo à alcançar a Autonomia de Vida. Entende-se por Ser Autônomo o indivíduo que tem o controle de sua própria vida, aceita a responsabilidade de seus próprios sentimentos, pensamentos e comportamentos, além de abdicar-se de padrões inadequados para viver no aqui-e-agora. Tudo isso pode ser obtido mediante a recuperação de três capacidades: consciência, espontaneidade e intimidade. Segundo Eric Berne (1988), essas três capacidades são inatas no ser humano entretanto, algumas vezes, elas são

¹ SANT'ANNA, Carmem Maria. Parte do conteúdo a seguir foi apresentado no VIII- Fórum Brasileiro de Análise Transacional - Conectando e Inspirando Pessoas. Mini Curso em Foz do Iguaçu, 16, 17 e 18 de outubro de 2014.

limitadas por situações estressantes ou traumáticas sofridas na infância, e que podem ser recuperadas por decisão pessoal, pela terapia e também pela via da educação.

Além de ter se ocupado primordialmente com o que ocorre entre os indivíduos, Berne contribuiu ainda com um excelente modelo de estudo do que ocorre no interior do indivíduo. A AT é uma filosofia positiva e de confiança no ser humano: todos nós nascemos bem, com capacidade plena para obter o sucesso e a satisfação de nossas necessidades e as de nossos semelhantes. Essa visão coincide com o conceito ampliado de educação apresentado, por Jacques Delors, no relatório da UNESCO: “Que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo, e revelar o tesouro escondido em cada um de nós”, e com o pensar de FREIRE (1996, p. 66): “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Eric Berne enfatizou a importância de pensar de forma profunda, de ouvir os outros e de falar de maneira acessível. O termo transacional deveu-se ao interesse que Berne tinha pelo que ocorria entre as pessoas, por isso o estudo, a análise, as trocas de estímulos e as respostas (transações) entre os indivíduos. Sua contribuição inclui muitos conceitos, que são úteis para os educadores aplicarem de forma prática em seus procedimentos em sala.

A teoria da AT está estruturada em diversos conceitos que, aliados aos sinais de comportamentos observáveis e da intuição do professor, permite diagnosticar, com alta probabilidade de acerto, o que está ocorrendo no aqui-e-agora dentro da sala de aula. Isto eleva a habilidade do educador de compreender o sistema do grupo e propiciar um modelo sinérgico para ajudar o aluno - frente à grande diversidade de opções - a encontrar e desenvolver seus vínculos sociais. A função da escola em relação à formação da personalidade consiste em criar os marcos de referência que permitirão a cada um escolher e construir sua ou suas múltiplas identidades.

Sendo assim, uma ação em sala de aula construída em torno desses fundamentos e princípios poderá contar com boa parcela de êxito em situar junto com os alunos as informações que recebem no seu contexto geográfico, cultural, social, histórico, entendendo a transversalidades das ciências humanas, químicas e biológicas.

O educador, ao se apropriar desse referencial teórico, terá à sua disposição um saber operacional que o ajudará a promover - ainda mais - uma educação que liberta pelo saber e que, somada ao estímulo para um pensar e agir cooperativamente, pode acelerar a criação de um ambiente de aprendizagem no qual poderá florescer indivíduos integrados ao planeta e à comunidade que os cerca. Berne desenvolveu um corpo teórico amplo e profundo, maximizando a compreensão da personalidade, das interações sociais, do comportamento humano e da aplicação de técnicas que podem ser utilizadas na educação.

O exame do referencial teórico da AT, fornece indicações de seu potencial como recurso pedagógico. O conjunto de conceitos criados por Berne merece consideração detida, devido ao seu valor prático.

Sendo assim, o objetivo final da AT coincide com os objetivos da educação para o Século XXI tendo como pano de fundo a Teoria da Complexidade. Um exemplo é a busca da Autonomia, que é manifestada pela liberação ou pela recuperação de três capacidades: Consciência, Espontaneidade e Intimidade (Autenticidade/transparência). Consciência, segundo Berne, é:

A capacidade de viver de uma maneira própria, e não do modo como se foi obrigado. (...) A pessoa consciente está viva porque sabe o que sente, onde está e o momento que vive. (...) Espontaneidade: Significa a opção, liberdade de escolher e de exprimir sentimentos existentes na coleção que cada indivíduo tem disponível (sentimentos do Pai, do Adulto e da Criança). Significa estar liberto da compulsão de ter apenas sentimentos que se aprendeu a ter. (...) Intimidade: é a sinceridade sem jogos de uma pessoa consciente, a liberdade da Criança perceptiva e incorrupta em toda a sua ingenuidade vivendo no aqui e agora. (BERNE, 1995, p. 155-157).

O referencial teórico da Análise Transacional oferece múltiplos recursos que potencializam e ampliam o papel do educador e do aluno dentro da sala de aula.

Um conceito muito rico da AT, a saber, os três “P’s”: (Permissão, Proteção, Potência), que são atributos importantes a serem cultivados pelo educador. (Permissão - BERNE, 1988, p. 355; Proteção - CROSMAN, P., 1966, p.152-154; Potência - STEINER, C., 1971, p. 139-155).

Citando CLARKE (1984, p. 47) e mudando apenas a palavra “líder” para “professor”:

Potência, Proteção e Permissão são três qualidades de liderança inter-relacionadas. Professor que é potente demonstra competência, produz e inspira os outros a cooperarem na execução das tarefas do grupo. O professor que oferece proteção cria um ambiente no qual as pessoas se sentem livres para realizar, crescer e criar. O professor que dá permissão aos outros interage com as pessoas de tal forma que os encoraja a realizar, crescer e criar. Um professor potente é o que desenvolveu todas as três qualidades e as mantém em equilíbrio.

Pelas considerações acima conclui-se que o referencial teórico da Análise Transacional oferece múltiplos recursos que potencializam e legitimam o papel do educador e do aluno dentro da sala de aula. O exame da proposta teórica da AT na educação, integrada aos paradigmas contemporâneos da educação, em conjunto com os objetivos pedagógicos do Pensamento Complexo, podem contribuir para uma educação que amplie e interliga os diferentes saberes na construção do homem integrado consigo mesmo e com o sistema planetário.

À medida em que o educador for se inteirando de conceitos da Análise Transacional tais como Posição Existencial, Transações, Reconhecimento, Emoções encontrará outras formas para utilizar pontos convergentes com uma educação transdisciplinar. Conceitos que o habilitará a compreender de forma profunda além do contexto de sua sala de aula promovendo a compreensão da relação complementar das diferentes disciplinas fazendo a integração dos conhecimentos provindas da diferentes ciências.

Aqui fica um convite para que seja feito um exame da proposta teórica da AT na educação, integrada aos paradigmas contemporâneos da educação, que, em conjunto com os objetivos pedagógicos do Pensamento Complexo, podem contribuir para uma educação que leva à construção do homem integrado consigo mesmo e o ambiente, compreendendo que seu contexto local está implicado no sistema global e que esta compreensão vem da interligação dos diferentes conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá? São Paulo : Nobel, 1988
- CLARKE, Jean Illsley. Utilização Sinérgica de cinco conceitos da Análise Transacional na Educação. REBAT, Ano VII, n.º 1, junho 1997. Ano VIII, n.º 1, junho 1998.
- CROSMAN, P. Permission and protection. Transactional Analysis Journal 5(9), p. 152-154.
- DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir – Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo : Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1996

MORIN, Edgar- Conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil. 2005.
<http://edgarmorin.sescsp.org.br/textos/educa%C3%A7%C3%A3o-na-era-planet%C3%A1ria/> Acesso em 27 de julho de 2015

RODRIGUES, André Wagner. História, Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade do prof. Ms. André Wagner Rodrigues. São Paulo : Editora Luminária, 2011. In https://www.youtube.com/watch?v=8_ifW0Gym0I acesso em 27 de julho de 2015.

SANT'ANNA, Carmem Maria. Aprendizagem Transformadora: Novas fronteiras no mundo da educação. Mini curso apresentado no VIII Fórum Brasileiro de Análise Transacional – Conectando e Inspirando Pessoas. Foz do Iguaçu, 16, 17 e 18 de outubro de 2014.

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida. A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas. Rio de Janeiro : Artenova, 1971.

OBRAS CONSULTADAS

CAMARGO, Edgar Assis. Edgar Morin 02. Mov.PUC-SP.

<https://www.youtube.com/watch?v=Kr9iia4Vtn0> Acesso em 27 de julho de 2015.

RODRIGUES, André. O que é a Teoria da Complexidade

https://www.youtube.com/watch?v=8_ifW0Gym0I Acesso em 27 de julho de 2015.

RODRIGUES, André Wagner. História, Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade do prof. Ms. André Wagner Rodrigues. São Paulo : Editora Luminária, 2011. In https://www.youtube.com/watch?v=8_ifW0Gym0I acesso em 27 de julho de 2015.

SANT'ANNA, Carmem Maria. Aprendizagem Transformadora: Novas fronteiras no mundo da educação. Mini curso apresentado no VIII Fórum Brasileiro de Análise Transacional – Conectando e Inspirando Pessoas. Foz do Iguaçu, 16, 17 e 18 de outubro de 2014.

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida. A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas. Rio de Janeiro : Artenova, 1971.

OBRAS CONSULTADAS

CAMARGO, Edgar Assis. Edgar Morin 02. Mov.PUC-SP.

<https://www.youtube.com/watch?v=Kr9iia4Vtn0> Acesso em 27 de julho de 2015.

Rodrigues, André- O que é a Teoria da Complexidade

https://www.youtube.com/watch?v=8_ifW0Gym0I Acesso em 27 de julho de 2015.

MITOS DA ÁREA PSI REVISTOS À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL (AT)

Antonio Pedreira¹



O autor pretende com este tema inédito, estabelecer um espaço para reflexão com a plateia, acerca de algumas das principais falácias ou mitos, que ainda ocorrem dentro da psicologia, induzidos por influência midiática. Serão debatidos muitos conceitos propalados no mundo psi, aceitos como verdades e que hoje são comprovados como parcial ou totalmente errôneos. Apoiado em resultados baseados em evidências duma experiência prática em psicoterapia do autor, por 33 anos, usando AT como referencial teórico-prático, e em verificações científicas atuais e rigorosas, ensejará uma ampla discussão acerca de pseudoverdades que fazem parte do universo da Psicomitologia, e que servirão de estímulo para revê-las e obter informações úteis e fidedignas para a adoção de decisões importantes em sua vida prática e em sua práxis profissional.

Palavras-chave: Psicomitologia; Análise Transacional; Mitos.

“A ciência deve começar com os mitos, e com a crítica dos mitos” (Sir Karl Popper, 1957)

Há muitos conceitos propalados no mundo psi, que são aceitos como verdades e que são hoje tidas como parcial ou totalmente errôneos. Verificações rigorosas e com base em evidências desmistificaram “verdades” propagadas pela TV, cinema, internet sobre temas psicológicos, e que de fato pertencem ao universo da

¹ Médico, Psicoterapeuta, Escritor e Educador. Especialista em Análise Transacional pela FATEP/UNAT, Analista Transacional Membro Didata – área Clínica pela UNAT-Brasil e ALAT. Diretor Científico da ALAT. Presidente da ALAT 2008-2010. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina. Autor de vários livros nas áreas: Bio-Médica e da Saúde Mental com enfoque em AT.

Psicomitologia. No meio de informações psicológicas verdadeiras, há inúmeros mitos, equívocos e conceitos falsos. Entre estes, serão debatidos os seguintes temas:

- 1) *“Não há como se recobrar dos traumas de infância.”*(Lilienfeld.et al., 2010; Goulding& Goulding, 1985)
- 2) *“Sonhos são revivência de assuntos recalçados.”*(Lilienfeld.et al., 2010)
- 3) *“Há pessoas que nunca sonham”.*
- 4) *“A depressão pode ser curada através de força-de-vontade”.*
- 5) *“Pessoas que foram vítimas de abuso sexual na infância vão ter problemas sexuais como adultos”.*
- 6) *“Melhorando a autoestima supera-se o transtorno de ansiedade social”.*
- 7) *“Quem ameaça suicidar, não se suicida: cão que ladra, não morde”.*
- 8) *“Se curar uma neurose, (Fobia, Pânico etc.), aparece algo pior no lugar”.*
- 9) *“Só através de uma análise longa é que a pessoa cura a sua neurose”.*(Lilienfeld.et al., 2010; Kertész, 1985; Goulding& Goulding, 1985)
- 10) *“Pessoas que falam sozinhas são loucas”.*(Steiner, 1976)
- 11) *“Rir sozinho é sinal de loucura”.*
- 12) *“Uma psicoterapia eficiente só é possível mediante uma análise de duração longa em que os traumas infantis são conscientizados”.*(Goulding & Goulding, 1985)
- 13) *“Tornar consciente o que é inconsciente é o caminho seguro para cura”.*
- 14) *“Não é possível o terapeuta ser amigo do seu cliente”.*
- 15) *“Se um membro da família já é cliente, o analista não pode fazer terapia de outro familiar”.*
- 16) *“Entre o terapeuta e o cliente não pode haver uma mesa”.*
- 17) *“Mesmo sendo médico, o psicoterapeuta não deve receitar o analisando”.*
- 18) *“O problema de uma terapia é que o cliente fica dependente do psicoterapeuta”.*(Goulding&Goulding, 1985)
- 19) *“Crianças mimadas acabam estragadas”.*(Steiner, 1976)
- 20) *“Se a raiva não for expressa, acabará provocando doença grave”.*(Lilienfeld.et al., 2010; Pedreira, 1997)
- 21) *“Terapia de grupo só serve como autoajuda”.*(Berne, 1977; Kertész, 1985)

Este nosso trabalho se insere nos três eixos temáticos propostos e suas questões norteadoras, na medida em que:

(1º) Reafirma a simplicidade de conceitos da Análise Transacional – como Estados de Ego, Script, Jogos, Compulsões, etc. (Berne, 1977; Steiner, 1976; Kertész, 1985; Woolams & Brown, 1979; Pedreira, 1997 e 2010); – contribuindo para a revelação de fatos comprovados por evidências experimentais, as quais elucidam questões complexas sustentadas por mitos do universo psi; (Angermeyer & Dietrich, 2006; Lilienfeld et al., 2010; Brunvand, 1999);

(2º) Afasta pseudoverdades na formulação de Contratos – causa e efeito de mudanças – como base para as interações humanas OK/OK/OK, livres de inverdades e meias-verdades; (Berne, 1977, 1985 e 1988; Steiner, 1976 e 2001; Brunvand, 1999, Brown, 1983; Goulding & Goulding, 1976 e 1985);

(3º) Cria bases concretas e fidedignas ao extinguir certos psicomitos, promovendo o empoderamento de todos os envolvidos nos processos vivenciais, livres, no aqui e agora, de certas influências bioculturais mistificadoras, prejudiciais ao crescimento pessoal. (Lilienfeld et al., 2010; Brunvand, 2010; Brown, 1983; Erskine & Zalzman, 1979; Goulding & Goulding, 1976 e 1985)

Serão abertos diálogos construtivos na discussão sobre a carga de informações, e de desinformações, visando ajudar na tarefa de distinguir o que é verdade, meia verdade e falácia. Ao final, é esperada a obtenção de uma tomada de consciência do que é confiável para ajudar a separar a realidade de mitos da psicologia, capazes de iludir a natureza humana, além de nos induzir à tomada de decisões insensatas no nosso cotidiano. A palavra mito é aqui utilizada, no sentido de: uma crença popular (mas falsa) ou uma história fictícia ou mera verdade, que faz parte de uma ideologia. A maior parte dos mitos que serão apresentados neste seminário são amplamente disseminados, e aceitos como “dogmas psicanalíticos e psicológicos que foram já devidamente desmitificados por pesquisas idôneas mais recentes” in Lilienfeld (2010). Também, ao longo de 32 anos de prática psicoterápica usando AT como referencial teórico-prático, o autor pode constatar alguns exageros de proposições que contêm uma semente de verdade. (Pedreira, 1997 e 2010)

Será estabelecido um amplo diálogo com a plateia em que algumas constatações por nós verificadas, em relação aos equívocos mais comuns, referente a conceitos psicológicos firmados como crenças estabelecidas, porém verificadas como não verdadeiras ou fidedignas. Os participantes terão acesso a conceitos e crenças do universo da psicomitologia que possibilitem compreender como o indivíduo pode

conectar com sua autonomia em discernir verdades, de falsas verdades.(Erskine& Zalcman, 1979;Carroll, 2003; Geake, 2008; Lilienfeld.et al., 2010; Brunvand, 2010; Brown, 1983)

Ao final, é esperado um despertar do interesse pelo imenso campo da Psicomitologia e prover informações úteis de conhecimentos verdadeiros que possam servir de alerta para a frequente ocorrência destas falácias no cotidiano de todos nós(Geake, 2008;Carroll, 2003). O estabelecimento de pontes entre pessoas interessadas em dialogar, com base na AT, sobre o desafio diário de conviver com demandas diversas, às vezes paradoxais que nos põem em contato diante do simples e da complexidade na diversificada teia relacional humana. (DSM-IV TR, 2005: Schiff, 1986; Berne, 1977, 1985 e 1988; Pedreira, 1997 e 2010)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERMEYER, M.C. &DIETRICH, S. (2006). "Public beliefs about and attitudes towards people with mental illness: a review of population studies."Acta Psychiatrica Scandinavica, 113, 163-179.

BERNE, E. (1977).Os jogos da vida. Rio de Janeiro: Artenova, 26-29, 49-62, 68.

----- (1985).Análise Transacional em psicoterapia. São Paulo: Summus,21-23, 41-47, 82, 142 -153.

----- (1988).O que diz você depois de dizer olá? São Paulo: Nobel, 25-37, 353-355.

BROWN,L.T. (1983).“Some more misconceptions about psychology among introductory psychology students.”Teaching of Psychology, 10, 207-210.

BRUNVAND, J.H. (1999). Too good to be true: the colossal book of urban legends. NY: W.W. Norton.

CARROLL, R.T. (2003). The Skeptic's dictionary: a collection of strange beliefs, amusing deceptions, and dangerous delusions. NY: Wiley.

Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 4a edition (DSM-IV TR).(2005). American Psychiatric Association.American Psychiatric Press.

ERSKINE, R. &ZALCMAN, M. (1979).O Sistema De Disfarce: Um Modelo para Análise dos “Disfarces”. TAJ, v.9, janeiro 1979. In: Prêmios Eric Berne 1971-1997, 169-179.

- GEAKE, J. (2008). "Neuromythologies in education." *Educational Research*, 50, 123-133.
- GOULDING, M. & GOULDING, R. (1976). Injunções, Decisões e Redecisões, TAJ, v.6, janeiro, 1976 in Prêmios Eric Berne 1971-1997. UNAT-BRASIL, 41-50.
- (1985) Ajuda-te pela Análise Transacional– A arte de viver bem com a Terapia da Redecisão I. São Paulo: IBRASA, 20-21, 27-39, 66-99.
- KERTÉSZ, R. (1985) Análise Transacional ao vivo. 2ª edição. São Paulo: Summus, 14-19.
- LILIENFELD, Scott O. et al.(2010). Os 50 maiores mitos populares da psicologia: derrubando famosos equívocos sobre o comportamento humano; SP: Ed. Gente.
- PEDREIRA, A. (1997). A hora e a vez da competência emocional. Salvador: Casa da Qualidade.
- (2010). Aritmética das emoções – uma viagem inédita ao universo das emoções através da Análise Transacional. 1ª Edição. Salvador: Contexto, 53-57.
- SCHIFF, J. (1986). Leituras do Cathexis: Tratamento de Psicoses. UNAT-BRASIL – circulação restrita.
- STEINER, C. (1976). Os papéis que vivemos na vida. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 36-43.
- WOOLAMS, S. & BROWN, M. (1979). Manual completo de Análise Transacional. 1ª ed. S.P: Cultrix, 142-144.
- OBRAS CONSULTADAS**
- AAMODT, M. G. (2008). "Reducing misconceptions and false beliefs in police and criminal psychologist" *Criminal Justice and Behavior*, 35, 131-140.
- ALFERINK, L. (2007). "Educational practices, superstitious behavior, and mythed opportunities". *Scientific Review of Mental Health Practice*, 5, 21-30.
- AREAN, P. A. & REYNOLDS, C. F. (2005). "The impact of psychosocial factors on late-life depression." *Biological Psychiatry*, 58, 277-282.
- BARRY, C. T., FRICK, P. J. & KILLIAN, A. L. (2003). "The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: a preliminary investigation" *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32, 139-152.
- BLOOM, P.B. (1994). "Is insight necessary for successful treatment?" *Am J. of Clinical Hyp*, 36, 172-174.

BONANNO, G. A. (2004). "Loss, trauma, and human resilience: have we underestimated the human capacity to thrive after extremely adverse events?" *Am Psy*, 59, 20-28.

CARACUSHANSKY, S. Curso avançado de Análise Transacional de base psicanalítica. São Paulo: Assertiva, 212.

ERDELYI, M. (2006). "The unified theory of repression." *Behavioral and Brain Sciences*, 29, 499.

GARDNER, R. M. & HUND, R. M. (1983). "Misconceptions of psychology among academicians." *Teaching of Psychology*, 10, 20-22.

KAPLAN & SADOCK'S (2007). *Synopsis of Psychiatry*, 10^o edition. Lippincott Williams & Wilkins Press.

HARRIS, T. A. (1993). *Eu estou Ok – Você está OK. As relações do bem estar social*. 6^a edição. Rio de Janeiro: Record, 52-67.

STEINER, C. (2001). *Educação emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.

ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO PROFISSIONAL

Laucemir Silveira¹



Este estudo analisa a prática do acompanhamento e avaliação de desempenho do trabalhador nas organizações a partir de conceitos da Análise Transacional e da Teoria da Complexidade. Aborda as ações de acompanhamento, feedback, validação e redirecionamento do desempenho promovidas pelo gestor em relação ao desempenho do colaborador. Conclui que o conceito de Estados do Ego pode contribuir com o gestor para que conduza o processo de forma coerente e produtiva.

¹ Economista e psicóloga (CRP 08/3335). Mestre em Administração de RH. Analista Transacional Membro Didata - Área Organizacional pela UNAT-Brasil. Didata em Dinâmica dos Grupos / SBDG. Consultora em desenvolvimento interpessoal, gerencial e de equipes. Personal e Executive Coach. Coach ontológico certificada pela Newfield. Professora de pós-graduação. Diretora da Zoeh Desenvolvimento de Pessoas.

Palavras-chave: Análise Transacional. Desempenho. Teoria da Complexidade.

Com o aumento da competitividade entre empresas, a partir da década de 80 passou a ser incumbência dos gestores o acompanhamento do desempenho dos empregados com o objetivo principal de identificar desempenhos inadequados e promover os ajustes necessários. Neste estudo, definimos desempenho como a realização do trabalho aplicando os conhecimentos, habilidades e atitudes necessários e desejáveis ao alcance de resultados organizacionais.

Este estudo tece considerações a respeito da influência de aspectos relacionais entre o gestor e o colaborador, no acompanhamento e avaliação de desempenho ou performance, com base nos conceitos de Estados do Ego (EE) da Análise Transacional, contextualizados na Teoria da Complexidade de Edgar Morin.

Diferença entre avaliar e analisar

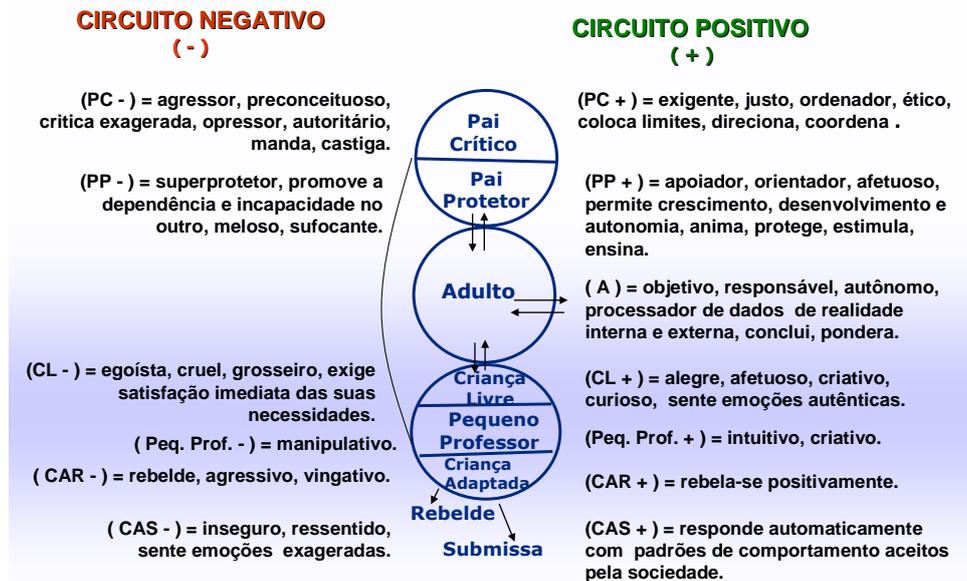
São dois verbos com significados bastante diferentes, pois se referem a ações distintas. A opção pelo termo “avaliação de desempenho” teve como berço um momento da história em que passou a ser relevante contabilizar dados e números, pois tinha a função de comparar para descartar o que não levasse a resultado, quando a sobrevivência das organizações estava ameaçada pelo fenômeno da concorrência no mundo dos negócios, quando entrávamos na era da informação e avanço da tecnologia.

Para um olhar desatento, “avaliar” é apenas um verbo que indica uma ação sob responsabilidade do gestor e do avaliado, que também deve fazer sua autoavaliação, com base em indicadores de desempenho que interessam à empresa.

Quando consideramos a ação sob a ótica do conceito de Estados do Ego¹, mudam sua profundidade e relevância, pois convida a pensar o mundo interno do avaliador e o tipo de estímulo que emite ao interlocutor a partir do conteúdo e forma como se expressa. Vamos prosseguir nas considerações a partir do diagrama da personalidade a partir de Krausz (1999).

¹ Estrutura da Personalidade

Os Estados de Ego possuem funções diferentes



Quadro I – adaptado do original de Krausz (1999)

Para compreender o funcionamento dos Estados do Ego e sua interferência nas relações e na vida, usamos a Análise Funcional, onde são descritas as funções específicas de cada Estado do Ego, ou seja, as formas como a pessoa se expressa, verbal e não verbalmente, a partir de seu EE predominantemente energizado em dado momento.

Todas as funções podem ser parte de um circuito OK (positivo), quando a energia está fluindo entre os EE, propiciando que o indivíduo se manifeste a partir de qualquer um deles, especialmente daquele que, no dado momento, leva a comportamentos adequados à situação presente. Devido a alguma disfuncionalidade estrutural ou funcional do aparelho psíquico, a mobilização do potencial de pensamentos, emoções, percepções e consequentes comportamentos podem se dar a partir do circuito NÃO OK (negativo), quando a energia não está fluindo de maneira a permitir que o indivíduo acesse aqueles recursos que o capacitam a lidar com a situação presente de forma adequada.

O tema das disfuncionalidades na Análise Transacional é amplo e aqui vamos nos ater a somente dois mecanismos que levam o indivíduo a se manifestar no circuito negativo, tanto nos seus processos psíquicos internos quanto nas suas atitudes e relacionamentos:

- A Desqualificação¹, que quando presente nas pessoas envolvidas no processo de acompanhamento e avaliação de desempenho, desconsidera ou altera aspectos relevantes do próprio desempenho, da relação entre gestor e colaborador e suas interfaces internas à organização ou relacionadas ao seu contexto;
- A Contaminação², seja do EE Adulto pelo EE Pai, levando a confundir dados de realidade com suas crenças, valores e outras aprendizagens ocorridas a partir de figuras parentais e da cultura, como, por exemplo, quando o gestor acha bom que o trabalho seja executado de determinada maneira em vez de considerar o que seria adequado às competências do colaborador e resultados almejados; seja pela contaminação do EE Adulto pelo EE Criança, na qual os fatos da realidade são enevoados pelas fantasias ou receios, como, por exemplo, quando o gestor está com receio não consciente de perder o apreço do colaborador e então deixa de mencionar fatos relevantes do seu desempenho.

Lembremos que as disfuncionalidades podem ocorrer em ambos os envolvidos, pois se tratam de questões da dinâmica humana. Neste ponto gostaria de introduzir um dos princípios da Teoria da Complexidade (Morin, 2000), que propõe que a organização do todo produz qualidades ou propriedades novas nas partes, emergentes na interação entre elas. Assim, o desempenho do colaborador possui manifestações que estão imbricadas na sua relação com seu gestor dentro do sistema no qual operam. Esse pensamento nos convida a considerar o desempenho de um com propriedades que dependem da relação de ambos. Assim, a performance que está sendo acompanhada e avaliada, de certa maneira, é fruto de ambos, que por sua vez recebe a influência do sistema organizacional. Tal concepção pode ser corroborada por outro Princípio da mesma teoria, o Hologramático, que propõe que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto representado e, assim, não somente a parte está no todo, mas o todo se inscreve na parte, de tal maneira que podemos considerar o desempenho

¹“A pessoa que desqualifica acredita ou age como se algum aspecto do *self*, do outro ou da realidade fosse menos significativo do que realmente é” (MELLOR e SCHIFF, 2010, p. 130). De acordo com Schiff e Schiff (2010, p. 29), existem quatro possibilidades de Desqualificação: do problema, do significado do problema, da solubilidade do problema, da habilidade de resolver o problema.

² É uma disfunção na estrutura dos Estados do Ego que leva o indivíduo a indiferenciar suas crenças, valores, preconceitos, fantasias e receios do que é realidade baseada em fatos.

do colaborador como impregnado de aspectos do todo organizacional: suas crenças, valores, normas e outros aspectos que constituem sua cultura e seu Script.

Por mais que esta idéia possa parecer óbvia, na prática gestores costumam “avaliar o desempenho do colaborador”, sem incluir-se como parte dele.

Tanto a dinâmica relacional estudada à luz da Análise Transacional, quanto a Teoria da Complexidade, amparam a idéia de que o EE no qual a pessoa se manifesta no momento, tenderá a estimular a energização de determinado EE do interlocutor e sua reação a partir dele. Da mesma forma, manifestação no circuito negativo tende a estimular o interlocutor a entrar no seu circuito negativo, dependendo de seu grau de predisposição para tal e do impacto do estímulo.

Se o gestor se prepara para fazer uma “avaliação” do desempenho de um colaborador, a princípio estará estimulado a considerá-lo a partir da referência do seu EE Pai que tende a se manifestar a partir do PC (aquele que critica, avalia): o que considera certo ou errado, bom ou ruim, de acordo com suas crenças e valores em relação às necessidades das atividades e responsabilidades a cargo do avaliado. É comum, na cultura de organizações brasileiras, o gestor preparar-se para avaliar procurando pelos erros e inadequações do colaborador mais do que seus acertos e desempenhos adequados, por ver essa como a oportunidade de evidenciar esses aspectos, em vez de fazê-los no dia a dia, em conversas corriqueiras. No circuito negativo, sua crítica e grau de exigência tendem a ser diretivos, exagerados e arbitrários, o que pode ser acionado em situações de pressão.

Se o estímulo for para fazer “análise” do desempenho, aciona com maior probabilidade recursos do seu EE Adulto. Neste caso, suas considerações tendem a se basear em informações e dados objetivos, permitindo, um feedback que evidencie aspectos concretos do desempenho, levando a acordos claros quanto aos procedimentos subseqüentes para fortalecer o adequado e redirecionar o inadequado.

Acessar o EE Adulto propicia, ainda, acessar recursos do seu EE Criança, como o afeto necessário para colocar “calor humano” e criar um clima de proximidade para dialogarem sobre algo relevante para a vida profissional de ambos e um relacionamento que poderá se prolongar por anos, dia após dia com atividades

compartilhadas. Habilita a acessar as capacidades de ambos, provindas de seu EE Pai: de proteção e ensinamentos mútuos.

Em algumas organizações, uma reunião para acompanhamento e avaliação de desempenho é percebida como um momento de cobranças, com baixo nível de reconhecimento aos aspectos positivos da atuação, onde se priorizam os erros e o desempenho que necessita melhorar. Assim, o avaliado tende a vir para a reunião de feedback armado para se defender da ameaça. Neste caso sua tendência será rebater o que vier de informação ou crítica que o leve a sentir-se menos, como se houvesse um escudo de auto proteção. Como estamos falando da subjetividade da pessoa, aqui não se trata de uma estratégia consciente para atacar ou defender, mas de um ajuste não consciente promovido pelo mecanismo de Desqualificação para que a pessoa possa sobreviver emocionalmente a essa situação.

Uma experiência como essa certamente não estimula a expressão produtiva de ambos, tampouco a escuta do colaborador para que possa compreender em que aspectos seu desempenho necessita e pode melhorar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRAUSZ, R. Trabalhabilidade. São Paulo: Editora Nobel, 1999.

MELLOR, Ken e SCHIFF, Eric. Desqualificação. TAJ, v.5, julho 1975. In: UNAT-BRASIL, Prêmios Eric Berne 1971-1997– circulação restrita, 2010.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (org), Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs. 2000.

OBRAS CONSULTADAS

BERNE, E. O que você diz depois de dizer Olá? São Paulo: Nobel, 1988.

SCHIFF, Aaron e SCHIFF, Jacqui. Passividade. TAJ – v.1, janeiro 1971. In: UNAT-BRASIL Prêmios Eric Berne 1971-1997– circulação restrita, 2010.

SIMPLICIDADE DA CONDUITA HUMANA - SCRIPT E CONTAMINAÇÃO DUPLAJorge Close¹

Neste Seminário veremos que o comportamento: segue um processo simples, analisável e previsível; é situacional e busca atender uma necessidade latente (homeostase psicológica); o Script o orienta e lhe dá significado; como a contaminação dupla pode torná-lo “ilógico” para o observado. Revisaremos a Teoria Cibernética do cérebro que indica a existência de uma estrutura básica inata e outra adquirida (Script). A adquirida pode ser múltipla e está representada pelas influencias ambientais, aprendizagem, educação, imitação, adaptação, treinamento, condicionamento, etc. do indivíduo.

Terminado o seminário o participante terá adquirido um instrumento prático e simples para formular estratégias e táticas de compreensão e ajuste de comportamentos

Palavras-chave: Análise Transaccional. Teoria Cibernética. Script

Neste Seminário veremos como o comportamento segue um processo simples, analisável e previsível. Constataremos que ele é situacional e busca atender uma necessidade latente (homeostase psicológica)². Veremos como o Script o orienta e lhe dá significado e como a Contaminação dupla a pode torná-lo “ilógico” para o observado. Aplicaremos um método/modelo de análise e intervenção que ajudará a tornar o complexo em simples e facilitar a nossa atuação no estabelecimento de estratégias e táticas para conseguir os resultados contratados. Revisaremos a Teoria Cibernética do cérebro que indica a existência de uma estrutura básica

¹ Engenheiro, pós-graduado em Administração de Empresas pela EASP-FGV. Analista Transaccional com título de Didata Especial (TSTA-OD,ED) outorgado por El Board of Certification de ITAA em São Francisco, ALAT- Asociación Latino Americana de Analisis Transaccional e Membro Didata Organizacional da UNAT-Brasil. Sua experiência inclui atividades acadêmicas, de consultoria e executivas. Atualmente preside a consultoria Management Technologies e atua como Diretor Científico da UNAT-Brasil.

² Homeostase fisiológico Claude Bernard 1865; Homeostase psicológico W.B. Cannon 1932;

correspondendo a “fabricação” e outra programada (Script). Ou seja, uma inata e outra adquirida. A adquirida pode ser múltipla e está representada pelas influencias ambientais, aprendizagem, educação, imitação, adaptação, treinamento, condicionamento, etc. do indivíduo¹.

Descobriremos também, que existe uma interdependência e interação dos sistemas que operam no Ser Psiconeuroimunoendocrinológico² e que a Percepção Consciente³ está baseada na totalidade dos fenômenos percebidos pela Introspeção num sentido amplo (Contaminação).

Considerando que somente uma parte dos fenômenos psíquicos ou mentais é consciente em determinado momento e sabendo que estes incluem os que podem ser em forma potencial⁴, a conduta é Situacional e baseada na Interpretação dos estímulos percebidos em função do estado do Eu dominante no aqui e agora e as consequências potenciais consideradas.

Concluiremos, após analisar os preceitos e avanços científicos, que o comportamento se processa como segue:

Numa situação determinada, um estímulo é percebido em função de uma necessidade em desequilíbrio, este é interpretado a nível físico e psíquico, a nível físico esta interpretação dispara uma emoção natural (cérebro primitivo) que emite neurotransmissores que ativam o sistema endócrino e a nível psíquico (cérebro voluntario) emoções aprendidas em função de experiências vividas, o que produz um comportamento fisiológico coerente e uma psíquica em função do circuito condicionado utilizada. Podendo o aqui e agora prevalecer utilizando o Adulto (lóbulo frontal).

Este processo interativo e interdependente será motivo de análise e veremos como formular estratégias para intervir, identificar os fatores disparadores da conduta e orientá-la para a satisfação das necessidades latentes de maneira direta no aqui e agora.

Terminado o seminário o participante terá adquirido um instrumento prático e simples para formular estratégias e táticas de compreensão e ajuste de condutas.

¹ Reflexiones epistemológicas sobre a Psiquiatria, la Psiconeuroendocrinologiae a Neuropsicofarmacologia. Roberto FernandezLabriola y Liliana Vene 2002

² PSICONEUROINMUNOENDOCRINOLOGIA Andrea Marquez Lopez-Mato 2003

³ Uso científica “A totalidade dos fenômenos percebidos pela introspeção em sentido amplo”

⁴ O Conocimiento do Cerebro, Eccles J. 1979

APLICAÇÃO DA ANÁLISE TRANSACIONAL EM SAÚDE PÚBLICA COM BASE NO PENSAMENTO COMPLEXO

Roy Abrahamian¹



Neste seminário será abordada a experiência desenvolvida em saúde pública com um grupo de Saúde Mental, baseado nos princípios e técnicas da Análise Transacional, demonstrando o impacto desta intervenção na melhoria da qualidade de vida da população atendida. O trabalho foi desenvolvido em uma unidade do SUS (Sistema Único de Saúde), pertencente à Estratégia Saúde da Família, do município de São Paulo. Utilizando conceitos simples e objetivos da Análise Transacional, os usuários aprendem a trabalhar seus sentimentos e relacionamentos, o que se reflete em uma melhora de sua saúde e autoestima. Seguindo o Pensamento Complexo, a Análise Transacional permite o acolhimento e o tratamento dos usuários de maneira ética, valorizando suas vivências e trabalhando suas dimensões física, mental e social, a partir de uma abordagem integrativa.

Palavras-chave: Análise Transacional; Saúde Pública; Pensamento Complexo.

O presente artigo descreve uma experiência desenvolvida em saúde pública com um grupo de Saúde Mental baseado nos princípios e técnicas da Análise Transacional, demonstrando o impacto desta intervenção na melhoria da qualidade de vida da população atendida. O trabalho foi desenvolvido em uma unidade do SUS (Sistema Único de Saúde), pertencente à Estratégia Saúde da Família, do município de São Paulo. Utilizando conceitos simples e objetivos da Análise Transacional, os usuários aprendem a trabalhar seus sentimentos e relacionamentos, o que se reflete em uma melhora de sua saúde e autoestima. Seguindo o Pensamento Complexo, a Análise Transacional permite o acolhimento e o tratamento dos usuários de maneira ética,

¹Médico (CRM- 69243- SP). Especialista em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Analista Transacional Membro Didata em Formação – Área Clínica pela UNAT-Brasil.

valorizando suas vivências e trabalhando suas dimensões física, mental e social, a partir de uma abordagem integrativa.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais de saúde da rede pública consiste em lidar com os problemas psicossociais que afligem proporção significativa da população brasileira. Pobreza, baixo índice de escolaridade, dificuldade de acesso à rede de saúde, segregação social, desemprego, violência urbana e doméstica, entre outros fatores, tornam o atendimento aos usuários uma questão complexa e de difícil manejo utilizando os tratamentos convencionais baseados no clássico modelo biomédico de atendimento individual. Sabe-se que muitos sintomas e doenças refletem situações emocionais complexas e relacionamentos familiares e sociais disfuncionais. Além disso, estima-se que cerca de metade dos pacientes que procuram atendimento sofre de problemas relacionados à saúde mental, particularmente ansiedade e depressão.

Segundo Mari e Jorge (2005, p.1-2),

Os levantamentos epidemiológicos populacionais realizados no Brasil apontam para uma prevalência de transtornos mentais aproximada de 30%, na população adulta, no período de um ano. Quando a prevalência de transtornos mentais é ajustada para os casos que demandam algum tipo de cuidado médico, chega-se a uma estimativa aproximada de 20%, ou seja, um em cada cinco adultos demanda algum tipo de atenção em saúde mental num período de 12 meses. (...) Cerca de 2/3 dos estudos que avaliaram morbidade com instrumentos padronizados colocaram a prevalência de transtornos mentais na clínica geral entre 27 e 48%.

Além disso, segundo Duncan et. al., “a violência e as lesões têm sido causas proeminentes e crescentes da morbidade e mortalidade no Brasil desde a década de 1980” (2013, p.6).

A partir destas considerações, baseando-se na visão do Pensamento Complexo, percebe-se a necessidade de oferecer aos usuários que buscam tratamento no sistema público a possibilidade de serem acolhidos em suas múltiplas necessidades, considerando-se que o ser humano é dotado de uma natureza física, biológica e social, que por sua vez influencia e é influenciada pela sociedade, com sua cultura e vivência histórica (MORIN, 2006). O objetivo do presente trabalho é demonstrar como a Análise Transacional pode ser aplicada no sistema público de saúde, oferecendo opções simples de tratamento para problemas complexos, por meio da descrição de uma experiência desenvolvida em uma unidade básica de saúde pertencente à Estratégia Saúde da Família.

Método

Trata-se de um estudo descritivo com informações coletadas de questionários preenchidos pelos pacientes integrantes do Grupo de Saúde Mental da UBS Cruz das Almas, entre janeiro de 2010 e março de 2013. O autor declara que não há conflitos de interesses na realização da pesquisa. A fonte financiadora do presente trabalho foi a Associação Saúde da Família/ Prefeitura do Município de São Paulo.

Na Unidade Básica de Saúde Cruz das Almas, da prefeitura de São Paulo / Associação Saúde da Família, o grupo de Saúde Mental é realizado semanalmente, com uma hora de duração, desde janeiro de 2007. O grupo é aberto, sendo em sua maior parte constituído por usuários portadores de transtornos de ansiedade e depressão.

Ao ingressarem no grupo de Saúde Mental, os pacientes preenchem o Questionário sobre a Saúde do/a Paciente -9, versão brasileira, conhecida pela sigla PHQ-9, como forma de triagem de depressão. 89 participantes responderam ao questionário.

Os pacientes são classificados quanto à presença ou não de depressão e quanto ao grau de depressão, conforme sua pontuação no questionário PHQ-9.

Após frequentarem o grupo por no mínimo 12 sessões, os participantes preenchem um questionário de autoavaliação, informando sobre eventual sensação de melhora em relação à sua saúde, autoestima, relacionamentos pessoais e sua visão de vida e das outras pessoas em geral. No período estudado, 84 pacientes responderam ao questionário de autoavaliação.

Durante as sessões, são discutidos os principais conceitos da Análise Transacional e são abordadas técnicas para o manejo da ansiedade, como a respiração diafragmática e o relaxamento muscular progressivo. Os usuários participam ativamente da discussão de seus problemas e experiências de vida, aprendendo a identificar suas crenças, sentimentos e comportamentos não adaptativos e a modificá-los usando as técnicas e conceitos da Análise Transacional.

Os grupos são conduzidos pelo autor, médico generalista com formação em Análise Transacional e contam com a colaboração de agentes comunitários de saúde e equipe de enfermagem.

O presente trabalho foi aprovado pela Comissão de Ética em pesquisa da Unidade Básica de Saúde Cruz das Almas-Associação Saúde da Família.

Resultados

Dos 89 participantes do Grupo de Saúde Mental que responderam ao PHQ-9, 84 preencheram também o questionário de autoavaliação, obtendo-se os seguintes dados: 69 usuários (77,53%) apresentaram triagem positiva para depressão (pontuação ≥ 5 no PHQ-9) e, após cerca de 12 sessões de psicoterapia de grupo, 69 usuários (82,14%) relataram sensação de melhora em sua saúde; 66 (78,57%) referiram melhora em seus relacionamentos; 58 (69,05%) disseram ter melhorado sua autoestima e 67 (79,76%) afirmaram que, com sua participação no grupo, passaram a ter uma visão mais positiva da vida e das outras pessoas.

Discussão

O presente trabalho descreve o benefício da realização de grupos de saúde mental baseados na Análise Transacional em saúde pública. Os dados relatados indicam que boa parte das pessoas atendidas no grupo (77,53%) sofre de algum grau de depressão. Após doze sessões de terapia, mais da metade dos usuários referiu melhora em sua saúde e passou a ter uma visão de vida mais positiva, além de considerar seus relacionamentos como sendo mais significativos e de melhor qualidade (ABRAHAMIAN,2011).

A Análise Transacional é uma escola de psicoterapia criada pelo psiquiatra canadense Eric Berne, em 1958, baseada no estudo dos Estados de Ego (constituintes da personalidade humana) e Transações (comunicações verbais e não-verbais entre as pessoas). A Análise Transacional estuda os relacionamentos conflituosos que costumam ser repetitivos e que caracterizam muitos sistemas familiares e sociais, denominados Jogos Psicológicos. Além disso, esta escola de terapia considera que as pessoas, de modo geral, estão sujeitas ao seu Script, um plano de vida inconsciente elaborado na infância sob influência dos pais ou cuidadores e que continua exercendo seus efeitos ao longo da vida (BERNE, 1988; 1985;1974). A Análise Transacional baseia-se numa concepção filosófica humanista, segundo a qual os seres humanos são pessoas de valor, dignas de serem

respeitadas e amadas, apesar de manifestarem ocasionalmente atitudes e comportamentos prejudiciais (KERTÉSZ, 1987).

A meta da Análise Transacional é ajudar as pessoas a se libertarem de seus Scripts negativos de vida e a alcançarem a Autonomia, que consiste na recuperação das três capacidades humanas: Consciência, Espontaneidade e Intimidade, através das quais os seres humanos tornam-se responsáveis pela condução de suas próprias vidas e se conscientizam de seus sentimentos e pensamentos (BERNE,1988; JAMES E JONGEWARD,1979).

Pela metodologia empregada no presente trabalho e pelo número reduzido de usuários que responderam aos questionários, destacam-se limitações na aplicação dos resultados obtidos à população de uma maneira geral e sugere-se a realização de mais pesquisas na área para confirmar ou não os dados obtidos.

Considerando os complexos fatores psicossociais envolvidos no atendimento aos usuários do sistema público de saúde, o presente trabalho permite concluir que o emprego da Análise Transacional em grupos de saúde mental contribui para a melhora na sintomatologia de muitos pacientes e para a construção de relacionamentos familiares e sociais mais saudáveis. A Análise Transacional, com sua visão humanista e integradora, permite o acolhimento dos usuários atendendo às suas múltiplas necessidades biopsicossociais, de maneira ética e propondo estratégias simples para problemas complexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer Olá?:a psicologia do destino. São Paulo. Nobel:1988. 357 p.

_____. Análise Transacional em psicoterapia. São Paulo: Summus, 1985. 243 p.

_____. Os jogos da vida. Rio de Janeiro: Artenova:1974. 174 p.

JAMES, Muriel; JONGEWARD, Dorothy. Nascido para vencer: Análise Transacional com experiências Gestalt. São Paulo: Brasiliense,1979. p. 263-77.

KERTÉSZ, Roberto. Análise Transacional ao vivo. São Paulo: Summus,1987. p.14.

MARI, Jair de J.; JORGE, Miguel R. Epidemiologia dos Transtornos Mentais. In: MARI, Jair de J.; RAZZOUK, Denise; PERES, Maria F. T.; PORTO, José A. Del. Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar UNIFESP/ ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA – PSIQUIATRIA. Barueri: Manole, 2005. p.1-2.

OBRAS CONSULTADAS

ABRAHAMIAN, Roy. Uma experiência de psicoterapia de grupo dentro da Estratégia Saúde da Família. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Florianópolis, 2011. Out-Dez; 6(21): 271-4.

DUNCAN, Bruce B; SCHMIDT, Maria I.; VICTORA, Cesar G.; BARBOSA, Jarbas. Condições de Saúde da População Brasileira. In: DUNCAN, Bruce B.; SCHMIDT, Maria I.; GIUGLIANI, Elsa R. J.; DUNCAN, Michael S.; GIUGLIANE, Camila. Medicina ambulatorial: Condutas de Atenção Primária Baseadas em Evidências. Porto Alegre: Artmed, 2013. p.6.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 57-77.

COACHING EXECUTIVO E EMPRESARIAL, ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE: UM ESTUDO DE CASO.

Meriete Mendes Pontoja Cardoso¹

O presente trabalho apresenta a leitura de um processo de Coaching Executivo e Empresarial sob a ótica da teoria da Análise Transacional e Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Por meio das seis fases do Coaching Executivo propostas por Krausz (2007), o texto traça um paralelo entre as fases, a abordagem da Análise Transacional e a Teoria da Complexidade, articulando as três intervenções entre si, objetivando compreensão ampliada e maior probabilidade de efetividade do processo de Coaching.



Palavras-chave: Coaching Executivo; Análise Transacional; Complexidade.

¹ Psicóloga Organizacional, Pós-graduada em Dinâmica dos Grupos /SBDG, MBA em Gestão Empresarial, Especialista em Gestão Estratégica de RH, Pós-graduanda em Psicologia Positiva. Formação em Coach Executiva e Empresarial Didata em Formação, Analista Transacional Membro Regular, pela UNAT-Brasil. Experiência em Gestão de Pessoas, Facilitadora em processos de Desenvolvimento de Lideranças e Equipes

As seis fases propostas por Krausz são: 1) Lançando as bases do relacionamento/construindo o envolvimento; 2) Formulação do Contrato; 3) Familiarizar-se com os desafios do coachee/cliente; 4) Montar o cenário propício para a mudança através do planejamento; 5) Retrospectiva e sedimentação da meta/resultado alcançado e, 6) Encerramento da relação.

Segundo Krausz (2007, pg 09), o mundo está cada vez mais sujeito à pressão das mudanças. Por um lado, a tecnologia da informação e da comunicação, a mundialização da economia, as alterações políticas, sociais e ideológicas, as migrações intensas, a rápida degradação do meio ambiente, o avanço da ciência e da tecnologia; por outro lado, o talento, a criatividade, o conhecimento e a inovação estão substituindo a terra, a matéria-prima e demais recursos naturais como fonte principal da vantagem competitiva.

Neste cenário, segundo Krausz (2007, pg 66), o processo de Coaching Executivo consiste num relacionamento profissional entre um coach profissional especializado e seu cliente (coachee), em geral alguém que ocupa uma posição de liderança numa estrutura organizacional. Aborda fundamentalmente questões relacionadas com a otimização do uso do potencial do cliente, seu desempenho e contribuição para o desenvolvimento da organização. Tanto o indivíduo quanto a organização alcançam benefícios do coaching.

Assim, o Coaching é uma opção construtiva para lidar com tais situações, tendo em vista que a confiança e um espaço reservado, com a escuta ativa por parte do coach, são destinados ao coachee.

Existem propostas distintas que demonstram as fases do Coaching Executivo e Empresarial. Tais fases não são estanques e não ocorrem, necessariamente, em uma ordem imutável. Antes, elas podem avançar e retornar, de acordo com os momentos do processo de Coaching.

Cada uma dessas fases será analisada abaixo, em relação ao processo de Coaching Executivo estudado. Estas fases estão de acordo com Krausz (2007, pg. 85 à 112).

Fase 1: Lançando as bases do relacionamento/construindo o envolvimento

Como observam alguns autores, nem sempre o coach será recebido de braços abertos pelo executivo que passará pelo processo. É como um visitante que não foi convidado.

Assim, de acordo com Krausz (2007, 85), a função desse contato inicial será conhecer e ser conhecido pessoalmente pelo futuro cliente, verificar o nível de sintonia e empatia que se estabelece entre ambos.

Fase 2: Formulação do Contrato

Nesta fase, a palavra contrato não é empregada para designar um documento formal, por escrito, mas sim um compromisso verbal, que envolve questões de ordem moral e ética entre duas pessoas adultas.

Esta é a fase mais importante do processo de Coaching, tendo em vista a necessidade da disposição de ambos, coach e coachee, se envolverem em um trabalho conjunto em condições previamente definidas.

Fase 3: Familiarizar-se com os desafios do coachee/cliente

Esta é a etapa de mapeamento das características da organização, características essas que poderão apresentar aspectos que facilitarão ou dificultarão o processo e, conseqüentemente, a obtenção dos resultados desejados.

Fase 4: Montar o cenário propício para a mudança através do planejamento

Nesta fase é testada a capacidade do coachee de comprometer-se com os resultados desejados. Também é o momento de definir metas claras, mensuráveis e que contemple suas necessidades, bem como as da organização.

Fase 5: Retrospectiva e sedimentação da meta/resultado alcançado

Este é o momento de olhar para trás e acompanhar o que aconteceu durante o processo. Neste caso, a melhor pessoa para avaliar o andamento do processo é o próprio coachee.

Fase 6: Encerramento da relação

Embora aqui seja considerada uma fase distinta, esta fase está acoplada à fase 5, já que existem alguns aspectos que se sobrepõem.

Este é o momento final do processo, no qual se comemoram os resultados. É também um momento para se empoderar o coachee e ratificar sua capacidade de equacionar situações.

Tendo essas fases como pilares norteadores, iniciou-se o processo de Coaching Executivo descrito a seguir.

CASE

X foi encaminhado para fazer Coaching Executivo e Empresarial por uma Consultoria que estava realizando alguns trabalhos para sua empresa.

X tem 42 anos e é proprietário de uma empresa que está há 25 anos no mercado. Até o ano passado a empresa era conduzida pelo pai de X, dinâmico e com forte presença entre os funcionários.

X chega na primeira sessão informando que, após o afastamento de seu pai devido a problemas de saúde há um ano, passou a assumir todas as responsabilidades que antes eram feitas por seu pai.

Agora ele tem que conduzir a empresa, administrar as finanças, tomar decisões e conduzir as equipes, isso tudo dentro de um cenário no qual a empresa passar por dificuldades financeiras. Segundo o coachee, ele precisa tomar algumas decisões, ser mais firme, mas não sabe se conseguirá fazer o que precisa ser feito.

Após a explanação inicial sobre no que consiste o processo de Coaching, foi perguntado a X como ele imaginava que o processo poderia contribuir com ele. X responde dizendo que não sabe exatamente, pois não conhece o Coaching. De toda forma, diz o coachee, acredita que deve melhorar sua forma de se posicionar diante das equipes e de algumas situações problemas dentro da empresa e que “acha” que o coaching poderá apoiá-lo neste processo de mudança.

Ao ser questionado novamente sobre o que ele considerava “melhorar”, X informa que precisa ser mais firme, posicionar-se de maneira mais segura e estabelecer um modelo de liderança que impulse mais as pessoas.

O coach também esclarece sobre o tempo duração do processo, de cada sessão, tratativa em relação a cumprimento de horários e faltas. Fala ainda sobre o sigilo do processo.

RELAÇÃO DO CASE COM A ANÁLISE TRANSACIONAL E TEORIA DA COMPLEXIDADE

Relação do Case com a Análise Transacional

Desde o início é possível perceber do estabelecimento de um Contrato, com a definição do objeto. Ainda que objeto não esteja totalmente claro neste momento, com poucas evidências comportamentais daquilo que o coachee deseja mudar, já é possível observar a construção do Contrato.

Contrato, com aspectos Administrativos (quando, valores, horários, tempo de duração do processo) e Profissionais (objetivos alcançáveis, pessoas envolvidas, metodologia).

Posição existencial do coachee: “Eu não estou OK/Você está OK (-/+). Tal posicionamento pode ser observado na seguinte frase. “Não sei se vou conseguir, tenho receio de ser comparado com o meu pai. Aliás, não dá nem pra comparar, pois ele sempre foi muito bom, forte e todos gostam muito dele”.

Estado de Ego do coachee: Criança, na função Criança Adaptada Submissa. Isso é possível de identificar por meio do diagnóstico comportamental, ouvindo suas falas e observando sua postura retraída, encolhida na cadeira e pouco contato visual com o coach.

Desqualificação: É possível identificar na sua fala uma desqualificação em relação à sua capacidade pessoal, pois não acredita na capacidade pessoal para solucionar o problema.

Olhando pela ótica da Teoria da Complexidade, é possível inferir que coach e coachee são sistemas interdependentes que, ao atuarem conjuntamente, produzem algo que é bem maior que a soma de suas partes. E ao mesmo tempo, cada uma das partes é maior que o todo.

A ideia de complexidade não pretende, segundo Morin (2000, 87), substituir conceitos de clareza, certeza, determinação e coerência pelos de ambiguidade,

incerteza e contradição, mas, fundamenta-se na necessidade de convivência, interação e trabalho mútuo entre tais princípios.

O Coaching Executivo e Empresarial sob o enfoque da Análise Transacional e Teoria da Complexidade possibilita um olhar diferente para esta prática, no sentido aprofundar a compreensão e consequentemente, as possibilidades de intervenção em relação às demandas do Coachee.

Ao aliar o Coaching Executivo à Análise Transacional e TC é possível ampliar a efetividade das intervenções no contexto empresarial, pois elas dialogam entre si de maneira transversal.

Tanto a Análise Transacional quanto o Coaching Executivo baseiam suas relações em contratos, e ao fazer isso, ambas as abordagens estabelecem uma maneira de relacionar-se clara e com menos probabilidade para o surgimento de Jogos.

Quando bem conduzido, o Coaching Executivo pode colaborar para que o Coachee consiga reproduzir a si mesmo, num verdadeiro processo de autopoiese, pois estimula o cliente para auto-organização e recriação de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRAUSZ, Rosa R. Coaching Executivo: a conquista da liderança. São Paulo: Nobel, 2007.

KRAUSZ, Rosa R. Transactional Executive Coaching. Transactional Analysis Journal 2005 35: 367. DOI: 10.1177/036215370503500414.

KRAUSZ, Rosa R. Trabalhabilidade. São Paulo: Scortecci, 2012.

CARACUSHANSKY, Sophia Rozzanna. Curso avançado de Análise Transacional de Base Psicanalítica. 2ª ed. São Paulo: Assertiva, 1986.

DIAMANTE, Thomas e NATALE, Samuel. Five Stages of Coaching. Journal of Business Ethics (2005) 59: 361-374 DOI 10.1007/s10551-005-0382-2.

FARAH, José Paulo Souza. Monografia: Comunicação e gestão da mudança como elementos facilitadores no processo de transformação organizacional. Rio de Janeiro, 2010.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. A Árvore do Conhecimento. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 21ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução Eliane Lisboa. 4ª Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. Rumo ao Abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SILVEIRA, Lauceir. Contrato para Intervenção Organizacional em Desenvolvimento de Pessoas. In: Revista Brasileira de Análise Transacional: UNAT, 2011.

WHITMORE, John. Coaching Para Performance. RJ: Qualitymark Editora, 2010.

MODELOS E ARMADILHAS MENTAIS COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E GRUPAL

Jussara Ramos¹



O presente trabalho focaliza a relação entre conceitos associados a padrões automáticos de funcionamento cognitivo disfuncionais e a aprendizagem individual. O tema será analisado a partir de dois conceitos: circuitos de aprendizagem e Armadilhas Mentais – e associá-los a conceitos Análise Transacional. O objetivo é explorar esta relação dos modelos e Armadilhas Mentais com a aprendizagem dentro do contexto organizacional - a fim de compreender como estes conhecimentos podem ser conectados a intervenções organizacionais

Palavras-chave: Modelos Mentais; Aprendizagem; Organizações.

Todo indivíduo possuiu modelos mentais, padrões cognitivos automatizados e não conscientes que permitem que nos relacionemos com nosso meio. Em termos

¹ Psicóloga Organizacional (CRP 08/14935), Especialista em Dinâmica dos Grupos/SBDG, Analista Transacional Membro Certificado – Área Organizacional pela UNAT-Brasil, Pós-graduanda em Gestão da Aprendizagem pela Faculdade União das Américas – Uniamérica. Consultora da Hoper Educação, com atuação especializada em Gestão Integrada de Pessoas e em Treinamento e Desenvolvimento

neuronal, esses “hábitos mentais” são caminhos cunhados cerebralmente para que possamos atender às demandas do meio, gastando o mínimo de energia possível.

Krausz (1999) propõe que Comportamentos passivos são “procedimentos estereotipados, não conscientes, utilizados pelas pessoas para evitar respostas autônomas.” Krausz (1999, p.66).

E quando o modelo mental automático não está adequado ao contexto em que estão operando? Variadas podem ser as consequências negativas para o indivíduo. Será que rever estes padrões automáticos de funcionamento pode gerar opções para o indivíduo que se insere em ambientes complexos? Como readequar modelos mentais? Que ferramentas estão disponíveis hoje, para facilitar a atuação do Adulto Integrado nos mais diversos ambientes? Estas questões constituem-se como cerne de exploração deste trabalho.

A tomada de decisão é um dos pontos fundamentais do desenvolvimento e sobrevivência das organizações

Quando nos deparamos com uma situação em que nossa ação não dá o resultado esperado, é comum buscar resolver a situação mudando nossa ação em relação a ela. Argyris chama este modo de atuar de circuito simples de aprendizagem. Argyris (2002) também propõe que, ao invés de somente tentar resolver o problema através de uma mudança de ação, verifiquemos quais crenças e valores (modelos mentais): qual o padrão de funcionamento que direcionou a ação inicial. Verificando estes padrões de funcionamento é possível reavaliá-los e no futuro obter resultados mais eficazes. Este é o circuito duplo de aprendizagem.

Kukla (2007) propõe o conceito de Armadilhas Mentais, que são modelos mentais estereotipados. Em uma associação com a Análise Transacional, as armadilhas mentais seriam padrões de resposta automáticos improdutivos que distanciam o indivíduo da Oquidade.

Kukla apresenta 11 tipos de Armadilhas. Alguns exemplos são:

1. Persistência: é o movimento de continuar em um projeto ou atividade que perdeu o significado – não tendo permissão para cessar uma atividade. Nela os Diálogos Internos podem se processar de um modo onde a pessoa não reconsidera se a ação proposta atende ao objetivo inicial e também não traça um novo objetivo ok.
2. Amplificação: é caracterizada por se trabalhar mais do que o necessário para alcançar um determinado objetivo. Partindo do princípio que existe uma quantidade

adequada de trabalho para se atingir o objetivo, a amplificação é o exagerar na dose – “matar mosquito com bomba atômica”.

Importante ressaltar que as Armadilhas Mentais são caracterizadas pela sua forma, e não pelo seu conteúdo ou causa. Uma mesma Armadilha – por exemplo, a Amplificação – pode ocorrer a serviço da injunção “Seja perfeito” ou “Seja esforçado”.

Conhecer estes 11 modos de funcionamento pode ajudar o indivíduo - em especial aquele que ocupa cargos de liderança - a identificar mais facilmente quando um padrão disfuncional operou ou está em andamento e, utilizando o circuito duplo de aprendizagem, rever permissões, alternativas e estratégias para lidar com situações futuras. É possível propor opções a estes modelos mentais que ampliem a liberdade, a autonomia e criem mais permissões para diálogos internos ok.

Um exemplo de aplicação é na intervenção com indivíduos em cargos de liderança, quando surge a hipótese de que um modelo mental disfuncional ou Armadilha Mental específica possa estar operando, por parte da consultoria. Para que uma intervenção adequada seja possível, é necessário explorar os parâmetros que levam o indivíduo/equipe a uma determinada ação.

O segundo viés de exploração do presente trabalho busca analisar e aprofundar possíveis alternativas para as seguintes questões: como estabelecer novos modelos mentais? Os modelos mentais pessoais influenciam o contexto onde o indivíduo atua? De que forma os modelos mentais influenciam as relações pessoais, de trabalho? De que modo modelos mentais individuais, organizacionais e grupais se entrelaçam afetando o aqui-e-agora?

A simples ação de fazer perguntas e juntamente com o cliente que deseja solucionar um problema, investigar que parâmetros serviram para a decisão por uma ação ao invés de outras possíveis, possibilita a autoconsciência do modelo mental empregado.

Para uma mesma ação, como por exemplo: executar um procedimento que gera resultados insatisfatórios para quem o realiza. Numa mesma ação deste tipo podem haver modelos diferentes embasando a ação como: Persistência (no sentido de realizar o movimento cognitivo automático de se dar permissão para cessar uma atividade que perdeu o sentido quando a situação se apresenta - ou Amplificação (de não possuir permissão para realizar a intensidade de trabalho adequada para

atingir o objetivo). Uma das situações de intervenção junto à uma equipe de trabalho de 6 pessoas uma organização-cliente, se mostrou efetiva em identificar diferentes estratégias cognitivas que impactavam na escolha de um procedimento de trabalho e, a partir de permissões e estratégias individuais de trabalho para prevenir que o modelo automaticamente se repetisse – fez com que a equipe aperfeiçoasse não só o procedimento em questão mas outros procedimentos da área.

Kukla (2007, p 13) propõe que a observação de pensamentos – o movimento de fazer uma retrospectiva mental das ideias que ocorrem durante o momento em que temos a hipótese da presença da armadilha mental – fornece recursos para a prevenção desses padrões. A prática nas intervenções organizacionais tem demonstrado que o simples movimento apresentar o conceito de modelo mental e de questionar junto a equipes de cliente “o que se passava na cabeça” durante o curso de uma ação onde há hipótese de alguma armadilha mental operando, tem gerado opções para solucionar problemas complexos com os quais a equipe tem se deparado constantemente.

Através de uma análise dos conceitos expostos acima – de como a autora vem trabalhando com estes conceitos visando ampliar a aprendizagem organizacional -e da análise da sua aplicação em caso(s) de consultoria em que a autora atua em ações de desenvolvimento organizacional, o presente trabalho busca compreender e correlacionar os conceitos da AT com outras fontes de conhecimento para ampliar como podem ser aplicados de modo a aumentar opções pessoais e ferramental de trabalho para elucidar aspectos da aprendizagem organizacional, possibilitando assim ações mais produtivas e eficazes.

OBRAS CONSULTADAS

ARGYRIS, Chris. Double-Loop Learning, Teaching, and Research. *Academy of Management Learning & Education*, p 206-218; December, 2002.

KRAUSZ, Rosa. (1999). *Trabalhabilidade*. São Paulo, Nobel, 1999.

KUKLA, André. *Armadilhas Mentais*. São Paulo, Gente, 2007.

WOOLLAMS, S. E BROWN, M. *Manual Completo de Análise Transacional*. Tradução de Otávio Mendes Cajado, Editora Cultrix, São Paulo, 1979.

SCHIFF, Aaron W. E Jacqui L. *Passividade*

OFICINAS



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Ouritiba-PR

CONFLITOS E CONTOS DE FADAS: MANEJO CRIATIVO DE SITUAÇÕES COMPLEXAS.Maku de Almeida Molmann¹ e Sonia Nogueira²

O conflito, em si, não é danoso ou patológico, é uma constante da dinâmica interpessoal e revela o nível energético do sistema, com consequências: positivas, negativas, destrutivas, construtivas, pelo grau de aprofundamento, intensidade, duração, contexto, oportunidade e modo como ele é enfrentado e administrado. Como fonte de ideias novas, pode abrir diálogos que permitam a expressão e a exploração de diferentes pontos de vista, interesses e valores. Assim, é necessária a compreensão do fenômeno e suas variáveis. Dentre outras, são relevantes os papéis exercidos pelos indivíduos nos diversos cenários conflituosos e nos eventos que antecedem a eclosão da discórdia. Pode catalisar mudanças pessoais e grupais. Visa-se nesta oficina, propor teoria e prática que permitam o manejo criativo destas situações complexas nas organizações.



Palavras-chave: Conflito; Triângulo Dramático; Contos de Fadas.

O conflito pode ocorrer em uma organização, devido a uma série de razões: disputa de papéis, escassez de recursos, mal-entendidos, diferenciação de tarefas e orientações diferentes em relação a tempo, estrutura e relações interpessoais dentre

¹ Analista Transacional Membro Didata em Formação - Área Organizacional pela UNAT-Brasil. Consultora e Educadora organizacional, especialista em Administração de Pessoas e Gestão Empresarial, tem também formação básica de aprofundamento em Dinâmica dos Grupos / SBDG. Sócia e diretora de educação corporativa da ALGI Consultoria Empresarial Ltda.

² Analista Transacional Membro Didata em Formação - Área Clínica pela UNAT-Brasil; Membro da comissão da Diretoria de Docência da UNAT-Brasil. Formação em Recursos Técnicos Aplicados a Práxis Clínica. Atual Vice-Presidente da Asociación Latino Americana de Análise Transacional (ALAT), Psicóloga e Bacharel em Economia, atuou em RH em empresas nacionais e multinacionais.

outros. Entretanto, o conflito não é necessariamente disfuncional. O conflito pode levar a ideias sobre novas abordagens aos processos organizacionais.

A aceitação, cada vez mais clara, de que o conflito é inerente e inevitável na organização moderna foi acompanhada da visão de sua funcionalidade, ou seja, da crença de que o conflito pode contribuir positivamente para o progresso organizacional.

A visão excessivamente formal e burocrática da organização tendia a ver o conflito como disfuncional, pois era uma fonte de desafios e alterações às regras estabelecidas. Essa perspectiva acabava por encorajar a repressão e o desconhecimento do conflito. Do mesmo modo, a visão hierárquica da organização, aceita no liberalismo clássico, ressaltando a interdependência entre todos os membros de uma organização, defende a repressão dos conflitos, baseada na premissa de justificativa social da empresa.

Nem uma, nem outra visão, ao não confrontar o fenômeno, tira dos indivíduos a oportunidade de aprendizado, autoconhecimento e desenvolvimento possibilitada pela intervenção apropriada.

Para que tal intervenção possa ocorrer, é importante o conflito, o que envolve o entendimento da sequência dos episódios geradores, os papéis vivenciados nos diversos ambientes pelos diversos interlocutores e as possibilidades de resolução.

A abordagem de Karpman (1968), na análise do drama dos Scripts através dos contos de fadas, serve de inspiração para o entendimento do drama dos conflitos das organizações. Utilizando o mítico e conhecido mundo dos personagens das histórias infantis, pode-se, fazer a identificação dos papéis ocupados no Triângulo Dramático, da dinâmica emergente da interação entre os papéis, suas consequências e as possibilidades de intervenção o ambiente organizacional.

Utilizando a Estruturação do Espaço (Karpman, 1968) como base, as histórias de fadas como cenário e o diagrama de papéis do Triângulo Dramático como roteiro, pretende-se aplicar um jogo comportamental, no qual, os participantes possam vivenciar os conflitos e, posteriormente, refletir nas possibilidades de intervenção adequada nos respectivos ambientes de trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KARPMAN, B. S. (1968). Contos de Fada e Análise do Drama dos Scripts – in Prêmios Eric Berne, 1971-1997, UNAT-BRASIL, 15-21.

OBRAS CONSULTADAS

BERNE, E. (1985). Análise Transacional em Psicoterapia. São Paulo: SUMMUS.

BERNE, E. (2011). Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos. UNAT-BRASIL: Circulação Restrita.

BERNE, E. (1995). Os Jogos da Vida. São Paulo. Nobel.

BONAVENTURA, J. (2003). O que conta o conto?. São Paulo: Paulus.

CONTRERAS, J. M. (1999). Como trabalhar em grupo. São Paulo: Paulus.

COVERMAN, S. (1989). Role Overload, Role Conflict and Strss: Adressing Consequences of Multiple Role Demands.

KRAUSZ, R. R. (2012). Trabalhabilidade. São Paulo: Scortecci.

LEWIN, K. (1948). Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo: Cultrix.

MARTINELLI, D. (1998). Negociação e solução de conflitos. São Paulo: Atlas.

OLIVEIRA, M. A. G. & SHINYASHIKI, R. et al. (1985). Marcianos X bruxas – Análise Transacional dos Contos de Infantis. São Paulo: Nobel.

OLIVEIRA, M. A. G. (1980). Análise Transacional na Empresa. São Paulo: Atlas.

OLIVEIRA, M. A. G. (1986). Era Uma Vez... Uma Análise Transacional das Histórias Infantis. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura Ltda.

QUINN, R. E. et al. (2003) Competências Gerenciais – Princípios e Aplicações. Rio de Janeiro: Elsevier..

TRANSFERÊNCIA E CONTRA TRANSFERÊNCIA E SEUS EFEITOS NA PSICOTERAPIA

Regina Berard¹ e Renata Tannus²

Nos diálogos construídos na psicoterapia existe o encontro entre o simples e o complexo. Uma dança da psicologia humana caracterizada pela Transferência e pela Contra Transferência. Percebida em diferentes contextos de relacionamento, inclusive em relação ao psicoterapeuta, a Transferência ocorre sempre que existem emoções ou reações que originalmente são oriundas de experiências passadas e fundamentam a relação presente. As diferentes categorias de transferência do cliente podem convidar o terapeuta a agir dentro das expectativas de Script do cliente. A atitude do terapeuta ao cliente pode representar uma dinâmica de transferência de material do seu passado para o cliente. A isto chamamos de Contra Transferência que em suas diversas categorias pode ser construtivo e ser utilizado a serviço da terapia.



Palavras- chaves: Transferência; Contra Transferência; Psicoterapia.

Com o objetivo de compreender a evolução da vida, pesquisadores e estudiosos concluíram que as informações de nossos antepassados são transmitidas além da genética. O conhecimento dos Campos Morfogenéticos demonstra que as informações transgeracionais são transmitidas pela memória implícita e, portanto não temos a consciência das mesmas. Como nos diz Hellinger (2006,pg.116) “Com freqüência, os laços sistêmicos nos determinam, em nossa profissão e em nossa

¹ Psicóloga (CRP-06/3982), Especialista em Análise Transacional pela FATEP/UNAT e Analista Transacional Membro Didata em Formação - Área Clínica, pela UNAT-Brasil. Máster em Programação Neuro Linguística, Formada em Constelação Familiar, Rebirthing e Leitura corporal. Participante de Grupo de Estudos em Inteligências Múltiplas.

² Psicóloga, Especialista em Análise Transacional pela FATEP/UNAT. Analista Transacional e Membro Didata em formação – Área Clínica pela UNAT-Brasil. Titulação de COACH pelo Instituto Brasileiro de Coaching (IBC) e atua como consteladora familiar.

vida privada, num grau maior do que gostaríamos e do que nos damos conta”. Diante disto, podemos considerar que nas diversas formas de relacionamento há diferentes níveis de significado e possibilidades atuando fora da consciência. Considerando o ambiente psicoterapêutico, os conteúdos inconscientes se fazem presente de forma indireta, gerando efeitos nos participantes deste processo relacional – terapeuta/cliente.

Berne deu grande ênfase à comunicação terapeuta/cliente e criou importantes conceitos como Transações que ajudou o cliente a perceber o efeito da comunicação do receptor e quais as opções de respostas possíveis para que o comportamento sofresse alterações e a comunicação fosse mais eficaz, emergindo a parte comportamental. Atualmente a busca pelo retorno a conceitos como Transferência e Contra Transferência é uma necessidade recente como forma de compreender e melhorar os conflitos intrapsíquicos existentes nas relações terapeuta/cliente.

Nos conteúdos inconscientes que denominamos Transferência, revelam emoções, fantasias, necessidades precoces não atendidas e projetadas no terapeuta, à espera de compreensão e transformação. Neste ambiente é importante garantir um espaço seguro e protegido, como nos diz Hargaden e Sills (2007), que facilite diálogos construtivos entre terapeuta e cliente, permitindo que a complexidade de suas necessidades seja atendida de forma simples e coerente, reorganizando seus pensamentos, sentimentos e emoções. A Análise Transacional apresenta um modelo e conceitos teóricos que permitem ao terapeuta se desenvolver e responder de forma efetiva e empática a todo esse processo observado na psicoterapia. Berne afirma que “os Scripts pertencem ao campo dos fenômenos de Transferência” (1961, p. 116), e acrescenta ainda que a Transferência é a causa mais frequente de desentendimentos.

De acordo com Berne (1988) a Contra Transferência é um Transação Cruzada em que há o estímulo Adulto-Adulto (A-A) e a resposta é Pai-Criança (P-C), sendo uma forma comum de problemas relacionais. Hargaden e Sills (2007) comentam que a disponibilidade emocional do terapeuta é fundamental para que esta cocriação promova novas experiências e crescimento a ambos, pois conteúdos inconscientes do terapeuta poderão emergir e ser integrados à sua Criança. A Contra

Transferência em suas diversas categorias pode ser construtiva e ser utilizada a serviço da terapia.

Assim, tanto a Transferência quanto a Contra Transferência fomentam aspectos importantes da teoria e da prática clínica. Investigar, aprofundar e trazer à consciência aspectos da memória implícita dos terapeutas é o objetivo desta Oficina.

DINÂMICA:

Grupo de cinco pessoas e a cada momento um membro será o observador da dinâmica que será solicitada.

1. O observador irá escolher um participante para os diferentes papéis pré designados:

1.1. Eu profissional

1.2. Meus problemas

1.3. Cliente

1.4. Problemas do cliente

1. Os participantes não sabem para qual papel foi designado

2. Os participantes são colocados frente a frente formando um quadrado

3. Observar como cada participante sente e se comporta durante alguns minutos dentro do espaço morfogenético estabelecido.

4. Após a experiência de todos os participantes do grupo, haverá discussão em grupo para que troquem informações de suas percepções e sensações. O terapeuta poderá registrar sua descoberta para posterior supervisão ou terapia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE, Eric . O que você diz depois de dizer olá. São Paulo: Nobel, 1988.

HELLINGER, Bert. Um lugar para os excluídos. Minas Gerais:Atman, 2006

HARGADEN,Helena; SILLS,Charlotte. Pronunciamento por Ocasão da Entrega do Prêmio Eric Berne de 2007 - Prêmios 1998-2007

OBRAS CONSULTADAS

ALLEN,James e Barbara. Teoria Narrativa, Terapia de Redecisão e Pós-Modernismo - Prêmios 1998-2007

ARAÚJO, Dolores. Transferencia e Contra Transferencia: um enfoque Transaccional. Rev. Brasileira de Análise Transaccional, Ano XVII, no 1, 2007.

ERSKINE, Richard - Transferência e Transações Críticas de uma Perspectiva Intrapsíquica e Integrativa - TAJ VOL 21, April 1991

MOISO, Carlo. Os Estados do Ego e a Transferência. Premios 1971

NORIEGA, Glória. Co-dependência: um Script transgeraccional. TAJ, vol.34, no. 4, outubro 2004.

NOVELLINO, Michele. Comunicação Inconsciente e Interpretação em Análise Transaccional. Prêmios 1998-2007

ANÁLISE TRANSACCIONAL APLICADA NA CONDUÇÃO DE GRUPOS

Luiz Tiradentes¹

Pretende-se nesta oficina, discutir e analisar como os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial, Reconhecimentos, Estruturação Social do Tempo e Imago Grupal podem auxiliar profissionais que atuam na coordenação de grupos a diagnosticarem como estão as relações entre seus membros, bem como suas consequências na obtenção de resultados.



Palavras-chave: Condução de grupos; Imago grupal; Desempenho grupal.

A forma como os indivíduos de um grupo exteriorizam seus comportamentos indicam se seus efeitos facilitarão ou não no alcance de determinados objetivos. As pessoas podem comunicar-se com diálogos construtivos, estarem envolvidas e empenhadas na busca de soluções para suas questões ou permanecerem estagnadas, desqualificando informações relevantes para solução dos problemas

¹ Administrador com Pós-Graduação em Dinâmica dos Grupos / SBDG, Coaching executivo – ABRACEM e Prática Docente - UNISUL. Analista Transaccional Membro Certificado – Área Organizacional, pela UNAT-Brasil. Atua no desenvolvimento e aplicação de programas de liderança, desenvolvimento de equipes, relações interpessoais, coaching executivo e formação de facilitadores de treinamentos

grupais. Os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial, Reconhecimentos, Estruturação Social do Tempo e Imago Grupal podem auxiliar no diagnóstico dos comportamentos exteriorizados, bem como suas consequências.

Antes de mais nada é importante entendermos como as pessoas se comportam quando estão reunidas em grupo. De acordo com Eric Berne, cada participante tem uma visão pessoal do grupo, denominada por ele de Imago Grupal, a qual é percebida de diferentes formas de acordo com a evolução de acontecimentos. Antes de ingressar no grupo o indivíduo cria uma Imago Provisória fundamentada em expectativas, experiências anteriores e fantasias. Ainda não é possível saber o que vai acontecer na realidade. Iniciando-se os trabalhos, o indivíduo vai percebendo o que se passa e compara a Imago Provisória com a realidade percebida, criando a Imago Adaptada. Estas percepções acontecem durante os rituais, passatempos e atividades do grupo. A Imago se torna Operativa quando o participante conhece seu lugar na Imago de Grupo de Líder. Ele pode iniciar jogos após a imago Adaptada mudar para Operativa. A Imago Secundariamente Ajustada é percebida quando o participante desiste de seus próprios jogos em favor do jeito do grupo, agindo de acordo com sua cultura. Isso pode abrir caminho para uma intimidade livre de jogos. Como a Imago Provisória pode ou não coincidir com o que de fato acontece no grupo, seus integrantes vivenciam o processo de ajuste da imago, passando pelas etapas de Estruturação Social do Tempo. O que chama atenção neste caso é o tempo que grupo permanece nestas etapas, de forma especial na Operativa e Secundariamente Ajustada. Na primeira o grupo pode se envolver em jogos psicológicos, os quais são expressos por comportamentos de dominação, permissividade, imaturidade, reclamação e submissão, gerando baixa produtividade. Já na fase Secundariamente Ajustada os comportamentos percebidos são de proteção, orientação, análise, cooperação, espontaneidade e troca de informações isentas de julgamentos, permitindo que o grupo fique coeso e possa alcançar seus objetivos com atitudes autônomas.

O diagnóstico da Imago Secundariamente Ajustada pode ser percebido pelos comportamentos dos circuitos positivos dos Estados de Ego, presença de reconhecimentos condicionais e incondicionais positivos e predominância dos indivíduos na Posição Existencial +/+.

É válido lembrar que nem sempre os integrantes de um grupo tem consciência da influencia de seus comportamentos nos resultados esperados. Cabe ao coordenador convidar os integrantes a terem comportamentos que estimulem a autonomia, o que pode ser facilitado com sua própria Oqueidade.

OBRAS CONSULTADAS

BERNE, Eric. Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos. (UNAT-Brasil). Philadelphia: Grove-Evergreen, 1966.

_____. Os Jogos da Vida. São Paulo, Nobel, 1995.

CARACUSHANSKY, Sofia. Curso Avançado de Análise Transaccional - Ed Assertiva.

KRAUSZ, Rosa R. Trabalhabilidade. São Paulo, Nobel, 1999.

ARTIGOS CIENTÍFICOS



25° CONBRAT
Diálogos Construtivos:
pontes entre o simples e o complexo
27 a 29 de agosto de 2015 | Ouritiba-PR

PROJETO DE PESQUISA-AÇÃO COM O OBJETIVO DE AMPLIAR A CONSCIÊNCIA SOCIAL ENTRE MULHERES PARTICIPANTES DE GRUPOS DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA TRANSACIONAL NO BRASIL¹Jane Maria Pancinha Costa²

A necessidade de ampliação da consciência sobre o poder de uma ação embasada em contato cooperativo permanece presente na atual realidade brasileira. Com base na bibliografia de Gramsci (1978, 1982) sobre a Hegemonia, de Freire (1979, 1979a), sobre Contato Cooperativo, e de Steiner (1975) sobre Psiquiatria Radical, a metodologia de pesquisa-ação foi utilizada com o propósito de ampliar a consciência social sobre a opressão culturalmente enraizada, vivenciada pela mulher, particularmente em relação ao trabalho e para facilitar o reconhecimento sobre a importância do contato cooperativo quando se pretende libertar da opressão. Desta problematização foi concebido um modelo contendo seis Níveis de Consciência da Opressão

Palavras-chave: Hegemonia; Consciência Social; Discriminação; Análise Transacional; Psicoterapia de grupo; Psiquiatria Radical.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da prática da autora como psicoterapeuta de grupos, com dois grupos de mulheres de diferentes contextos socioeconômicos e culturais, por mais de dois anos de reuniões de grupo, com encontros semanais.

Surgiram, nos grupos, questões sobre opressões sociais e opressões intrapsíquicas vivenciadas por estas mulheres. A partir destas questões, a indagação e o propósito se fizeram presentes: se considerarmos que as relações são permeadas por ideologias que ficam presentes nos indivíduos e, se os elementos dos processos

¹ Resumo de artigo científico publicado em: International Journal of Transactional Analysis Research(IJTAR), Vol6, No 2, Janeiro 2015 p.3-14.

² Médica, psicoterapeuta e sanitarista. Mestre em Educação, Especialista em Medicina Social. Analista Transacional Membro Certificado - Área Clínica pela ITAA e Membro Didata - Área Clínica pela UNAT-Brasil. Integrante da Academia Brasileira de Educação Emocional e autora de livros. Diretora da Síntese: psicoterapia, formação e pesquisa. Facilitadora credenciada do Jogo da Transformação

internos dos indivíduos podem ser compreendidos e conhecidos através da teoria da Análise Transacional, particularmente do Script de Vida (Berne, 1974; Steiner 1976), como podem estes elementos contribuir, em uma reflexão conjunta, para ampliar e expandir os espaços de percepção e ação destas mulheres? Como eles podem contribuir para facilitar que as mulheres desenvolvam consciência crítica sobre o seu papel na sociedade como indivíduos, gênero e uma parte do todo?

Foi aplicada a metodologia qualitativa, utilizando uma abordagem de caráter conscientizador. Desta reflexão conjunta surgiram as questões que conduziram a uma entrevista semi-estruturada e, posteriormente, ao modelo dos Seis Níveis do Fluxo de Ampliação da Consciência ilustrado na Figura 1. É possível identificar a similaridade destes Níveis com os níveis de tratamento identificados por Schiff (1975) na Matriz da Desqualificação, com a adição significativa da necessidade de contato cooperativo. Nos grupos, as mulheres utilizaram este modelo para analisar e entender seus próprios processos de liberação.

<p>6º Nível – consciência da opressão associada ao contato- ação que resgata o poder de liberação</p>	<p>Quando existe consciência da opressão, a liberação requer tanto contato quanto raiva (que promove a motivação; é o contato com outros seres humanos que, quando unidos, vão se mobilizar contra a opressão. No entanto, somente consciência e contato não produzem liberação. Esta somente vai acontecer sob alguma forma de ação. Apenas ação tomada por grupos de pessoas que sentem raiva pela forma com que foram oprimidos pode levar à liberação da opressão.</p>
<p>5º Nível – consciência da opressão, consciência da causa desta opressão, consciência da possibilidade de mudar, consciência do poder pessoal para mudar a situação, não consciência do poder do contato para a liberação</p>	<p>Neste momento, quando há a consciência do poder pessoal para mudar, o contato teapeutico e cooperativo com outras pessoas ainda é necessário para criar um ambiente favorável e seguro que estimula a pessoa a agir para liberar a motivação inicial (esta ação representa superação do Script e liberação para Autonomia).</p>
<p>4º Nível – consciência da opressão, consciência da causaq desta opressão, consciência da possibilidade de mudar, não consciência do potencial de poder pessoal para mudar a situação.</p>	<p>Neste nível, quando há consciência da possibilidade de mudar (que, para a criança significaria desobedecer o pai por quebrar as regras), a pessoas pode tentar evitar a consciência de sua competência para mudar, em virtude do medo de reviver a experiência catastrófica e porque esta pessoa espera encontrar um ambiente hostil e opressor.</p>
<p>3º Nível – Consciência da situação opressiva, consciência da causa desta opressão, não</p>	<p>Neste momento, quando há a consciência da opressão (desconforto pela repetição), a consciência da causa (que poderia ser: papai não gosta?), a pessoa tenta evitar a tomada de</p>

consciência sobre a possibilidade de mudar.	consciência sobre a possibilidade de mudar, porque isto seria coloca-la em contato com a experiência catastrófica envolvida nesta situação de uma Decisão Básica do Script e do medo de reviver isto.
2º Nível – Consciência de situação opressiva associada à não consciência sobre a causa desta opressão.	No segundo Nível há uma consciência crescente sobre as crenças que justificam a repetição. Neste momento a pessoa evita contato com Injunções do Script, à semelhança de uma criança que repete “ eu não deveria fazer isso”, evitando o contato com “papai não gosta” ou “papai não gosta de mim quando eu faço isto”.
1º Nível – Não consciência da existência de uma situação opressiva. Representa a Alienação abrangente.	Neste Nível, as situações opressivas do Script de Vida são reproduzidas sem a consciência do desconforto produzido por isto. É o momento de repetições alienadas no qual os Jogos Psicológicos parecem ser uma forma mais viável de relação social, ou a única viável. Disfarces parecem ser a maneira de sentir, pensar e agir. Quando o facilitador trabalha com alguém que está neste momento, sabe que esta pessoa vai logo experimentar o desconforto causado pela consciência da repetição associada à não consciência sobre a causa desta opressão.

Figura 1 : Níveis de Consciência da Opressão

Considerações finais

A possibilidade do trabalho terapêutico grupal influenciar a liberação destas mulheres, para que elas possam influenciar em mudanças superestruturais está relacionada com a diferença no processo pessoal de cada mulher, o que caracteriza sua própria liberação e suas especificidades, suas escolhas e seu status como indivíduos únicos. É possível notar que o grau de sensibilização depende da visão dessas mulheres sobre o trabalho e de sua ação ao trabalhar coletivamente.

É possível que, através da alienação em um nível particular, as mulheres percebam apenas teoricamente a determinação social de seu comportamento, sem capturar esse fato nas relações cotidianas concretas. Também é possível que essas mulheres, em seu processo de superação da opressão, estimulem a mudança de outras pessoas, questionando e agindo em suas relações cotidianas de trabalho e sua conseqüente maior participação em grupos. Essa transformação de situações de opressão quando se trata de relacionamentos anteriormente alienados e deterministas, caracteriza a possibilidade de ação no nível da superestrutura. Espera-se que, ao apresentar estes resultados, o modelo dos níveis de consciência

da opressão possa fornecer um caminho para uso por outros grupos e indivíduos em sua jornada em direção a uma maior sensibilização para as dinâmicas de opressão e de desenvolvimento de sua própria consciência social.

OBRAS CONSULTADAS

BERNE, Eric (1974) Qué dice usted después de decir Hola?(What do you say after you say Hello?). Barcelona, Grijalbo.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

_____. Conscientização. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

GRAMSCI, Antonio. Cartas do cárcere. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

_____. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

SCHIFF, J. Cathexis Reader: Transactional Analysis Treatment of Psychosis. New York, Harper & Row Publishers Inc., 1975.

STEINER, Claude. Readings in Radical Psychiatry. New York, Grove Press, 1975.

_____. Os papéis que vivemos na vida. Rio de Janeiro, Artenova, 1976.

VOLUNTARIADO: UM OLHAR A PARTIR DA ANÁLISE TRANSACIONAL¹

Andréa Lindner²

O artigo em questão aborda o voluntariado à luz da Análise Transacional. Desenvolveu-se a partir de pesquisa bibliográfica e prática da autora no voluntariado, com o intuito de esclarecer sobre o tema e fomentar a ação voluntária de excelência. Fornece uma perspectiva histórica, buscando demonstrar a trajetória desta prática, do assistencialismo ao empreendedorismo social. Aborda as três premissas básicas da AT e seus



¹ O artigo “Voluntariado: um olhar a partir da Análise Transacional”, foi publicado na REBAT Ano XXIII, de outubro 2014.

² Psicóloga (UFPR), CRP 08/07234-0, Analista Transacional Organizacional, Membro Didata em Formação na área organizacional pela UNAT-BRASIL. Coordenadora em Dinâmica dos Grupos (SBDG). Coach certificada (International Coaching Institute). Possui formação em Action Learning (ASTD – WIAL Washington EUA). É consultora em programas de desenvolvimento comportamental, diretora da Evolui Desenvolvimento Humano e professora na FGV/ISAE-Paraná.

fundamentos: 1. Fé na natureza humana, 2. Contratos e Comunicação e 3. Curabilidade. Traça a partir destas um paralelo com o voluntariado, indicando relação direta entre Posição Existencial OK/OK, consciência social e ação voluntária. Aborda a consciência social a partir do conceito de Desqualificação, indicando ser a qualificação e a vivência da PEOK/OK vias de inspiração e incremento da cultura do voluntariado.

Palavras-chave: Voluntariado; Posição Existencial OK/OK; Consciência Social.

O artigo “Voluntariado: um olhar a partir da Análise Transacional”, de autoria de Andréa Lindner, foi publicado na REBAT Ano XXIII, de outubro 2014. Nasceu da necessidade de aprofundar os conhecimentos da autora, envolvida na prática voluntária desde 1999 e interessada na promoção do voluntariado e do empreendedorismo social. Foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, consulta a acervo digital e observações de campo.

Pretende construir uma perspectiva a partir da Análise Transacional enquanto teoria da Ação Social para auxiliar na compreensão do voluntariado. O objetivo central é identificar as características do voluntariado a partir da Análise Transacional e suas premissas. Para tanto, buscou-se estabelecer correlações entre a evolução do voluntariado, as premissas da Análise Transacional e o desenvolvimento da consciência social, tendo como base a Posição Existencial OK/OK. A hipótese é de que exista uma correlação direta entre posição OK/OK, consciência social e ação voluntária.

O voluntariado tem experimentado um crescimento exponencial nas últimas décadas em todo o mundo, através da atuação organizada do terceiro setor. Voltado à melhoria do bem-estar social, busca compensar diferenças sociais e favorecer o protagonismo. Mesmo que ainda muito forte a sociedade do possuir, é crescente o número de pessoas engajadas em causas sociais e ambientais que se interconectam para construir soluções que lhes deem sentido de vida.

O terceiro setor é o que mais cresce nos últimos anos em todo o mundo (Bornstein, 2005). Este fenômeno social merece um olhar da Análise Transacional para auxiliar a compreensão dos pilares que sustentam um voluntariado de excelência.

Percebeu-se com a elaboração deste artigo um movimento de amadurecimento do voluntariado ao longo das décadas, de uma ação assistencialista de cunho paternalista (OK/Não OK) para uma ação voluntária empreendedora, articulada através de novas redes relacionais visando a Autonomia e o protagonismo dos beneficiários (OK/OK).

Olhar para o voluntário a partir da Análise Transacional é perceber, mais que uma ação, um fenômeno social, o qual compartilha das mesmas premissas que a AT: respeito ao outro, protagonismo e transformação.

O objetivo foi evidenciar o voluntariado como campo importante para a vivência da Posição Existencial OK/OK, inspirando outros a agirem a partir de valores como generosidade, bondade e solidariedade. Pôde-se também estabelecer uma relação direta entre as Questões de Tratamento, fases de conscientização e o desenvolvimento da consciência social, base para a ação voluntária eficaz. Levando em conta a caminhada investigativa aqui contemplada, considero que a hipótese inicial de uma relação direta entre a Posição Existencial OK/OK, a consciência social e a ação voluntária saiu reforçada.

O presente artigo dialoga com os três eixos temáticos do CONBRAT 2015, na medida em que: 1) Favorece a compreensão do quanto Análise Transacional pode contribuir para compreender e intervir em questões sociais complexas, na medida em que amplia o nível de consciência social e empodera o indivíduo a ser protagonista em seu meio, apresentando casos em que foram geradas opções simples diante de ambientes complexos. 2) Salienta a fundamental importância do Contrato Transacional e seus componentes na gestão de voluntários, favorecendo as interações OK/OK/OK e evitando os Jogos de Salvação. 3) Exemplifica através de casos como as experiências vividas e influências culturais podem ser fontes de recursos empoderadores e aplicáveis no cotidiano daqueles que agem no contexto social como protagonistas.

Foi grande o desafio de expressar em algumas páginas o compromisso, amorosidade e dedicação de pessoas que, dia a dia, concretizam em ações valores fundamentais à evolução da espécie humana. A proposta é também inspirar a ação social consciente bem como futuras pesquisas na AT sobre os temas conscientização social, protagonismo, voluntariado e empreendedorismo social.

A partir das reflexões geradas por este artigo, ousou ir além da hipótese inicial afirmando que o voluntariado socialmente consciente é um dos caminhos em direção ao que Berne (1995) propôs como Autonomia, através do exercício da Consciência, Espontaneidade e Intimidade. Consciência de viver aqui e agora numa realidade social que impacta, decidir vivê-la com intensidade, escolhendo voluntariar dentro de um leque de alternativas existentes. Espontaneidade para que possa sensibilizar-se e solidarizar-se com esta realidade. E Intimidade vivenciada na experiência solidária do encontro efetivo com aqueles com quem se solidariza.

Percebi, a partir das pesquisas e da convivência, que ser voluntário se torna, ao longo do tempo, parte da própria identidade do indivíduo, que passa a contagiar outros para arregaçar as mangas e seguir juntos nesta empreitada. Conforme sintetiza Premal Shah em seu depoimento:

Não pergunte do que o mundo precisa, pergunte o que te faz sentir vivo, porque o que o mundo precisa é de pessoas que se sintam vivas. Então, eu acho que, se você encontrar a sua motivação, ninguém vai te impedir. E não peça permissão para ninguém, apenas faça. E as pessoas vão começar a se juntar a você e mais cedo ou mais tarde você vai olhar para trás e verá que criou algo que realmente pode mudar o mundo (Premal Shah, In Mourão, 2011).

A Análise Transacional, como filosofia positiva e humanista, auxiliou na compreensão dos fatores que favorecem o crescimento do voluntariado. Percebo que, mais do que uma forma de estruturar o tempo e receber Carícias, voluntariar pode se transformar num meio de expressar seu compromisso consigo e com o mundo, transmutando a indignação em ação digna e inspiradora.

REFERENCIAS¹

BORNSTEIN, David. Como mudar o mundo: empreendedores sociais e o poder das novas ideias. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2005.

BERNE, Eric. Os jogos da vida: análise transacional e o relacionamento entre pessoas. São Paulo: Nobel, 1995.

LINDNER, Andréa. Voluntariado: um olhar a partir da Análise Transacional. Revista Brasileira de Análise Transacional, Porto Alegre, ano 23, out/2014, p. 25-41.*

MOURÃO, Mara (direção). Quem se importa. Documentário, 90 min. Brasil: 2011.

¹ *Acesse o artigo para as referências completas.

GRUPOS DISFUNCIONAIS E A INTERFERÊNCIA DOS JOGOS PSICOLÓGICOS EM SUA DINÂMICA

Andreia Cechin¹, Fernando Arruda², Luciana Nalon³, Vera Mattos⁴

Este trabalho é um convite ao coordenador de grupos, para que observe-os em busca de papéis específicos, mensagens ulteriores, padrões repetitivos de interações.



Possui informações que podem auxiliar na compreensão do comportamento grupal em suas fases, na leitura eficaz da dinâmica de grupos disfuncionais e a partir disto, elencar opções de estímulos



úteis para ajudar o grupo a avançar em seus objetivos. Faz-se necessário considerar a complexidade de elementos que envolvem um grupo, sua teia relacional e como os aspectos intra e inter-relacionais produzem ordem, desordem e reorganização.



Palavras chave: Fases de Grupo; Jogos Psicológicos; Necessidades Relacionais; Funcionalidade de Grupo.

Pretende-se que esse estudo dê suporte àqueles que se dispõem a entender de que maneira o comportamento de um grupo constrói suas bases de funcionalidade tais como produtividade, coesão, objetivos pessoais e coletivos. Considerando que os Jogos Psicológicos emergem como um



¹ Fonoaudióloga, especialista em voz. Analista Transacional Membro Certificado - Área Organizacional pela UNAT-BRASIL. Coach em Comunicação. Pós-graduanda em Dinâmica de Grupos / SBDG. Atua com atendimento individual em Aperfeiçoamento de Comunicação e Expressão desde 1995. Administradora e facilitadora de treinamentos, workshops e grupos de desenvolvimento na ATMA Comunicação Pessoal.

² Arquiteto e Urbanista/UFRJ, MBA Gerenciamento de Projeto/FGV, Curso AT101/UNAT-Brasil;

³ Contadora/Faculdade Santa Cruz, Curso AT101/UNAT-Brasil

⁴ Psicóloga/UFPR, Coaching/ICF, Mentoring/Instituto Holos, Curso AT101/UNAT-Brasil

possível obstáculo a ser identificado e tratado, deseja-se ampliar a compreensão, para que seja viável encontrar novos caminhos de funcionamento.

Os autores experimentaram a observação de grupos com o suporte teórico descrito neste trabalho, analisaram esta experiência para assim contribuir com a comunidade de coordenadores de grupos, como um parâmetro para compreensão e manejo de fenômenos.

Will Schutz teoriza sobre um movimento comum em grupos, a necessidade de os indivíduos vivenciarem as necessidades interpessoais de inclusão, controle e afeto, levando-os a manifestar comportamentos, sentimentos e pensamentos peculiares aos que a maioria se encontra, caracterizando como fases da vida em grupo. É possível passar por cada uma das fases de maneira eficiente e proveitosa, o que torna um grupo funcional, rumo ao alcance de seus objetivos. Para auxiliar na compreensão de interações disfuncionais, foi utilizado o conceito de Jogos Psicológicos, da teoria da análise transacional, através de consulta bibliográfica e observação em campo.

Ao cruzar as definições e descrições de fases de grupo com a incidência de Jogos Psicológicos, levantamos a suposição de que a ocorrência destes parece ser mais frequente na fase de controle. A necessidade de influência, controle, poder e autoridade - características desta fase - podem mobilizar forças psicológicas não conscientes, inclusive estimular os indivíduos a assumirem papéis (perseguidor, salvador e vítima) e interações sequenciais características de Jogos Psicológicos. Acredita-se que, em consequência disso, aconteça a interrupção do processo produtivo, levando o grupo ao risco de estagnar-se ou entregar resultados aquém de suas possibilidades, do seu potencial. A estagnação refere-se àquelas situações em que o grupo pára de produzir e caminhar em direção aos seus objetivos, além de que ao fixar-se em alguma fase, não propicia a evolução e a vivência de outra(s). Estas correlações e hipóteses podem auxiliar a compreender as causas de disfuncionalidade de grupos que têm potencial para produzir e conviver de maneira saudável, e mesmo assim apresentam dificuldades em alcançar objetivos existenciais e afeição, explanado a seguir, conforme concepção de Schutz.

O tema Jogos Psicológicos foi aprofundado além da conceituação, servindo de apoio para a compreensão de fenômenos grupais descritos nos objetivos deste trabalho.

Eles se diferenciam das formas de Estruturação do Tempo acima citadas por possuírem mensagens ocultas e desfecho com caráter dramático. Por definição:

Um jogo é uma série de transações complementares que se desenrolam até um desfecho definido e previsível. Pode ser descrito como um conjunto repetido de transações, não raro enfadonhas, embora plausíveis e com uma motivação oculta. “Para definir de maneira mais simples, Jogos são constituídos por uma série de lances com uma cilada ou ‘truque’ notas meio ou no fim”. (BERNE, 1995, pag.49)

Segundo Krausz (1999, p. 115), “os Jogos são situações transacionais que envolvem não apenas motivações individuais, mas também grupais”.

Na intenção de tornar a teoria de Jogos acessível à compreensão, Karpman (1983) criou um diagrama - chamado Triângulo Dramático - que demonstra a mudança dos papéis durante um jogo:

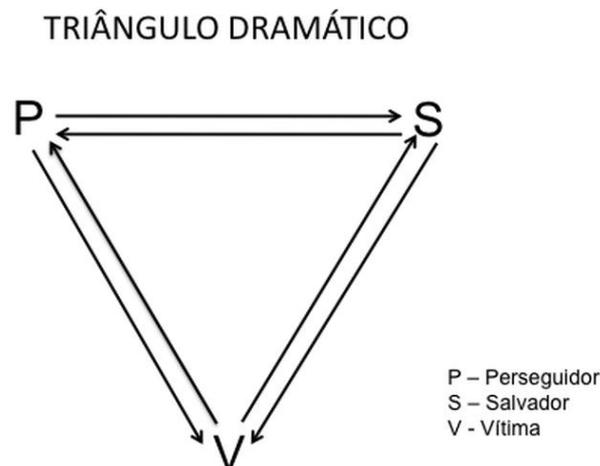


Figura 2: Triangulo Dramático

No decorrer das observações de campo e reflexões, percebeu-se que esses três papéis do triângulo eram insuficientes para compreender os fenômenos dos grupos observados. Havia indícios de jogos, como iscas e respostas, mas existia também a força da cultura organizacional estimuladora do não confronto, com o conseqüente risco de redução da Espontaneidade e Intimidade .

O artigo de Petruska Clarkson (sem data) em conjunção com um artigo anterior (Clarkson, 1987), traz uma contribuição teórica importante para identificar e compreender o papel da omissão como o quarto papel no triângulo dramático (Karpman, 1968). Também de acordo com English (1992, Comunicação Pessoal) é também possível considerar estes três papéis, e o quarto papel (Omisso) em termos de disfarces. No artigo de 1987 o Omisso é o quarto Papel no drama de Jogos e

Scripts, tanto no nível individual quanto no coletivo e, também mostra como o comportamento omissivo se manifesta na vida comum bem como em psicoterapia. O papel de omissos como uma “audiência” ou “espectadores” (dicionário Chamber, 1972, p.178) foi explorado utilizando o material de Desqualificação de Schiff et al (1975).

Um Omissivo é considerado como sendo uma pessoa que deixa de se envolver ativamente em uma situação onde outra pessoa precisa de ajuda... onde uma ou mais pessoas estão em perigo, os omissos poderiam através de algum tipo de ação, afetar o resultado da situação, mesmo não podendo evitá-la. Portanto, por definição, qualquer pessoa que se envolva ativamente em uma situação crítica, independente de definirmos esta escolha como sendo patológica (ligada ao script) ou Autônoma, não é um Omissivo (CLARKSON, 1987, p.82)

Outra teoria que ajudou compreender as motivações que levam aos Jogos Psicológicos foi a Psicoterapia Integrativa, criada pelo Analista Transacional Richard Erskine, que trata das necessidades relacionais e os movimentos que indivíduos fazem para atendê-las.

A Psicoterapia Integrativa leva em consideração várias perspectivas do funcionamento humano, sendo a análise transacional o corpo principal de sua teoria e método (Erskine & Moursund, 1988). Tem foco central avaliar se cada um dos domínios - afetivo, comportamental, cognitivo e fisiológico – está aberto ou fechado para o contato (internamente e externamente), aplicando métodos que facilitem este contato.

Após as observações in loco e análise dos achados, compreendemos que a ocorrência dos Jogos Psicológicos impacta na evolução do grupo e acaba influenciando a sua permanência em alguma fase. Na amostra obtida nas observações, constatamos que a ocorrência dos Jogos de Omissão foi mais frequente na fase de controle. No entanto, é possível que grupos em fase de inclusão desenvolvam Jogos de Omissão, pois se alguns indivíduos tiverem o perfil de inclusão subpessoal, esta pode ser uma força que estimule a ocorrência de comportamento Omissivo.

O estudo das necessidades relacionais ajudou a elencar suposições a respeito das motivações pessoais para iniciar ou se envolver em Jogos Psicológicos. Nos exemplos de Jogos constatados é possível que estivessem a serviço de atender às necessidades relacionais individuais. Acreditamos na possibilidade dos membros atenderem a estas necessidades de maneira saudável e assim fizeram em vários

momentos. No entanto, sabendo-se que nem sempre há consciência de seus processos relacionais, há necessidade de subterfúgios - como Jogos - para que os indivíduos se relacionem em grupo. Quando um grupo escolhe estruturar seu Tempo Social com este tipo de interação, está abdicando das outras maneiras de relacionamento – Isolamento, Ritual, Passatempo, Atividade e Intimidade.

Um achado importante foi a constatação de como os Jogos Psicológicos possuem dinâmica diferente quando acontece entre indivíduos isolados e em grupo. Ficou claro o mecanismo em que subgrupos se fortalecem nos papéis do Triângulo Dramático, como se fossem indivíduos. Outra reflexão que merece nota é que a Análise Transacional considera Jogos Psicológicos como interações limitantes e que estão a serviço de motivações não conscientes para obtenção de Reconhecimento Negativo. Entretanto, apesar de seu caráter dramático e não saudável, os Jogos podem impelir à revelação de enfrentamentos velados, tirando-os da obscuridade da psique grupal e desvelando conflitos que estão presentes, mas vivenciados na Ulterioridade.

A aplicação dos questionários foi considerada necessária para confirmar algumas suposições que foram formuladas ao longo das reuniões observadas. O resultado confirmou que: existe a valorização e a predominância do poder através do conhecimento da doutrina e que alguns participantes fazem uso desse poder ao longo das reuniões. A presença de uma coordenação é vista como fundamental para o andamento dos trabalhos com produtividade, independentemente de ser formal ou informal, porque vem de encontro às necessidades relacionais.

Este trabalho é um convite ao coordenador, para que observe o grupo em busca de papéis específicos, mensagens psicológicas “subentendidas”, padrões repetitivos de interações. Possui informações que podem auxiliar na compreensão do comportamento grupal em suas fases, na leitura da dinâmica de grupos disfuncionais e a partir disto, elencar opções de estímulos úteis para ajudar o grupo a avançar nos objetivos pessoais e grupais, além de vivenciar suas fases.

OBRAS CONSULTADAS:

BERNE, Eric. Os jogos da vida. 3a edição. São Paulo: Nobel, 1995.

CLARKSON, Petruska. Artigo Jogos de Omissão. Sem data

ERSKINE, Richard G. & TRAUTMANN, Rebecca L. O Processo da Psicoterapia Integrativa. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

KRAUSZ, Rosa. Trabalhabilidade. São Paulo: Editora Nobel, 1999.

SCHUTZ, Will. Profunda simplicidade. 4a.edição. São Paulo: Ágora, 1989.

A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM SOB A ÓTICA DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Camila Ramos Emerim¹



O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica que discute os fatores que permeiam as dificuldades de aprendizagem e os relaciona com a teoria psicológica Análise Transacional. Para isso, foram abordados os conceitos de Carícias e Posição Existencial. Conclui que o vínculo afetivo e os padrões de Carícias da família podem fomentar ou bloquear a aprendizagem da criança, assim como sua Posição Existencial, a qual irá interferir em todos os aspectos da vida, incluindo a escola. Conclui ainda que crianças com dificuldade de aprendizagem apresentam, em geral, Posição Existencial depressiva (Não Ok/Ok) ou Niilista (Não Ok/Não Ok).

Palavras-chave: Dificuldade de Aprendizagem; Análise Transacional; Carícias; Posição Existencial.

Buscamos compreender a dificuldade de aprendizagem sob a ótica da Análise Transacional. Partimos da premissa que a dificuldade de aprendizagem é uma construção, um sintoma que a criança apresenta diante de uma condição psicológica que lhe traz sofrimento. E que pode ser reforçado e/ou gerado através das Carícias e Posição Existencial. Entendemos a dificuldade de aprendizagem como resultado

¹ Psicóloga. Especialista em Análise Transacional pela FATEP/UNAT. Atuou como psicóloga escolar na APAE da cidade de Jacinto Machado-SC durante dois anos

de muitos fatores e, por isso, não entendemos que a criança seja a única responsável pelo “fracasso” escolar.

Dificuldade de Aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem (D.A) é um termo que vem circulando nos contextos escolares e, junto dele, vêm muitas dúvidas, alguns preconceitos e muitos rótulos. Existe uma discussão sobre sua própria definição; ainda hoje se observam muitas confusões e utilização de termos que não são correspondentes à dificuldade de aprendizagem. Nesse artigo, entendemos dificuldade de aprendizagem com um olhar semelhante ao de Almeida e cols (1995 apud MARTURANO, 1999, p. 137):

O conceito, descritivo dos fatores precipitantes do baixo desempenho escolar, difere essencialmente do de distúrbio de aprendizagem, pois não situa a origem da dificuldade no indivíduo, mas nas interações entre características pessoais e fatores relacionados ao núcleo familiar, à escola e ao meio social.

A dificuldade de aprendizagem nesse artigo é compreendida não como tendo uma causa biológica, como nos distúrbios de aprendizagem, os quais são decorrentes de imaturidade do desenvolvimento e/ou disfunção neurológica, que interferem diretamente na aprendizagem da criança devido a uma lesão neurológica, por exemplo. Mas sim como uma construção, onde a causa da dificuldade de aprendizagem não está somente na criança, mas sim devido a muitos fatores como: contexto familiar, questões emocionais, sociais e psicológicas. Segundo Figueiredo et al (2007), as crianças com dificuldades de aprendizagem, em geral, têm nível intelectual normal, mas apesar disso, apresentam dificuldades em tarefas específicas. Por isso, entendemos que não há comprometimento cognitivo em relação ao aspecto neurológico. Silvares (1993), em sua pesquisa, relata que os problemas de aprendizagem no Brasil constituem o principal motivo de busca de atendimento psicológico para crianças de 6 a 12 anos.

Análise Transacional e seu olhar sobre Dificuldade de Aprendizagem

Análise Transacional é estruturada a partir de dez conceitos, mas nesse trabalho o foco ficará em dois, que são Carícias e Posição Existencial.

Carícia é um conceito muito importante dentro da Análise Transacional, pois constitui a essência das relações humanas. Por Carícias entendemos que “são estímulos sociais dirigidos de um ser vivo a um outro, o qual, por sua vez, reconhece a existência daquele.” (KERTÉSZ, 1987, p.71). Todo ser humano tem fome de Carícias; temos a necessidade de sermos reconhecidos, e isso é o que move as relações humanas. Quando atender essas necessidades de forma positiva (Carícias Positivas) não é possível, o ser humano busca suprir esse contato de forma negativa, o que chamamos de Carícias Negativas.

Conforme o tipo de reconhecimento que recebemos das pessoas de nossa família, que são os primeiros contatos/relações da criança, a pessoa vai formando um conceito sobre si mesmo, e esse conceito será bom ou mal, dependendo da forma como a criança é tratada na sua família. A esse conceito a Análise Transacional chama de Posição Existencial, “que é a forma como percebemos a nós mesmos em relação às outras pessoas.” (KERTÉSZ, 1987, p. 86). A Posição Existencial é uma decisão da pessoa, mas essa decisão acontece quando criança, e é reconfirmada nas relações depois que crescemos. Essas convicções têm a chance de permanecer para o resto de sua vida. Para Berne, essas convicções ou pensamentos que temos sobre nós mesmos e os outros, podem ser resumidas em: Eu estou Ok ou Eu Não estou Ok. Você está Ok ou Você Não está Ok. “É com base nisto que ela toma sua decisão de vida.” (BERNE, 1988, p. 81).

Eric Berne traz em sua teoria uma premissa básica que diz que todas as pessoas nascem Ok, isso quer dizer que, retirando fatores orgânicos, genéticos, as pessoas nascem saudáveis. Segundo Steiner (1976, p. 15) “as pessoas nascem Ok, e as sementes dos distúrbios emocionais, da infelicidade e da loucura não se acham nelas, e sim nos seus pais.”. Partindo dessa premissa que as pessoas, quando nascem, são naturalmente Ok, podemos entender que uma criança não nasce com dificuldade de aprendizagem. Retirando as possibilidades orgânicas, podemos dizer que toda criança nasce com plena capacidade de aprender e desenvolver capacidades escolares. E, então, podemos nos questionar da seguinte forma: Se todos nascem Ok, com plenas capacidades, o que acontece com uma criança, para que ela desenvolva uma dificuldade de aprendizagem? O que se pode pensar é que padrões de Carícias podem fomentar ou bloquear a aprendizagem. Nossos pais ou responsáveis são grandes fontes de Carícias positivas e negativas. E todo ser

humano busca suprir suas necessidades de Carícias de várias formas. Crianças com dificuldade de aprendizagem podem estar com fome de reconhecimento ou estar recebendo Carícias por meio da Dificuldade de Aprendizagem; algumas tendem a receber muitas Carícias por isso.

Sabemos que algumas atitudes, mesmo não sendo intencionais, geram consequências aos filhos. Como o exemplo de pais que não valorizam a educação escolar e/ou não se importam se o filho está aprendendo ou não. Pais que não participam da vida escolar dos filhos. Pais que valorizam muito os erros e, diante de uma dificuldade dos filhos, tendem a chamá-los de “burros”, “imbecis”, “idiotas”, “lerdos” levando seus filhos a acreditar que eles realmente devem ser aquilo que os pais dizem. Ou quando a criança consegue tirar notas boas e não recebe Carícias, ou escuta: “Você não fez mais que sua obrigação.”. E quando, tira notas baixas, recebe Carícias de superproteção ou Carícias negativas, ela pode concluir que “Se tiro nota alta nada acontece, se tiro nota baixa o ambiente me dá Carícias, então vou tirar notas baixas.”. Nossas escolhas são baseadas em nossas necessidades de Carícias. Por isso, nossos comportamentos são fomentados por Carícias recebidas. É através das Carícias que recebe que a pessoa passa a formar sua Posição Existencial. Se a criança recebe muitas Carícias negativas, a mesma tende a desenvolver uma Posição Existencial sobre si negativa. Segundo Stevanato et al (2003), crianças com dificuldade de aprendizagem na escola apresentam baixa autoestima em relação ao status intelectual, comportamento, ansiedade e satisfação, comparadas a crianças que não têm dificuldade de aprendizagem.

Essa pesquisa vem confirmar o que havíamos falado sobre a Posição Existencial, a criança com dificuldade de aprendizagem apresenta, segundo a pesquisa, uma Posição Existencial “Eu Não estou Ok/ Você está Ok”, a posição, segundo Berne e Kertész, denominada Depressiva, na qual as qualidades dos outros são vistas, mas as dele são desqualificadas. A criança tende a pensar que ela realmente é “burra” como os pais, os professores e até mesmo os colegas dizem que ela é, e passa a comportar-se de forma a corresponder àquilo que pensa sobre si. E sabemos que a forma como a pessoa se vê orienta a forma como ela se relaciona com o mundo, como se coloca nessas relações. Sendo assim, se a criança acredita que ela é ruim, que não sabe de nada, que é “burra”, ela possivelmente bloqueará sua aprendizagem, podendo até tentar aprender, mas irá desistir nos primeiros desafios

que tiver, pois se vê incapaz. Sente-se inferior ao outro e, assim, terá medo, vergonha de manifestar suas ideias e até mesmo suas dúvidas. Kertész (1987, p. 90), ao falar sobre Posição Existencial Depressiva (Eu Não Ok/Você Ok), refere que “adota-se esta posição quando se é perseguido, criticado, humilhado ou então superprotegido na infância.”.

Segundo Santos (2014), a construção cognitiva ou intelectual passa, de certo modo, pelas construções afetivas e, se essas não são responsáveis unicamente pela construção cognitiva, ao menos, possivelmente podem ser capazes de acelerar ou retardar os processos de aprendizagem. Algumas crianças ainda podem escolher a Posição Existencial “Eu não sou Ok/ Você não é Ok”, que é a Posição de “ir a lugar nenhum”. Segundo Ernst (2010), esta é a Posição na qual as pessoas não chegam a lugar nenhum, pois a pessoa acredita não ser capaz de fazer algo por si mesmo e acredita que o outro também não seja capaz de ajudá-la ou de fazer algo para sair dessa situação. Adotam uma postura de “não adianta”, “desista”. Crianças com essa Posição Existencial possivelmente nem tentarão aprender algo e em breve abandonarão a escola, já que não se veem capazes de aprender e desqualificam qualquer pessoa que tente lhes ensinar.

Considerações finais

Os vínculos afetivos e a forma como os familiares se relacionam com a criança, envolvendo, nesse caso, os padrões de Carícias, têm sua relevância e podem impulsionar ou bloquear a aprendizagem. Crianças com dificuldade de aprendizagem possivelmente não tiveram suas necessidades atendidas e desenvolveram uma visão negativa sobre si e sobre os outros e, em geral, apresentam Posição Existencial depressiva (Não Ok/ Ok) ou Niilista (Não ok/Não Ok). E uma criança que não acredita na sua própria capacidade e habilidade de aprender, possivelmente terá problemas na escola.

Sendo assim, podemos concluir, embasados na Análise Transacional, que crianças que têm suas necessidades de Carícias Positivas saciadas, terão também uma Posição Existencial saudável, o que permitirá que essas crianças se desenvolvam de forma Ok e, conseqüentemente, tenham sucesso escolar. Lembramos que a primeira e principal fonte de Carícias de uma criança é a família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino. Tradução Rosa Krausz. São Paulo: Nobel, 1988. 356 p.

ERNST, Franklin H. O Curral Ok: O diagrama para seguir junto. Prêmios Eric Berne: 1971-1997. 4ª ed. Porto Alegre, p. 140-154. Mar 2010.

FIGUEIREDO, Vera L. M. de; et al. Habilidades cognitivas de crianças e adolescentes com distúrbio de aprendizagem. Psico-USF. Pelotas – RS. v. 12, n. 2, p. 281-290, jul./dez. 2007.

KERTÉSZ, Roberto. Análise Transacional ao vivo. Tradução Beatriz Sidou. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1987. 167 p.

MARTURANO, Edna Maria. Recursos no Ambiente Familiar e Dificuldades de Aprendizagem na Escola. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Ribeirão Preto -SP. v.15, n. 2, p. 135-142, maio-ago 1999.

SANTOS, Marcelo Pelucio dos. A importância dos vínculos afetivos com os pais e professores no desenvolvimento da aprendizagem da criança. 2014. 18p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia Clínica). Faculdade Paulista – Fundepe. Marília- SP.

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida: A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas. Tradução: George Schlessinger. Rio de Janeiro: Artenova S.A, 1976. 298 p.

STEVANATO, Indira Siqueira; et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003.

SILVARES, Edwiges. F. M. O papel preventivo das clínicas- escola de psicologia em seu atendimento a crianças. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, n. 2, p. 87-97, 1993.

É POSSÍVEL CONCILIAR OS LIMITES E AS CARÍCIAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS?

Beatriz Galatto Nesi¹



O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância dos limites e das Carícias para o desenvolvimento infantil, enfatizando as fases de desenvolvimento e o que cada uma necessita. Os limites possibilitam à criança segurança e noções do que ela poderá fazer, e as Carícias trazem benefícios importantes para o bem estar, além de reconhecimento e valorização da pessoa. O texto ressalta o papel dos pais nesse processo, principalmente na forma com que eles se relacionam com os filhos, em especial, a partir do Estado de Ego condizente com o comportamento apresentado.

Palavras chave: Limites. Carícias. Desenvolvimento Infantil.

A infância é um período do desenvolvimento humano no qual as crianças fazem muitas descobertas e vivem grandes transformações. É uma etapa importante, pois há a formação do indivíduo e da sua personalidade. E tudo isso contribuirá para um desenvolvimento biológico, psicológico e social saudável.

À medida que a criança irá crescendo, começará a compreender o mundo que lhe cerca e aprenderá a lidar com os outros e consigo mesma.

O presente artigo será dividido em quatro partes. Na primeira, destaca-se o desenvolvimento, em especial, o infantil. Segundo Levin-Landheer (2010), o desenvolvimento humano é um ciclo composto por Estágios, os quais iniciam na infância e irão se repetir ao longo da vida. Diante disso, todo o cuidado, o afeto, os limites recebidos no início da vida serão marcantes e decisivos no desenvolvimento, incluindo no amadurecimento, Autonomia, modo de agir no mundo, sentimentos,

¹ Psicóloga. Pós-Graduada em Análise Transacional pela FATEP/UNAT. Atua como Psicóloga na Secretaria da Educação, Esporte e Cultura do município de Cocal do Sul, no consultório particular na Clínica de Fisioterapia Santa Inês. Trabalha também no CEI Favo de Mel, Docente do Centro de Educação Ângelo Colombo LTDA - Colégio Imagem e voluntária na ONG Casa Guido.

pensar, regras, entre outros. Desse modo, essas influências serão baseadas nas relações com o ambiente familiar, bem como no meio social no qual a criança está inserida. Em especial, a família possui um papel fundamental quando envolve as Carícias e os limites.

Na segunda parte irá se destacar o termo Carícias que, segundo Steiner (1974), refere-se a uma estimulação especial que uma pessoa dá à outra. As Carícias são necessárias para a sobrevivência e quando há essa troca, os sujeitos se envolvem. A Carícia é uma forma positiva de reconhecimento e valorização do indivíduo. Assim, percebe-se o quanto o afeto e o cuidado contribuem para o desenvolvimento. No entanto, sabe-se que quando se trata de impor os limites, observa-se que, muitas vezes há uma ambivalência por parte dos pais e responsáveis; ora há permissividade, ora há autoritarismo. Isto, provavelmente, é influenciado pelo novo contexto social das famílias, que envolve o excesso de trabalho e os meios eletrônicos.

Na terceira parte, o artigo mostrará a relevância dos limites. De acordo, com Paggi e Guareschi (2004), as práticas compensatórias, como presentear com objetos de consumo, são mantidas pela culpa e o pouco tempo que os pais têm. E nesse caso, isso interfere no desenvolvimento da criança, pois o presente será um prazer momentâneo, diferente do que lhe está realmente faltando, que é amor, cuidado, atenção e, principalmente, limites.

Quando há a falta de limites e de Carícias, isso provoca na criança uma sensação de abandono, pois não há estímulos positivos para dizer o que ela pode fazer e estímulos negativos para lhe indicar o que ela não pode fazer. A forma com que estimulamos as crianças, sejam os pais ou responsáveis, irá influenciar nas atitudes, no respeito consigo e com os outros. A partir disso, a forma com que se colocam as Carícias e os limites irá depender do Estado de Ego de quem os produz.

E os Estados de Ego são definidos por Eric Berne (1985) que o Estado de Ego está interligado a um sistema de pensamentos e sentimentos bem como a um conjunto de padrões de comportamentos de um indivíduo. Destaca-se que o Estado de Ego representa um modo de ser, pensar, sentir e agir. São colocados em categorias, sendo três, o Pai, o Adulto e a Criança.

A maneira com que selecionamos os comportamentos das crianças poderá gerar estímulos de recompensa e também estímulos de punições por específicas ações.

Reconhece-se que as crianças se moldam e se adaptam, tanto às nossas realidades, quanto às nossas possibilidades.

Por fim, na última parte do artigo, corrobora-se a importância em se compreender que os limites e as Carícias são necessários para o desenvolvimento da criança e que sofrem influências dependendo do Estado de Ego com que são dados.

Deste modo, a questão que serve de base para as reflexões deste artigo é como conciliar os limites e as Carícias no desenvolvimento das crianças?

A metodologia do presente artigo se pauta pela pesquisa bibliográfica e qualitativa, tendo sido realizado um levantamento de dados a partir de referências teóricas publicadas em livros e artigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNE, Eric. Análise Transacional em Psicoterapia. São Paulo: Summus, 1985.

LEVIN-LANDHEER, Pámela. Ciclos do Desenvolvimento. (1982) In: UNAT-BRASIL. Prêmios de Eric Berne: (1971-1997). Porto Alegre: UNAT-BRASIL, 2010. P. 181-200.

PAGGI, Karina Preisig, GUARESCHI, Pedrinho A. O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

STEINER, Claude. Os Papéis que Vivemos na Vida. São Paulo: Artenova, 1974.

OBRAS CONSULTADAS

BABCOCK, E. Dorothy. KEEPERS, D. Terry. Pais OK. Filhos OK. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

BERNE, Eric. O que você diz depois de olá?: a psicologia do destino. São Paulo: Nobel, 1988.

JAMES, Muriel. Análise Transacional para Mães e Pais. São Paulo: Brasiliense, 1978.

JAMES, Muriel. Um novo "eu": autoterapia pela Análise Transacional. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1982.

KERTÉSZ, Roberto. Análise Transacional ao Vivo. 3. ed. São Paulo: Summus, 1987.

WOOLAMS, Stan & BROWN, Michael. Manual Completo de Análise Transacional. São Paulo. Cultrix, 1979.

CARÍCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORES PODEM CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DAS CRIANÇAS

Rosa Cristina Ferreira de Souza¹



Este artigo tem o objetivo de problematizar aspectos da interação entre professoras e crianças da educação infantil (na faixa de 2-3 anos), a partir do conceito de Carícias – Análise Transacional. O material de análise consiste em um recorte do corpus que constitui pesquisa de doutorado da autora²(SOUZA, 2014) e consiste na descrição de um acontecimento rotineiro no contexto da escola estudada envolvendo duas crianças em conflito e a intervenção da professora. A análise aponta para a necessidade de instrumentalização das professoras para que promovam maior qualidade no desenvolvimento emocional infantil.

Palavras-chave: Carícias. Análise Transacional. Educação infantil.

O conceito de Carícia foi apresentado por Eric Berne ([1961] 1977), como Unidade de Reconhecimento Humano referindo-se a estímulos sociais trocados entre as pessoas. Tais estímulos podem ser físicos, verbais ou de outra natureza. Ocorre que Carícias podem ser Positivas ou Negativas, condicionais ou incondicionais (BABCOCK; KEEPERS, 1976) e tanto a abundância ou escassez de Carícias quanto à maneira como são emitidas interfere no modo como as crianças percebem e se posicionam no mundo.

Kertész (1987) considera que as Carícias são estímulos sociais realizados por meio do reconhecimento de um ser vivo para com outro. Kértész (1987) apresenta uma classificação das Carícias a partir das seguintes categorias: Considerando sua influência no bem-estar (físico, psicológico e social), podem ser adequadas, que

¹ Psicóloga. Especialista em Análise Transacional pela FATEP/UNAT. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina.

²A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina e encontra-se registrada sob o protocolo 12.545.8.01.III emitido em 08/04/2013.

umentam o bem-estar em longo prazo ou inadequadas, que provocam o mal-estar a curto ou longo prazo. Pela Emoção ou sensação que convidam a sentir, podem ser Positivas, entendidas como aquelas que convidam a emoções ou sensações agradáveis ou Negativas, as que convidam a emoções ou sensações desagradáveis. Ainda pelas exigências ou condições para dar ou receber Carícias, podem ser Incondicionais quando dadas ou recebidas pelo simples fato da pessoa existir ou Condicionais, dadas ou recebidas por comportamentos objetivos (dizer ou fazer, ou não dizer ou não fazer algo). E, por fim, pelo meio de transmissão, são classificadas em físicas ou de contato, verbais, gestuais e escritas.

Steiner (1997) identifica que existe uma monopolização acerca das Carícias a qual denominou Economia de Carícias. As pessoas aprendem que não devem dar Carícias mesmo que possam ou queiram dar, que não devem pedir Carícias quando precisam ou simplesmente querem, não devem aceitar Carícias mesmo que as queiram, não devem rejeitar Carícias, mesmo sendo Carícias inadequadas e Negativas.

A inserção das crianças em relações de economia de Carícias pode inibir o que Steiner (1997) chamou de Educação Emocional, a habilidade de entender suas emoções, expressá-las, ouvir os outros e ter empatia por suas emoções tendo a capacidade de compreendê-las, administrá-las e controlá-las. (STEINER, 1997).

Como uma instituição socializadora, a escola influencia no processo de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Também os professores, assim como pais e babás, são pessoas que convivem longos períodos de tempo com crianças e têm forte influência na forma como estas administrarão suas Carícias.

A Educação Infantil (via instituição escolar) tem compromisso sociopolítico e pedagógico preconizado pelas Diretrizes Nacionais (BRASIL, 2009), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, por meio de práticas pedagógicas cotidianas.

O trabalho pedagógico organizado em creche ou pré-escola, em que cuidar e educar são aspectos integrados, se faz pela criação de um ambiente em que a criança se sinta segura, satisfeita em suas necessidades, acolhida em sua maneira de ser, onde ela possa trabalhar de forma adequada suas emoções e lidar com seus medos, sua raiva, seus ciúmes, sua apatia ou hiperatividade, e possa construir hipóteses sobre o mundo e elaborar sua identidade (sic). (OLIVEIRA, 2010, p.10)

Ou seja, a dimensão 'cuidado' é prioritária e não há como educar a criança sem que sejam atendidas suas necessidades básicas de ordem física, social e psicológica: higiene, alimentação, descanso, saúde, acolhimento, respeito, convívio, entre outros. Tendo em vista o exposto, considera-se a relevância do estudo do sistema de Carícias das creches, pois se vincula diretamente ao eixo cuidar-educar. Portanto, discute-se, na sequência, o modo como as professoras de Educação Infantil conduzem situações envolvendo conflito entre as crianças sob a perspectiva do conceito de Carícia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se no cotidiano da creche grande empenho das professoras para promoverem a boa convivência entre as crianças. Um aspecto chama atenção pela alta repetição, o incentivo e a cobrança das professoras para que as crianças se desculpem quando entram em conflito por algum motivo: disputa de brinquedos, xingamentos, colisões, tapas e outros. Abaixo é apresentada uma das cenas:

Um menino e uma menina estão sentados sobre um tapete no pátio externo. De frente uma para a outra, brincam com seus pés tocando-os em movimento de empurrar os pés uma da outra. O movimento se repete algumas vezes e o menino decide empurrar com mais força seu pé que bate no corpo da menina. Ela chora e sai em direção à professora, se queixando e chorando. A professora vai buscar o menino e retorna com ele para o lugar onde estava sentada observando as crianças. A menina havia permanecido ali. Então ela aproxima as duas crianças e toma duas atitudes: Adverte o menino, com o dedo em riste, dizendo, em tom baixo, mas de zanga: "Não pode bater! Ela é tua amiga. Pede desculpa!" Nesse momento as crianças estão de pé e de frente uma para a outra. A professora coloca as mãos nas costas de ambas e as aproxima mais, dizendo: "Abraça a tua amiga. Dá beijo.". O menino executa todas as ações pedidas. A menina se deixa abraçar, mas seus braços estão esticados rente ao seu corpo. Não é receptiva. Sua expressão facial não se alterou com o gesto do menino. A cena se encerra com a professora dizendo às duas crianças para irem brincar. (Souza, 2014).

Provavelmente o pedido de desculpas produz diferentes sentidos para os três envolvidos. Se reconhecida como o sujeito que sente, que é afetado emocionalmente, talvez fosse possível deixar que a menina escolhesse como quer receber as desculpas e se quer fazê-lo, que Carícia quer pedir ou recusar. Entretanto, do modo como a professora intervém, comprimindo as mãos nas costas da menina para aproximá-la do abraço de desculpas, há uma imposição que pode

ser lida como: “Aceite Carícias ainda que não queira”. Culturalmente, saber desculpar é ser educado e há a crença de que resolve/minimiza conflitos, instaura a paz. Entretanto, da forma como se apresenta, podem ser entendidas como Carícias inadequadas do ponto de vista da classificação de Kertész (1987), pois provocam mal estar. A professora proporciona à menina uma Carícia inadequada, uma vez que se percebe a resistência dela ao abraço/pedido de desculpas do menino – a não receptividade pode ser indicadora de sensação de mal estar diante do gesto.

Utilizando seu Estado de Ego Pai Crítico a professora desconsidera a emoção da menina, já que não pergunta a ela como se sente e o que quer fazer ou pedir diante do acontecido, não promove o diálogo entre as crianças de modo que o menino também possa reconhecer como sua ação repercutiu na colega. O que se percebe é a reprodução de um gesto “mecânico” de: “fez coisa errada, peça desculpa” e “aceite desculpas”. Para não deixar dúvidas, “abracem-se”, assim tudo ficará bem. É também no Pai Crítico que a professora transaciona com o menino: com o dedo em riste e tom da voz zangado, assume posição autoritária proibindo que bata na colega e o conduz à aproximação física/abraço.

É importante ressaltar que a professora executa seu papel entendendo que sua ação está adequada, que é a forma correta de conduzir o processo e estabelecer bem estar atendendo à prerrogativa da LDB: educar e cuidar. Não se dá conta de que está utilizando o Pai Protetor Negativo, pois não promove o desenvolvimento emocional das crianças. A Transação é dirigida ao Estado de Ego Criança Adaptada de ambas as crianças, pois há uma Injunção parental a ser cumprida. Possivelmente poderíamos colocar da seguinte forma: “Sejam bonzinhos e comportados: não incomodem, não façam confusão (não questionem). Desculpem-se mutuamente. A vida segue”.

Dessa forma a energia e espontaneidade da Criança Livre ficam ameaçadas. Resta pouco espaço para emergir e a lei de Economia de Carícias a confunde. Baixar o Pai Crítico, acionar o Adulto para que avalie as situações e reconheça o Pai Protetor Positivo pode contribuir para que a Criança expresse e desfrute Carícias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor(a)/educador(a) pode ser um importante colaborador não só da educação formal, da construção da cidadania, mas também da construção do sujeito. Portanto, a forma como lida com as crianças, particularmente com suas emoções (por exemplo, se fica indiferente, utiliza repreensões ou permissões), interferirá no desenvolvimento infantil (com repercussões na vida adulta).

Considerando que cuidar e educar são aspectos integrados, é necessário que na creche/escola a criança tenha suas necessidades atendidas e seja acolhida em sua maneira de ser, sentir e comportar-se. Isso significa respeitar a criança como sujeito e promover oportunidade para que possa reconhecer e saber lidar com suas emoções, recusar e pedir Carícias, falar e ser ouvida. Portanto, destaca-se a relevância da Educação Emocional no contexto escolar. É importante que as professoras possam reconhecer e saber lidar com suas próprias emoções, conhecer seu sistema de Carícias para que possam estabelecer vínculos saudáveis e promotores de Autonomia junto às crianças. Aprender a lidar com os seus sentimentos e reconhecer e catexizar os Estados de Ego adequados perante situações que podem ocorrer com as crianças ou com elas mesmas produz resultados positivos para o processo educativo, pois repercute em alta qualidade nas relações interpessoais.

REFERÊNCIAS

BABCOCK, Dorothy; KEEPERS, Terry. Pais ok, filhos ok. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá? São Paulo: Nobel, [1971] 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer homologado pelo despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 9/12/2009, Seção 1, p. 14-22. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2097&Itemid.. Acesso em: 20 abr. 2014

KERTÉSZ, Roberto. Terceiro instrumento: Estímulos Sociais ou Carícias. In: _____. Análise Transacional ao vivo. São Paulo: Summus, 1987. cap. 4, p. 71-85.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. O currículo na educação infantil: o que propõe as novas Diretrizes. In: BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. 2010. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096. Acesso em: 30 abr 2014

SOUZA, Rosa Cristina Ferreira. Manifestações afetivo-emotivas na infância: efeitos de sentido produzidos no discurso de professoras de educação infantil. 2014. 167 f. Tese de doutorado (Doutorado em Ciências da Linguagem)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2014.

STEINER, Claude M. A Economia de Carícias. In: _____. UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS. Prêmios Eric Berne: 1971-1997. Porto Alegre: Suliani, [1971]1997. p. 107-129.

GLOSSÁRIO

O presente glossário¹ é uma transcrição de alguns conceitos mencionados no Glossário do livro de Eric Berne: **O que você diz depois de dizer olá?** São Paulo: Nobel, 1988. p.351-357.

Termo	Descrição
Adulto (<i>Adult</i>)	Um Estado de Ego orientado para o processamento de dados objetivo e autônomo e para o cálculo de probabilidades.
Análise estrutural (<i>Structural analysis</i>)	Análise da personalidade ou de uma série de transações, segundo os Estados de Ego Pai, Adulto e Criança.
Análise transacional (<i>Transactional analysis</i>)	1. Um sistema de psicoterapia baseado na análise das transações e cadeias de transações que ocorrem nas sessões de terapia. 2. Uma teoria da personalidade baseada no estudo de Estados de Ego específicos. 3. Uma teoria de ação social baseada na análise rigorosa de transações num número exaustivo e finito de classes, com base nos Estados de Ego específicos envolvidos. 4. A análise de transações únicas através de diagramas transacionais. Esta é a análise transacional propriamente dita.
Comportamento de jogo (<i>Game behavior</i>)	Comportamento que parece calculado mais para a obtenção de um desfecho de figurinhas do que para alcançar o seu propósito declarado.
Comportamento de <i>Script</i> (<i>Script behavior</i>)	Comportamento que parece mais motivado pelo <i>Script</i> do que por considerações racionais.
Contrato (<i>Contract</i>)	Um acordo explícito entre paciente e terapeuta, que declara a meta do tratamento a cada uma das fases.
Criança (<i>Child</i>)	Um Estado de Ego arcaico. A Criança Adaptada (<i>Adapted Child</i>) segue as diretivas parentais. A Criança Natural (<i>Natural Child</i>) é autônoma.
Decisão (<i>Decision</i>)	Um comportamento da infância com uma certa forma de comportamento que mais tarde forma a base do caráter.
Desfecho (<i>Payoff</i>)	O destino último ou encenação final que marca o fim de um plano de vida.
Disfarce (<i>Racket</i>)	A sexualização ou procura transacional e exploração de sentimentos desagradáveis.
Diretivas (<i>Directives</i>)	Controles, padrões e outra equipagem do <i>Script</i> .
Drama familiar (<i>Family drama</i>)	Uma série de eventos dramáticos que ocorrem repetidamente em cada família e que forma o esboço do <i>Script</i> .
Esboço (<i>Protocol</i>)	As experiências dramáticas originais sobre as quais está baseado o

^{1*} As palavras em inglês entre parênteses são os termos originais utilizados por Berne

	<i>Script.</i>
Estado de Ego (<i>Ego state</i>)	Um padrão consistente de sentimento e experiência relacionado diretamente a um padrão de comportamento consistente correspondente.
Fraqueza (<i>Gimmick</i>)	Uma atitude especial ou fraqueza que torna a pessoa vulnerável a comportamentos de <i>Script</i> ou jogo
Fórmula (<i>Formula</i>)	A sequência de acontecimentos para o progresso do <i>Script</i> expressa numa fórmula, através da simbologia das letras: IPP> PR> C> CI
Fórmula do jogo (<i>Game formula</i>)	Uma sequência de eventos que ocorre num jogo, expressa como uma fórmula através de letras simbólicas: I+F=R>M>C>D
Fracasso (<i>Failure</i>)	Se o <i>Script</i> não pode ser cumprido, leva ao desespero.
Frenador (<i>Stopper</i>)	Uma injunção ou proibição de um <i>Script</i> .
Ilusão (<i>Illusion</i>)	Uma esperança pouco provável à qual a Criança se prende e que influencia todos os seus comportamentos decisivos.
Injunção (<i>Injunction</i>)	Uma proibição ou um comando negativo de um progenitor.
Interruptor (<i>Button</i>)	Um estímulo interno ou externo que liga o comportamento de jogo ou de <i>Script</i> .
Intimidade ou nivelamento (<i>Intimacy</i>)	Uma reciprocidade de expressão emocional sem exploração e livre de Jogos.
Jogo (<i>Game</i>)	Uma série de transações com uma isca, uma fraqueza, uma mudança e uma confusão, levando ao desfecho.
Maldição (<i>Curse</i>)	Uma injunção do <i>Script</i> .
Marciano (<i>Martian</i>)	Alguém que observa os acontecimentos terrenos sem pré-concepções.
Matriz (<i>Matrix</i>)	Um diagrama mostrando as diretivas parentais que formam a base do <i>Script</i> .
Moeda (<i>Currency</i>)	O meio que leva ao desfecho do <i>Script</i> : dinheiro, palavras ou tecido humano, são exemplos.
Mudança (<i>Switch</i>)	1. A mudança de um papel para outro no jogo ou no <i>Script</i> . 2. Uma manobra que força ou induz outra pessoa a mudar de papel. 3. Um estímulo interno ou externo que aciona o comportamento adaptativo.
Mundo (<i>World</i>)	O mundo distorcido no qual o <i>Script</i> é representado.
Não-ganhador (<i>Nonwinner</i>)	Alguém que trabalho duro para empatar.
Pai (<i>Parent</i>)	Um estado de ego emprestado de uma figura parental. Poderá funcionar como uma influência diretiva (o Pai Influenciador) ou ser diretamente exibida como comportamento parental (o Pai Ativo). Poderá ser nutritivo ou controlador.

Padrão (Pattern)	Um estilo de vida baseado em instrução ou exemplo parental.
Palavras OK (OK words)	Palavras premiadas com a aprovação parental.
Perdedor (Looser)	Alguém que não cumpre um propósito declarado.
Permissão (Permission)	1. Uma licença para comportamento autônomo. 2. Uma intervenção que dá ao indivíduo uma licença para desobedecer a uma injunção parental se este estiver preparado, disposto e capaz, ou o libera da provocação parental.
Plano de vida (Life plan)	O que se espera que aconteça de acordo com o <i>Script</i> .
Ponto de vista marciano (Martian viewpoint)	Quadro mental o mais ingênuo possível para observar os acontecimentos terrenos.
Ponto de vista terráqueo (Earthian)	Pessoa obscurecida por pré-concepções (<i>preconceptions</i>) aprendidas de outros, em geral na primeira infância.
Posição (Position)	Um conceito de “Oqueidade” e “não-Oqueidade” que justifica uma decisão. Uma posição a partir das quais se fazem os Jogos.
Prescrição (Prescription)	Um conjunto de preceitos oferecidos por um pai nutritivo.
Primal (Primal)	A versão mais antiga do <i>Script</i> , baseada na interpretação que o infante faz do drama familiar.
Programa (Program)	O estilo de vida que resulta de todos os elementos do aparato do <i>Script</i> , tomados conjuntamente.
Reparentalização (Re-parenting)	Eliminar a programação parental inicial e substituir por um programa novo e mais adaptativo através da regressão, especialmente em esquizofrênicos.
Riso da força (Gallows laugh)	O riso ou sorriso que acompanha uma Transação da força e que geralmente é acompanhado pelo riso dos presentes.
Sentença de vida (Life sentence)	Um desfecho de <i>Script</i> negativo, mas não fatal.
<i>Script</i> (Script)	Um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida.
Tempo de meta (Goal time)	Um período que termina com o atingir de uma meta.
Tempo do relógio (Clock time)	Período medido pelo relógio ou calendário.
Terráqueo (Eathian)	Pessoa cujos julgamentos baseiam-se em pré-concepções não no que está realmente acontecendo. Um cara quadrado.
Tensão antecipada (Reach-back)	O período de tempo durante o qual um acontecimento eminente influencia o comportamento.
Trajectoria de vida (Life course)	O que realmente acontece.
Transação (Transaction)	Um estímulo transacional de um determinado Estado de Ego no agente, mais uma resposta transacional de um determinado Estado de

	Ego do respondente. Uma Transação é a unidade da ação social.
Transação da força (<i>Gallows-transaction</i>)	Uma Transação que leva diretamente ao desfecho do <i>Script</i> .
Triângulo Dramático (<i>Drama triangle</i>)	Um diagrama simples mostrando as possíveis mudanças de papel num jogo ou <i>Script</i> . Os três papéis principais são Perseguidor (<i>persecutor</i>), Vitima (<i>Victim</i>) e Salvador (<i>Rescuer</i>)
Velocidade (<i>Velocity</i>)	O número de mudanças que ocorrem num <i>Script</i> numa certa unidade de tempo.
Vencedor ou triunfador (<i>Winner</i>)	Alguém que alcança os seus propósitos declarados.
Visão de mundo (<i>World view</i>)	A visão distorcida que a Criança tem do mundo e das pessoas à sua volta e sobre a qual se baseia seu <i>Script</i> .

A presente edição foi composta pela Comissão Organizadora do XXV CONBRAT
On-line

